

IΦ-SOPHIA

Revista eletrônica de investigações filosóficas, científicas e tecnológicas

Religião e religiosidades no mundo Antigo



**GRUPO DE PESQUISAS FILOSOFIA. CIÊNCIA E TECNOLOGIAS - IFPR
&
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - UFPR**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ORGANIZADA POR:



Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR – Assis Chateaubriand

EM PARCERIA TÉCNICO PEDAGÓGICA INFORMAL COM:



DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - PGFILOS

EDITADA E PUBLICADA POR:



JPJ Editor



PARCEIROS FORMAIS E INFORMAIS



INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ
Câmpus Assis Chateaubriand

E OS CAMPI: Cascavel, Coronel Vivida, Umuarama, Goioerê, Pitanga e Campo Largo.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR – Reitor
pro tempore – Odacir Antônio Zanatta**

Pró-reitor de Ensino – Sérgio Garcia dos Mártires

Pró-reitor de Pesquisa, Ensino e Inovação – Marcelo Estevam

Diretor Geral do campus IFPR – Assis Chateaubriand – José Provetti Junior

Diretor de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação – Bruno Garcia Bonfim

Coordenador de Pesquisa, Extensão e Inovação – Franchesco Della Flora

Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR – Assis Chateaubriand

Coordenação Geral - José Provetti Junior

Coordenação de Publicações - Claudia Dell'Agnolo Petry

Editor - José Provetti Junior

Comissão Editorial - Claudia Dell'Agnolo Petry, Vicente Estevam Sandeski, José Provetti Junior

Diagramador - José Provetti Junior

Revisor do periódico - José Provetti Junior, Michelli Cristina Galli, Patrícia de Lara Ramos e Kátia Cristiane Kóbus Novaes

Conselho Editorial

Professora Ms. (RSCIII) Claudia Dell'Agnolo Petry – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutor Vicente Estevam Sandeski – IFPR – Colombo

Professor Ms. (RSCIII) José Provetti Junior – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Doutorando Daniel Salesio Vandresen – IFPR – Coronel Vivida

Professora Especialista Kátia Cristiane Kobus Novaes – IFPR – Assis Chateaubriand

Professor Ms. (RSCIII) Rafael Egidio Leal e Silva – IFPR – Umuarama

Professor Dr. Leandro Neves Cardim – UFPR – Curitiba

Professor Dr. Rodrigo Brandão – UFPR – Curitiba

Professor Dr. Paulo Vieira Neto – UFPR – Curitiba



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Conselho Consultivo

Professor Dr. Luiz Fernando Dias Pita – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Leandro Neves Cardim – UFPR – Curitiba.

Rodrigo Brandão – UFPR – Curitiba.

Paulo Vieira Neto – UFPR – Curitiba.

Capa – José Provetti Junior

Imagens de acesso público. Disponível no sítio <http://www.vanialima.blog.br/2014/01/anaximenes-de-mileto.html>

Editoração eletrônica - José Provetti Junior

CATALOGAÇÃO NA FONTE

IΦ-Sophia revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica. Ano III, Volume 3, nº 11 (2017) – Assis Chateaubriand e Curitiba: JPJ Editor; Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia - UFPR & Departamento de Pós-graduação em Filosofia - UFPR, 2017.

Trimestral
ISSN - 2358-7482

1. Filosofia – Periódicos. I. Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - UFPR. II. Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Endereços para correspondência

Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR

Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná –
IFPR

Av. Cívica, 475 – Centro Cívico – Assis Chateaubriand/ PR - Brasil

CEP – 85.935-000

Tel.: 44-8813-1127

Departamento de Pós-graduação em Filosofia – UFPR

Campus da Universidade Federal do Paraná – UFPR

R. Dr. Faivre, 405, sexto andar – Curitiba/ PR – Brasil

Tel.: 41-3360-5098

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

SUMÁRIO

Editorial

| | |
|---|-----|
| Editorial - Religião e religiosidades no mundo Antigo Por Vicente Estevam Sandeski | 7 |
| A invocação aos deuses no "Banquete" de Platão e o recurso ao mito Por Felipe Gustavo Soares da Silva | 11 |
| A influência religiosa na sociedade medievalista no decorrer dos séculos XI-XII Por Daiana Moreira da Rocha | 19 |
| Representações coletivas sobre religiosidade entre os membros da Igreja Evangélica Bola de Neve de Toledo/ PR Por Daniele Borges da Silva | 29 |
| Francisco: uma nova identidade cultural para o cristianismo Por Tiago Fernando Hansel | 40 |
| Tales de Mileto Por Júlia Santana Kuhn | 53 |
| Xenófanes de Cólofon Por José Provetti Junior | 60 |
| A poética clássica: os legados de Platão, Aristóteles e Horácio, numa perspectiva contemporânea e pessoal Por Paulo de Tarso Cabrini Júnior | 105 |
| O sentimento de inferioridade e o ciúme presentes no Mouro Otelo, de William Shakespeare Por Beatrice Uber & Josiane Jabovski Smirdede | 114 |
| Gênero e sexualidade na formação continuada de docentes da Educação de Jovens e Adultos: possibilidades de atuação do(a) Supervisor(a) de Ensino Por Luiz Fábio Santos | 128 |
| Interdisciplinaridade no ensino de ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o que dizem os professores Por Elocir Aparecida Corrêa Pires & Sara Giordani | 134 |
| Acordo ortográfico: uma política para a construção de limites para uma língua des-limite Por Ana Maria de Fátima Tarini & Igor Vitorino da Silva | 140 |
| Biotecnologia e as dimensões da vida humana Por Hilda Regina Pereira Menezes Olea | 157 |



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Editorial

Religião e religiosidades no mundo Antigo

Por: Vicente Estevam Sandeski¹

vicente.sandeski@ifpr.edu.br

Chegamos a mais um número da Revista Eletrônica de Investigação Filosófica, Científica e Tecnológica, do grupo de pesquisa do IFPR - IF-Sophia. Esta décima primeira edição traz o tema **as religiões**, em torno desse tema ensejam valorosas contribuições que motivam a reflexão e o debate. São resultados de pesquisas de natureza teórica sobre ensino, educação, trabalho, formação educativa e política, fundamentadas nas categorias analíticas dos pesquisadores do grupo, que tem no conhecimento o resultado da caminhada existencial do homem respaldado de seu sentido a partir da racionalidade.

O tema religião tem sido foco de atenção e preocupação do ser humano nos mais diferentes tempos históricos, tão antigo quanto o próprio homem, desde a antiguidade até à época atual os diversos povos encontram na religião uma percepção, uma força misteriosa que preside as atividades sociais, culturais, políticas e laborais. Esta noção e conhecimento penetram-lhes a vida dum profundo sentido religioso.

As religiões com o desenvolvimento da cultura à qual estão ligadas fazem o possível para responder às mesmas questões que o angustiavam por meio de conceitos mais sutis e linguagem mais apurada a anterior relação com o mundo, aplacada com rituais, magias e algumas tentativas filosóficas com finalidade de lidar com o

¹ É Doutor em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, é Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo – UPF, é Especialista em Programa de Aperfeiçoamento de Dirigentes pela Escola Nacional de Administração Pública – ENAP, é Especialista em Didática Aplicada à Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET – RJ e Graduado e Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC-PR. É servidor público federal, docente EBTT, lotado no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná, na cidade de Pitanga/ PR onde atua como Diretor Geral do campus. É Vice-coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, membro do Corpo Editorial da IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desconhecido. Percebe-se o esforço ao encontro da inquietação do espírito humano, propondo caminhos, isto é, doutrinas e regras de vida, como também ritos sagrados com o objetivo de serenar o íntimo e manter a esperança.

Nota-se a partir de simples observação que a religião está presente na caminhada existencial do humano, no crescimento pessoal e social, nas diversas atividades cotidianas, alternando-se entre a serenidade e a angústia, entre a segurança e a insegurança, entre a alegria e o sofrimento, entre o bem e o mal, é uma constante do existir humano.

Segundo os dicionários de filosofia, a religião é uma instituição que administra uma crença de que existe um mundo sobrenatural e que gerencia técnicas para obter a salvação neste mundo sobrenatural. O tema aqui proposto não é abordar dogmas religiosos, tão pouco qual religião está certa ou errada, mas perguntar-se: o que leva o homem à religião? Compreender quais as necessidades que conduzem à religião?

A religião e as religiões têm rendido infindáveis debates, em determinados momentos apropriada-a como meio ideológico e demagógico de dominação por grupos, pessoas e sistemas, como também tem apresentado ao longo de períodos uma característica de ser uma instituição revolucionária, estando ao lado de questões sociais, políticas.

Este segundo momento são correntes de esquerda dentro da igreja, exercendo uma importante ação em defesa das causas operárias, das causas camponesas, dos marginalizados, dos esquecidos pelo sistema, dos identificados inviáveis pelo capital. É uma hipótese de relevante importância, que precisa ser considerada e aprofundada.

Segundo Löwy, ao discorrer sobre Antonio Gramsci (1891-1937), distingue dois momentos no seu posicionamento sobre a religião: primeiramente na classificação dos escritos da "juventude", nota-se o potencial utópico da religião, enquanto que nos da "maturidade", nos cadernos do cárcere, a perspectiva conservadora da igreja.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Segundo ele, a religião é uma crença na existência de uma divindade ou várias divindades transcendendo a situação terrestre e temporais, identificado na ideia de um Deus ou deuses, uma segunda compreensão é o sentimento dos seres humanos de dependerem desses entes superiores que governam totalmente a vida no universo, e por fim, é um sistema de culto dos seres humanos em relação a esse Deus ou deuses.²

Há muitas tentativas de definir a religião, Durkheim³, Weber⁴, Marx, Gramsci, entretanto permanece inconclusiva, mas do que tentar definir, a religião apresenta uma diversidade de manifestações culturais, revela uma força social demandada pelo fenômeno religioso levando a necessidade de atualização constante desse fenômeno.

Referências

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa. O sistema totêmico na Austrália*. Martins Fontes, São Paulo, 2000.
- GIGANTE, Lucas Cid. **A sociologia da religião de Max Weber**: santificação da vida dentro de ordens políticas, econômicas e sociais, *Revista Estudos de Sociologia*, V.18, Nº 35, 2013.
- LÖWY, Michael. **Gramsci, marxismo e religião** (Curso / Aula 4) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0vOGttCtLwo&t=533s>>, acesso em 21 abr. 2017. 15 outubro 2013.
- MONTEIRO, Paula. **A teoria do simbólico de Durkheim e Lévi-Strauss**: desdobramentos contemporâneos no estudo das religiões. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000100007>, Acesso em: 21 abr. 2017. *Novos estudos - CEBRAP* nº 98, São Paulo. Mar. 2014.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

² Quarta aula do curso "Sociologia marxista da religião", ministrado por Michael Löwy no curso de pós-graduação em sociologia da USP e viabilizado pelo Programa Escola de Altos Estudos da CAPES. Intitulada "Antonio Gramsci como sociólogo da religião", a aula foi realizada no dia 15 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0vOGttCtLwo&t=533s>, acesso em 21 abr. 2017.

³ Uma distinção metodológica entre estrutura social e estrutura mental. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002014000100007, acesso em 21 abr. 2017.

⁴ Em Weber sua marca está no racionalismo, característica que assinala uma conduta de vida no capitalismo. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/5315/4661>, acesso em 21 abr. 2017. "A religião é, para Weber, a chave de interpretação para o entendimento de processos culturais mais amplos, como o desencantamento do mundo e a secularização." Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218922>, acesso em 21 abr. 2017.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Vol. I e II. RJ: Contraponto, 2005.

RODRIGUES, Julia Maria de Souza. **Max Weber**: uma leitura da sociologia da religião. Dissertação de mestrado, orientador: Renato Pinto Ortiz, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,

UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218922>, acesso em 21 abr



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Artigos

A invocação aos deuses no “Banquete” de Platão e o recurso ao mito⁵

Por: Felipe Gustavo Soares da Silva⁶

Resumo

O presente trabalho pretende analisar como Eros, o deus do amor, é celebrado e descrito no banquete de Platão, e ainda mais, como isso representa uma expressão da religião antiga e da crença no mito como forma de expressão da realidade.

Palavras-chave: Mito; Religião; Divindade.

Resumo

Tiu papero celas ekzameni kiel Eros, dio de amo okazigas kaj priskribita en Platono bankedo, kaj eĉ pli, kiel Ĝi estas esprimo de la malnova religio kaj kredo je la mito kiel esprimo de la realo.

Ŝlosilvortoj: Mito; religio; Dieco.

Abstract

This work aims to analyze how eros, the god of love, is celebrated and described in the banquet of Plato, and how it represents the expression of an ancient religion and faith in myth as a form of expression of the reality.

Key-words: Myth; Religion; Divinity.

Introdução

O *Banquete* de Platão é uma das obras mais significativas da Filosofia antiga e porque não dizer da História da Filosofia.⁷ A obra tem sete discursos sobre o que é o amor a partir do louvor ao deus Eros. Tradicionalmente se

⁵ Dedico este trabalho à professora de Letras- inglês Ana Cristina.

⁶ É Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPE, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPE, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal da Paraíba – UFPE, Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Aldeia de Carapicuíba – FALC, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco – UCAP. É professor contratado da Secretaria de Educação de Pernambuco – SEPE, docente de Filosofia no Projeto Aulões: Pré-vestibular nas escolas públicas da GRE-Sul. Atua no Projeto de Pesquisa sobre “O cuidado de si na Filosofia Antiga e seus desdobramentos”. É membro do Corpo Editorial do Periódico Cajuína.

⁷ Escolhemos como principal tradução para o Banquete a seguinte: PLATÃO. **Simpósio**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém:

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

divide a obra em duas partes: a não filosófica, que comporta os cinco primeiros discursos das personagens Pausânias, Fedro, Aristófanes, Erixímaco e Agatão; e filosófica, que compreende as falas de Sócrates e Alcibíades. Resolvemos nos deter na parte não filosófica, é nela que encontramos elementos de uma religião muito peculiar aos gregos e chamamos de recurso ao mito.

Ler o banquete é encontrar-se com uma quantidade de temas e oportunidades de interpretações sobre a nossa própria vida. Dentre esses temas o banquete nos situa na questão do elemento religioso a partir da invocação do Deus Eros, da análise de seus atributos, nos louvores prestados a eles e na sua caracterização.

Aqui pretendemos analisar como o tema da religião está presente no diálogo *o Banquete* pela invocação do Deus Eros, nas relações amorosas experimentadas por cada uma dos cinco primeiros discursos do diálogo: dizemos aqui os cinco primeiros discursos porque é neles que a relação com o mito e a religiosidade no mundo antigo do banquete se estabelece. Eros é louvado e é reconhecido seus poderes, suas ações, seus objetos e, sobretudo, o perigo que ele representa para o homem pelo fato de liga-lo as coisas. O diálogo nos dá a ideia de que é pelo amor, é por Eros, que nos relacionamos com as coisas do mundo.

Para tanto, analisamos cada um dos cinco discursos buscando examinar a maneira pela qual o deus Eros é invocado pela personagem e buscando mostrar como o papel do mito torna-se preponderante para definir quem é o deus e para explicar sua relação com o homem e com a realidade. O drama e o êxtase do amor são explicados a partir do recurso ao mito para dizer o que é a realidade. Esse recurso nada mais é que uma frequente no mundo antigo que Platão, a nosso ver, apesar de numa filosofia bem aprendida com seu mestre Sócrates, faz questão de evidenciar em seus escritos a importância da visão para compreensão de mundo. Platão não dispensa nem nega o mito mas se usa dele para poder, dialeticamente, nas falas de Sócrates e Alcibíades poder mostrar a partir de um discurso filosófico no que consiste o amor.

O que nos resta a dizer é que a religião marca profundamente o mundo antigo e o recurso ao mito é uma maneira de explicar o que há e o que acontece conosco. O amor não escapa ao crivo do religioso mas é explicado a

ed. UFPA 2011. Citaremos no texto conforme as normas recomendadas para autores clássicos, citando o passo com o nome da obra abreviado: **Symp**

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partir da ação de um deus como veremos no banquete. Veremos agora como cada personagem define Eros e o quanto de religiosidade o discurso compreende e carrega ora implícito ora explicitamente.

2- Fedro

Fedro é o primeiro a falar sobre a natureza de Eros. Mesmo não sendo um dos discursos mais analisados pelos comentadores. O respeito à divindade e ao seu poder é um elemento forte no discurso, no entanto, é importante ao demonstrar o efeito moral que Eros suscita no homem. Vejamos como ele demonstra

(...) o indivíduo que ama, se é surpreendido a cometer alguma ação má, ou quando, por pusilanimidade, suporta alguma ofensa sem reagir à altura, passando-se tudo isso na presença dos pais ou companheiros ou de quem quer que seja, não se amofinará tanto como se ocorrer o fato na frente do jovem da sua predileção. É o que vemos também com relação ao amado, que se envergonha muito mais na presença do seu amigo, quando apanhado na prática de algum ato condenável (*Symp.* 178 d-e)

O Deus eros suscita no amante uma espécie de amor à honra, e ao mesmo tempo, uma vergonha que o leva a fazer as melhores ações diante de seu amado. Este será um fundamento moral⁸ para a ação de quem é tomado pelos efeitos e direcionamentos de Eros.

Outro elemento importante é o poder de Eros destacado no discurso. Este é o momento de fazer um louvor à divindade e reconhecer sua superioridade diante dos homens e no caso específico de Eros, sua superioridade em relação aos outros deuses. Enquanto poeta, Fedro trata de lembrar, relembrar o assunto a partir de sua arte. Ele recorre ao Primeiramente, a Teogonia de Hesíodo⁹ para situar a origem desse poder sobretudo pelo nascimento de Eros: "O fato de ser o mais velho dos deuses já constitui prerrogativa excepcional. A prova disso é não ter pais, que, de fato, nunca são mencionados pelo vulgo nem pelos poetas."⁸⁴ Fedro recorre portanto ao mito para mostrar um lado

⁸ Ainda que não suficiente para falarmos de boas ações. Fedro é bastante claro ao dizer que Eros inspira boas ações, porém essa inspiração leva o sujeito a praticar boas ações para ser visto pelo público, pelo amado, por outra pessoa. Parece-nos um tanto aparente e superficial a inspiração de Eros e por isso, não defendemos a ideia aqui de que seja um fundamento moral seguro inspirado por Eros. Este fato pode servir de argumento para um exame sobre aquilo em que resolvemos acreditar e professar a fé, questão que não é levantada no mundo antigo pela multiplicidade de deuses e relações que o homem pode ter com eles.

⁹ Refere-se a Teogonia, onde Hesíodo narra a genealogia dos deuses. HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e tradução de Torrano, J. A.A. São Paulo: Iluminuras, 1992.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

moral do amor em e fazer de fato um louvor ao deus. Fedro mostra o poder e a grandeza de Eros como o maior dos deuses. Exaltar a divindade é um sinal da importância dada à religião naquela época. Por isso, destaca Fedro, sou de opinião que Eros é o mais antigo e o mais respeitável dos deuses como também o mais autorizado para levar os homens à posse da virtude e da felicidade, tanto nesta vida como depois da morte.” (Symp.179b)

3 Pausânias

Sem abandonar o recurso à mitologia e aos deuses, neste discurso, vemos os efeitos do deus Eros mais uma vez sendo apresentados dessa vez na fala de Pausânias. Agora além do louvor a Eros, será Afrodite que aparecerá como determinante para fala da personagem; considera-se, todavia, que Dionísio aparece ainda que implicitamente na fala de Pausânias: O estudo de L. Rojas analisa o discurso de Pausânias a partir dos elementos que refletem a relação entre Eros e o deus Dionísio¹⁰: segundo este estudo, Pausânias concebe o Eros nobre como

negação do feminino, que se revela nesta duplicidade do Eros e é também a negação da sensualidade, do descontrole, a paixão propriamente feminina do amor, a tudo que vincula a Dionísio com as mulheres e que se ausenta deste erotismo. (...) O feminino é, de certa forma, por sua natureza, um desafio a essas regulações que sancionam a quietude, e a seriedade do amor celeste. (ROJAS, 2004, p. 283)

Pausânias é o segundo a discursar no banquete e seu discurso dá continuidade ao ponto de partida de Fedro. Normalmente o discurso é interpretado como o que mais caracteriza no senso comum, a resposta à pergunta “o que é o amor platônico?” Pausânias caracteriza Eros como duplo, divide-o em dois, um bom e um ruim, assim fará também com o amor, o amor celeste como superior e inspirado pelo Eros bom e um inferior e promíscuo, inspirado pelo Eros mal. Mas Eros não atua sozinho. Quando caracteriza eros como duplo, defende também duas Afrodites: Uma, a mais velha sem dúvida, não tem mãe e é filha de Urano, e a ela é que chamamos de Urânia, a Celestial; a

¹⁰ Dionísio, deus da mitologia grega, é tradicionalmente descrito como deus do vinho e do prazer. Ele é associado, geralmente, à festas ligadas à orgias e prazeres de todo tipo, da bebida ao sexo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais nova, filha de Zeus e de Dione, chamamo-la de Pandêmia, a Popular. (**Symp.**180d-e)

Esta personagem apresenta uma dupla face da divindade que também caracteriza a forma do grego olhar para o deus: ora benéfico, ora maléfico para sociedade, o deus interage com o homem e interfere nas suas relações com todas as coisas. A dupla face de Eros caracterizada por Pausânias revela a ambivalência e, mais uma vez, o poder da divindade. O poder do deus não aparece apenas em conduzir boas ações mas também em ações más e Pausânias culpa Eros por amores desinibidos, desenfreados.

A tendência da personagem é obviamente prezar pelo amor celeste, inspirado pelo deus bom ou pela Afrodite pandemia. Dessa forma, tem sentido a fuga do feminino dentro das regras da pederastia, da relação entre um jovem mais novo e um mais velho, apenas. Esse era considerado a relação aceitável e expressiva como educativa. Submeter-se a práticas femininas como vestimentas ou imitações seria submeter-se ao Eros mal, à Afrodite urânia, seria estar ligado ao Eros terreno, direcionado ao prazer, tão somente.

4 - Erixímaco

Será o terceiro a realizar sua fala. Erixímaco era um médico. Para contextualizar o sentido do médico na antiguidade vale lembrar que o médico gozava de um status semelhante ao do filósofo: este último com o trabalho de curar a alma e de fornecer a capacidade de reflexão, já o médico com o objetivo de prevenir e curar os males do corpo. Veja-se que a ideia de cura e de prevenção lhe dá o status de divindade no senso comum: curar é algo ligado à ideia de milagre que por sua vez liga-se à uma divindade ou ser superior. A fala do médico no diálogo é precedida por uma cura, a cura de Aristófanes de um soluço. (**Symp.**185 c-d)

O médico é aquele que, semelhante a um deus, pode trazer a cura. Veja-se então a importância deste discurso para nosso estudo. Os elementos do discurso estão mais ligados à atribuição de objetos a Eros, veja-se que nas primeiras falas, Eros apesar de ser considerado poderoso, direciona-se apenas para os indivíduos. Erixímaco fará o papel de expandir os objetos de Eros para todo o universo. O médico irá concordar com a duplicidade de Eros exposta por Pausânias mas mostrará que o poder de Eros não se estende somente aos homens, mas à todas as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

coisas vivas:

Com efeito, quanto a ser duplo o amor, parece-me que foi uma bela distinção; que, porém não está ele apenas nas almas dos homens, e para com os belos jovens, mas também nas outras partes, e para com muitos outros objetos, nos corpos de todos os outros animais nas plantas da terra e por assim dizerem todos os seres. (*Symp* 186 a)

Estender os efeitos de Eros para toda criatura no cenário do *Banquete* significa trazer uma evidência comum ao mundo grego: os deuses se relacionam com tudo. A mitologia grega é caracterizada dentre outros fatores

5 – Aristófanes

Aristófanes era comediógrafo. uma espécie de poeta que se utilizava da comédia para realizar seus trabalhos. E de fato, ele parece rir da condição humana, recorrendo mais uma vez à mitologia, para mostrar a relação do homem com a divindade. O interessante é que a comédia de Aristófanes denuncia a tragédia da humanidade através do popular mito dos andróginos.

Conta ele que no início os sexos eram três, o masculino, o feminino e o andrógino. Esse último participava dos outros dois sexos. A forma andrógina era a esférica, tendo costas e flancos ao redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces sobre um rosto redondo, quatro orelhas. Sua forma proporcionava ir a qualquer lugar e devido sua coragem e força, voltaram-se contra os deuses. Zeus e os demais deuses resolveram então, enfraquecê-los dividindo-os ao meio, tendo com isso a vantagem de tê-los em maior número para os servirem e adorarem. Apolo os costura e coloca suas faces voltadas para a contemplação do corte, deixando-lhes o arremate no umbigo, para que se tornasse humilde e se curasse do orgulho. Começa então a procura pela sua cara-metade. Segundo Agostini (2012,P.96),

(...) diversamente dos demais convivas para os quais Eros tem um papel mediador, no discurso de Aristófanes, o fim do encontro das metades não é outro que o próprio enlace erótico. Ou seja, a união das partes, outrora separadas, visa apenas à permanência dessa ligação que faz do que eram dois, um. Além disso, enquanto os outros encômios constroem-se em termos abstratos similares à exposição dos atributos de um ser sobrenatural, o comediógrafo é o único cuja fala enfatiza o que é particular e perecível: ele admite uma união individual com sua exclusiva e pessoal “outra metade.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A contribuição de falar da divindade é demonstrar exatamente esse caráter trágico e cômico que a relação com a divindade pode trazer para o ser humano. Novamente, a mitologia grega recebe alusão na fala de uma personagem. Desta vez, vemos a tragédia grega aparecendo como uma ação própria e natural à ação da divindade de Eros: Eros produzirá no amante uma relação trágica de tornar o amante dependente do amor e desejante, a vida toda, da completude de seu amor.

6- Agatão

Ele é o motivo da festa que reúne o banquete porque havia obtido vitória na noite anterior no teatro. Agatão era tragediógrafo e ao contrário dos demais, não focaliza suas palavras nas ações que Eros desencadeia para o ser humano, conforme fizera Aristófanes, mas, ao contrário, volta-se para enaltecer a essência do Eros:

A meu parecer, todos os que discursaram antes de mim, não enalteceram o Deus; apenas congratularam-se com os homens pelos bens que lhe devem. Mas o que seja essa divindade para conceder aos homens tantas dádivas foi o que ninguém nos explicou. Ora, a única maneira de elogiar alguma coisa é tornar manifesta a natureza daquilo que pensamos ser causa de certos benefícios. (*Symp.*194e)

A noção fundamental que podemos retirar do discurso de Agatão é que ele justifica, a partir da natureza do deus Eros, a possibilidade da divindade escolher a quem destinar seus benefícios, neste caso, apenas ao Belo. “O amor não pousa sobre o feio” (*Symp.*197c). No contexto grego, o Belo e o Bom andavam muito juntos, e a divindade, segundo Agatão, buscava, selecionava a quem dar seus benefícios. A imparcialidade ou a justiça de um deus também é uma característica da divindade marcadamente aparece no *Banquete*.

7- Considerações finais

Nossa reflexão sobre o *Banquete* tratou de analisar as cinco primeiras falas do diálogo de Platão e ver como encontramos sinais do recurso e da relação do homem com a divindade e sobretudo, que consequências podemos inferir dessa relação.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Notoriamente, o homem se relaciona com a divindade no mundo grego de diversas maneiras e o deus tem a seu querer o poder e a decisão sobre a vida e o destino do homem, característica forte da mitologia grega. Era exatamente isto que queríamos mostrar: o poder do deus e a fraqueza e dependência do homem, por isso escolhemos apenas os cinco primeiros discursos.

Eros é apresentado como deus mais antigo e poderoso, portanto, é uma boa oportunidade para demonstrarmos como esse poder é expresso nas relações amorosas das quais as personagens nos falam.

Referências

- ARAÚJO JÚNIOR. Anastácio. Borges de. *Eros, direzione e effetti*. In *Il simpósio di Platone: un banchetto di interpretazioni*. Napoli: Lofredo editore. 2013. P. 63.
- AGOSTINI, C. S. 2012. “O discurso de Aristóteles no Symposium e a literalização da metáfora”. *Archai* n. 9 , jul-dez 2012, pp. 93-100.
- CALAME, C. *I greci e l'eros*. Simboli, pratiche, luoghi. Roma: Bari. 1992
- DROZ, Geneviève. *Os mitos platônicos*. Trad. Maria A. Ribeiro Keneipp. Brasília: UNB, 1997.
- GRUBE. G. M.A. *El pensamiento de Platón*. Madri: Gredos.1987
- HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga*.3ª ed. São Paulo: Loyola 2008.
- HESÍODO. *Teogonia*. Estudo e tradução de Torrano, J. A.A. São Paulo: iluminuras, 1992.
- NUSSBAUM. Martha C. *A fragilidade da bondade*. Fortuna e ética na filosofia grega. Martins fontes, São Paulo: 2009.
- PLATÃO. *Simpósio*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. – 3ª ed. – Belém: ed. UFPA 2011.
- ROJAS, Lorena. *De la divinidad de lo oculto*. Pausanias en el Banquete de Platón. ARETE. Revista de Filosofía Vol. XVI, Nº 2, 2004 pp. 283-313
camp.br/document/?code=vtls000218922, acesso em 21 abr



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A influência religiosa na sociedade medievalista no decorrer dos séculos

Por: Daiana Moreira da Rocha¹¹

daianarocha9960@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar a influência estabelecida pela religião cristã no desenvolvimento da cultura medieval que desde o século V sofreu influências das instituições religiosas da época, que deram um novo cenário ao período medieval tal como a atuação das instituições monásticas com as suas bibliotecas e escolas que foram à base da cultura da Europa Ocidental. Discorreremos exclusivamente o século XI e XII, que se deu no decorrer da Baixa Idade Média (XI-XV), porém, o presente trabalho também analisa a atuação da Igreja Católica que permeou mudanças significativas no meio social, político e científico ao longo da Baixa Idade Média (XI-XV). Utilizando como referência alguns autores como, o historiador brasileiro Renan Frighetto que trabalha esse período na sua especificidade dando destaque ao estudo da Antiguidade Tardia e as fontes principais que podemos utilizar para compreendermos melhor aquela época. Roger Collins que estuda o período da Antiguidade Tardia até o século X discorre que os últimos elementos culturais e simbólicos que caracterizavam o mundo Antigo estavam inseridos na cultura ocidental do período medieval. Em Christopher Dawson e Jacques Le Goff (com uma análise diferenciada entre ambos) podemos perceber que ambos se esforçam para compreender o processo de formação da cultura do Ocidente Medieval. Considerando essas análises e as possibilidades que temos de compreender melhor o contexto histórico anterior e posterior à Baixa Idade Média (XI-XV) acreditamos que o trabalho apresentado se justifica, sendo que muitos historiadores estão sendo instigados a desenvolverem pesquisas no referido período, demonstrando como os elementos estudados foram à base para a cultura atual.

Palavras-chave: Baixa Idade Média; Mosteiro; Educação.

Resumo

La celo de Ĉi tiu papero estas prezentita la establita influo de la kristana religio en la evoluo de mezepoka kulturo, ke ekde la kvina jarcento estis influita religiaj institucioj de la tago, kiu donis novan scenaron al la mezepoka periodo kiel la agadoj de la monaĥaj institucioj kun iliaj bibliotekoj kaj lernejoj kiuj estis la bazo de la kulturo de Okcidenta Eŭropo. nur ni diskutos la jarcento XI kaj XII, kiu okazis dum la mezepoko (XI-jarcento), tamen, Ĉi tiu papero ankaŭ analizas la rolon de la katolika eklezio kiu trempis signifajn ŝanĝojn en socia, politika kaj scienca laŭ la pli malalta meza (XI-jarcento). Uzante kiel referenco iuj aŭtoroj, la brazila historiisto Renan Frighetto laboranta periodo en ĝia specifeco elstarigante la studo de Malfrua Antikva tempo kaj la Ĉefaj fontoj ni povas uzi por pli bone kompreni tiam. Roger Collins studante la periodo de

¹¹ É especializanda em Educação à Distância e Novas Tecnologias pela Faculdade Educacional da Lapa –FAEL, Especialista em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela Universidade Estadual do Centro-Oeste –UNICENTRO, Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná –UNIOESTE. É servidora pública estadual, lotada na Secretaria de Estado da Educação do Paraná –SEED/PR, na cidade de Curitiba/ PR, na administração da SEED.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Malfrua Antikeco Ĝis la deka jarcento ellaboras la lasta kultura kaj simbolaj elementoj kiuj karakterizis la malnovmondaj estis enigitaĵoj en Okcidenta kulturo de la mezepoka periodo. En Christopher Dawson kaj Jacques Lin Goff (kun diferencita analizo de ambaŭ) povas vidi ke ambaŭ strebas por kompreni la mezepoka okcidenta kulturo trejnado procezo. Konsiderante Ĉi tiuj analizoj kaj la ebloj ni devas pli bone kompreni la antaŭa kaj posta historia kunteksto al la mezepoko (XI-Jarcento) kredas ke la laboro prezentita estas pravigitaj, kaj multaj historiistoj estas estanta instigita evoluigi esploron en la periodo, pruvante kiel la elementoj studis estis la bazo por la nuna kulturo.

Ŝlosilvortoj: Mezepoko; Monaĥejo; Edukado

Abstract

The aim of the present work is to present the influence established by the Christian religion in the development of medieval culture that since the fifth century was influenced by the religious institutions of the time, which gave a new setting to the medieval period, such as the performance of monastic institutions with their libraries And schools that were the basis of Western European culture. However, the present work also analyzes the work of the Catholic Church that permeated significant changes in the social, political and scientific milieu throughout the Low Middle Ages (XI-XV). Using as reference some authors such as the Brazilian historian Renan Frighetto who works the period in its specificity highlighting the study of Late Antiquity and the main sources that we can use to better understand that era. Roger Collins, who studies the period of Late Antiquity until the tenth century, points out that the last cultural and symbolic elements that characterized the Old World were embedded in the western culture of the medieval period. In Christopher Dawson and Jacques Le Goff (with a differentiated analysis between the two) we can see that both strive to understand the process of formation of the culture of the Medieval West. Considering these analyzes and the possibilities that we have to understand better the historical context before and after the Low Middle Ages (XI-XV) we believe that the work presented is justified, and many historians are being instigated to develop researches in that period, demonstrating how The elements studied were the basis for the current culture.

Keywords: Low Middle Ages. Monastery. Education.

Introdução

O início da cultura ocidental se deu com uma nova comunidade espiritual que surgiu das ruínas do Império Romano, que foi resultante da fusão romano-germânica, com a conversão dos bárbaros ao cristianismo. Os padres latinos Ambrósio, Agostinho, Leão e Gregório foram os pais fundadores da cultura do Ocidente, na medida em que foi através do trabalho desses padres que os povos do Ocidente puderam ser incorporados à comunidade espiritual da cristandade, adquirindo, dessa forma, uma cultura comum, tendo sido esse empenho que distinguiu o desenvolvimento do Ocidente e de outras civilizações da história.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sendo assim buscaremos analisar a interpretação sobre as origens da cultura da Baixa Idade Média (XI-XV) dando destaque ao papel desempenhado pela instituição monástica, sendo que o mosteiro concebeu a constituição cultural de todo esse período que se estende do declínio da civilização clássica ao aparecimento das universidades européias no século XII.

Dessa forma nesse novo ambiente religioso e cristão o monasticismo tendeu a assumir o papel de liderança cultural, segundo o historiador Dawson (2016) os monges tiveram que instruir os adeptos do cristianismo não só na língua latina, eles tinham que ensinar as áreas do conhecimento que eram necessárias para a manutenção da Igreja: “[...] Eles tinham de ensinar leitura e redação, além das artes e ciências, que eram necessárias à manutenção da Igreja e ao funcionamento da liturgia, como caligrafia, pintura, música e, sobretudo, cronologia e o conhecimento do calendário [...]” (DAWSON, 2016, p.78).

Segundo Rucquoi (1995) o mosteiro de Ripoll¹², que foi conservado pelos condes de Barcelona e da Cerdanha, contém uma biblioteca rica em livros litúrgicos, bíblicos, patrísticos e obras de exegese¹³, que abriga uma coleção de autores pagãos e cristãos, além dessa variedade de livros culturais o mosteiro possui também uma coleção de livros científicos. Assim nos diz Rucquoi:

“[...] Virgílio, Horácio, Cícero, Terêncio, Juvenal, Macróbio, Cézar, Flávio José, Marciano Capella, Sedúlio, Arator, Boécio, obras de Aristóteles e de Porfírio em latim [...] mas também Usuardo -, textos de leis e de obras científicas de medicina, de astronomia, de agronomia, de geometria e de música [...]” (RUCQUOI, 1995 p.120-121).

Os mosteiros também deram assistência às pessoas com enfermidades, em uma época de fortes epidemias como a varíola, sarampo e a baixa imunidade as infecções que resultou em inúmeras mortes. Segundo Antunes (1989) os mosteiros, conventos e templos foram às primeiras instituições a acolher os doentes cuidando de suas enfermidades e os abrigando: “[...] A idéia de que o doente necessita de cuidados e abrigo é anterior à possibilidade de lhe dispensar

¹² O Santa Maria de Ripoll é um mosteiro beneditino localizado na cidade de Ripoll (Espanha). Foi fundado por volta do ano de 880 pelo conde Wilfred o Cabeludo.

¹³ Exegese é um termo utilizado para explicar ou dar uma interpretação detalhada sobre obras literárias, artísticas ou jurídicas.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tratamento médico. E todas as cidades, em todas as épocas, mobilizaram-se para prover esta necessidade. Templos, conventos e mosteiros foram as primeiras instituições a recolher os doentes [...]” (ANTUNES, 1989, p. 227-234).

Como podemos observar nas análises de Dawson (2016) os mosteiros se ocuparam de um papel essencial para o avanço da educação na Idade Média, mas ao analisarmos os estudos de Antunes (1989) podemos perceber que as instituições religiosas também se ocuparam dos elementos no âmbito social, por terem prestado abrigo e cuidados aos enfermos.

O conceito sobre educação no decorrer do século XI

Durante a Baixa Idade Média (XI-XV) as cidades episcopais funcionavam como centros educacionais, o bispado se apresentava como o órgão responsável pelo programa de educação cristã. Com o reflorescimento econômico da Europa Ocidental, Monte Cassino sob prioridade de Desidério (1058-1097) era o mais avançado centro de cultura da Itália e ao norte de Alpes a abadia de Bec sob prioridade de Lanfranco e Santo Anselmo (cerca de 1043-1093) possuía umas das mais influentes escolas públicas da época e com os escritos de Anselmo, obteve um nível de realização intelectual inédito para os padrões da Europa Ocidental desde o término de Santo Agostinho. Mas não obstante por volta do século XI, Bec e Monte Cassino já eram exceções. De acordo com Dawson (2016) a educação fora transferida para as escolas catedrais do norte da França e da Lorena. Segundo o autor:

“[...] A liderança na educação e no aprendizado fora transferida para as escolas catedrais do norte da França e da Lorena, tais como Reims, Chartres, Laon, Tournai e Liège. Esse desenvolvimento começara no século anterior em Liège, sob o comando do bispo Notker, e em Reims sob Gerberto de Aurillac, que foi um scholasticus, ou mestre de escola, de 970 a 982 [...]” (DAWSON, 2016 p. 223).

De acordo com Woods (2012) os intelectuais que contribuíram para o desenvolvimento da ciência moderna, estiveram vinculados a escola catedral de Chartres que representou um papel importante na história intelectual do Ocidente e na história da ciência ocidental. “[...] Quase todos os que contribuíram substancialmente para o

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento da ciência nesse período estiveram, em um momento ou outro, associados ou influenciados por Chartres [...]” (WOODS, 2012, p. 82).

Na visão do historiador Blainey (2012) as universidades resultaram em grande parte do trabalho da Igreja, formadas por bispos ou por grupos informais de professores e estudiosos. Das primeiras universidades a mais influente ficava em Bolonha, no norte da Itália, uma cidade que tinha de um lado colinas, e, do outro, a vasta planície do rio Pó: “[...] De início especializada em Direito Canônico e Direito Civil, criou fama e acabou atraindo muitos estudantes espanhóis, para os quais chegou a ser fundada uma unidade em 1364, quando a universidade completava dois séculos de existência” (BLAINEY, 2012, p.129-130).

A partir dessa breve explanação verificamos a criação das Universidades e escolas durante a Baixa Idade Média (XI-XV) já que até o século XII, à falta de mestres de escola era algo comum, eles só podiam ser encontrados em cidades mais importantes, e ainda assim o seu conhecimento era limitado. Por volta da última década do século XI e as duas primeiras metades do século XII, o estudo das letras tornou-se desenvolvido e o número de escolas passou a ser tão grande que elas também se tornaram acessíveis para os mais pobres da sociedade.

O processo de romanização dos francos e a sua relação política e militar com a Igreja Católica

Com a invasão dos germânicos na Europa Ocidental, constatou-se um processo de convergência e de mistura, entre as elites romanas que mantiveram suas posições sem o apoio de Roma, mas se alinharam com os chefes de guerra germânicos. Os chefes germânicos receberam sua parte da riqueza romana terras e escravos e assim se tornaram membros das elites locais, fazendo com que as diferenças entre aristocratas romanos e chefes germânicos fossem cada vez mais amenizadas, possibilitando a união de suas linhagens através do casamento. Segundo o historiador Baschet (2006) essa fusão cultural romano-germânica é um dos traços fundamentais do período medieval e foi entre os francos¹⁴ que essa fusão teve maior êxito, tendo sido esse fator um dos ingredientes para a expansão desse reino. “[...] Essa fusão cultural romano-germânica é um dos traços fundamentais da Alta Idade Média e

¹⁴ Os francos foram uma das tribos germânicas que adentraram o espaço do Império Romano a partir da Frísia como federados e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

foi, sem dúvida, entre os francos que teve maior êxito, o que é um dos ingredientes de sua expansão [...]” (BASCHET, 2006, p. 53).

Com o efeito dessa romanização os soberanos francos foram os primeiros entre os germânicos a se converterem ao cristianismo católico. De acordo com Frighetto (2005) o rei franco Clóvis que reinou do ano de 481 até 511 foi indicado como um autêntico defensor da fé católica. Considerando que suas estratégias militares eram favoráveis a Igreja, por ser o legítimo sucessor do poder imperial de toda a Gália: “[...] Ao fim e ao cabo, Clóvis comandou seus guerreiros que venceram os visigodos arianos e aparecia, no campo ideológico, como mantenedor e defensor christianitatis, revelando o papel do soberano franco enquanto unificador do povo e do reino à volta do cristianismo católico.” (FRIGHETTO, 2005, p. 57-58).

Sendo os soberanos francos os primeiros germânicos a se converterem ao cristianismo, no final do século V os francos que ainda eram pagãos fizeram uma escolha politicamente pertinente. Instigado pela força dos bispos o rei franco Clóvis tornou-se cristão, como discorre o historiador Baschet (2006): “[...] Desse ponto de vista, os francos, ainda pagãos no fim do século V, fazem uma escolha politicamente mais pertinente: seu rei, Clóvis, que percebe muito bem a força adquirida pelos bispos de seu reino, decide converter-se ao cristianismo (...)” (BASCHET, 2006, p. 61).

Dessa forma os francos deram apoio ao papa São Bonifácio em sua reforma da Igreja dos francos, e se tornaram tradicionalmente aliados ao partido da reforma eclesiástica com a ação do rei franco Carlos Martel. Segundo Dawson (2016). “[...] São Bonifácio, o mais nobre representante desse partido, admitiu que sem o apoio de Carlos Martelo seu trabalho missionário teria sido impossível [...]” (DAWSON, 2016, p. 107).

O filho de Carlos Martel, o rei franco Pepino o Breve cujo reinado se deu de 751 até 768, reafirmou os laços militares e políticos entre a Igreja católica e o reino franco. Segundo o historiador Le Goff (1995). “Pepino o Breve aliado ao Papa, inicia a política carolíngia em Itália. Faz em 754 uma primeira expedição contra os Lombardos e em 756 a segunda [...]” (LE GOFF, 1995, p.65).

estabeleceram um reino duradouro na área que cobre a maior parte da França atual e na região da Francônia na Alemanha.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essa expedição contra os Lombardos se deu devido ao fato de que em 752 o rei Lombardo Astolfo exigiu um novo tributo de um soldo de ouro para cada habitante do Ducado Romano e que fosse reconhecido sua jurisdição sobre Roma e os territórios dela dependentes. O papa não aceitou a condição de Astolfo, mas por ter falhado em suas tentativas de negociação com o rei Lombardo, de acordo com o historiador Collins (1991) o papa pediu apoio do rei franco Pepino o Breve: *“El papa había ido a Francia em el invierno del 753-754 con el fin de obtener ayuda de Pipino para contener al rey lombardo Aistolfo, cuyos avances territorio romano durante el verano lo estaban acercando cada vez más a Roma [...]”* (COLLINS, 1991, p. 352).

Após a morte de Pepino o Breve, seu filho Carlos Magno herdou o trono dos francos e inaugurou um reinado particularmente longo (768-814) segundo o autor Baschet (2006) Carlos Magno foi coroado no natal de 800, porém, essa coroação ocorreu em circunstâncias ambíguas sem que ele soubesse que iria ser coroado: “[...] Entretanto, a coroação imperial, que ocorreu nesse dia, desenrola-se em circunstâncias ambíguas pouco claras, a tal ponto que alguns historiadores sugerem que o papa teria posto a coroa imperial sobre a cabeça de Carlos Magno de surpresa e quase à sua revelia [...]” (BASCHET, 2006, p.70-71).

Os papas de meados do século VIII estavam ansiosos para ligar os governantes francos a cidade de Roma e seus territórios dependentes, para obterem proteção contra os Lombardos. Dessa forma Collins (1991) discorre que para salvar o seu próprio corpo devido ao fato de que os sobrinhos do papa Adriano I o prendeu em um mosteiro em 799, o papa Leão III recorreu à proteção de Carlos Magno: *“[...] León III quiso hacer los vínculos incluso más estrechos para salvar su propio cuello. Los acontecimientos del 799 habían mostrado que sin la protección de Carlos su propia supervivencia estaba en peligro, y del mismo modo que Esteban II (III) había intentado institucionalizar la relación entre el gobernante franco y la ciudad de Roma [...]”* (COLLINS, 1991, p. 371).

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essa coroação foi realizada pelo papa Leão III, que viu uma tripla vantagem em dar para Carlos Magno a coroa imperial, sendo instigado por expectativas como exemplo, de que o rei franco amenizasse as heresias iconoclastas¹⁵, ou seja, a adoração as imagens. Leão III foi preso e perseguido pelos seus inimigos de Roma, e precisava ver a sua autoridade restaurada, por alguém que tivesse autoridade, ou seja, um imperador. Assim na visão de Le Goff (1995) tanto o papa quanto uma parte do clero romano queriam que Carlos Magno se tornasse o imperador dos cristãos: “[...] Finalmente, tanto ele como uma parte do clero romano pensavam em fazer de Carlos Magno imperador de todo o mundo cristão, incluindo Bizâncio, a fim de lutar contra a heresia iconoclasta e de estabelecer a supremacia do pontífice romano sobre toda a Igreja”. (LE GOFF, 1995, p.69-70).

Com as pesquisas feitas pelos historiadores medievalistas estudados ao longo desse trabalho, podemos perceber que o cristianismo católico desempenhou um papel relevante para a formação de um novo conceito de sociedade medieval, principalmente no decorrer dos séculos XI-XII onde, membros da Igreja contribuíram para essas mudanças que abrangeram a cultura através da construção de Universidades catedrais, mosteiros que em um período de epidemias graves serviram como abrigo e hospital para os doentes, e que em termos culturais possuíam bibliotecas com um rico acervo que deram uma base cultural para a educação e a ciência atual.

Se tratando do âmbito político, a Igreja católica influenciou na escolha dos reis. Em uma época em que as invasões germânicas e muçulmanas estavam avançando para o território romano, onde se localizava as instituições da Igreja, foi favorável para clero buscar apoio militar. Assim com a conversão dos Imperadores francos ao cristianismo, os papas puderam ter segurança e os reis puderam ter súditos.

¹⁵ Iconoclastia foi um movimento político-religioso contra a veneração de ícones e imagens religiosas do Império Bizantino que começou no início do século VIII e perdurou até o século IX.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerações finais

Buscamos compreender a sociedade da Baixa Idade Média (XI-XV) apontando as suas características culturais, científicas e políticas, fomos instigados a discorrer o presente trabalho com o intuito de analisarmos esse período da história sem preconceito ou um olhar negativo por ser considerada como, a Idade das trevas, destacando as suas instituições, sua literatura, as invasões germânicas que resultaram em casamentos entre romanos e povos bárbaros, misturando duas culturas diferentes, mas que foram à base para a herança cultural e genética de muitas populações. Dessa forma, ao estudarmos a civilização medieval prestando atenção em seus detalhes podemos compreender o passado da Baixa Idade Média (XI-XV) e descobriremos à base intelectual que herdamos dessas instituições medievalistas.

Enfim, após termos analisado a influência desempenhada pela Igreja católica no âmbito social, político e científico utilizando como referência as obras dos historiadores demonstrados no trabalho, concluímos a presente pesquisa que visou demonstrar como era a atuação dos mosteiros em relação à educação que como podemos ver ao longo da pesquisa era acessível também para a população mais pobre e como os mosteiros, conventos e templos foram essenciais para a saúde da civilização medieval. Também analisou o processo político que caracterizou a Idade Média (V-X) com a ação dos Imperadores francos, que através da unção real realizada pelos papas, se tornaram reis a fim de que estes o protegessem dos ataques dos demais germânicos e dos muçulmanos, possibilitando também, a proteção dos mosteiros e Universidades medievais dos ataques bárbaros e preservando assim, a cultura de suas bibliotecas.

Referências

- [ANTUNES, José Leopoldo Ferreira](#). "Por uma geografia hospitalar" **Tempo social**. 1989, vol.1, n.1, pp.227-234. 1989
- BASCHET, J. **A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo- SP: Fundamento, 2012.
- COLLINS, R. **La Europa de La Alta Edad Media. 300-1000**. Madrid: Akal, 2000.
- DAWSON, Christopher. **Criação do Ocidente: A Religião e a Civilização Medieval/Christopher Dawson. 1889-1970**. – São Paulo: É Realizações, 2016.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

FRIGHETTO, R. **Cultura e poder na antiguidade ocidental**. Curitiba: Juruá, 2005.

LE GOFF, J. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, vol. 1.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

WOODS JR., T. E. **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental**. São Paulo: Quadrante, 2012.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Representações coletivas sobre religiosidade entre os membros da Igreja Evangélica Bola de Neve de Toledo/ PR

Por: Daniele Borges da Silva¹⁶

daani.borges@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa pretende viabilizar a compreensão do processo de modernização da religião, bem como o surgimento de um novo segmento religioso: a Igreja Evangélica Bola de Neve, na cidade de Toledo, no Paraná. O objeto de estudo consiste nas representações coletivas sobre religiosidade entre os membros desta igreja, sendo que esta instituição religiosa, considerada neopentecostal, apresenta características modernas e que tem atraído jovens pelo Brasil. Dessa forma, a pergunta de partida é: Quais são os motivos que tem levado uma parcela da juventude a se agregar à esta igreja? A metodologia adotada consiste em revisão bibliográfica e pesquisa de campo na Igreja Evangélica Bola de Neve, através de prática etnográfica, por meio de observação com participação, cujas observações serão documentadas em diário de campo, em momento oportuno se realizará entrevistas aos líderes religiosos e membros da instituição religiosa. Contudo, este trabalho encontra-se em pleno processo de desenvolvimento, sendo que ainda não foi realizada a pesquisa empírica, dessa forma, não será possível apresentar, ainda, resultados definitivos para este problema de estudo, contudo, será apresentado os resultados alcançados até o momento e os resultados esperados.

Palavras-chave: Antropologia da religião; Novos movimentos religiosos; Igreja Evangélica Bola de Neve; Juventude.

Resumo

Tiu esplorado celas faciligi la komprenon de la religio procezo de modernigo kaj ankaŭ la apero de nova religia segmento: la Preĝejo Evangelia Neĝbulo en la urbo de Toledo, Paran. La celo de studo estas la kolektiva reprezentoj de religiemo inter la membroj de Ĉi tiu preĝejo, kaj tiu religia institucio, konsiderita Pentecostal, kaj proponas la moderna funkcioj kiuj altiris junuloj en Brazilo. Tiel, la starta demando estas: Kio estas la kialoj kiuj gvidis parton de la junularo por aldoni al Ĉi tiu preĝejo? La metodiko konsistas pristudo kaj kampo esploron en la Preĝejo Evangélica Snowball, per etnografia praktiko, per observado kun partopreno, kies observoj estos dokumentitaj en kampo taglibro, siatempe okazos intervjuoj kun religiaj gvidantoj kaj membroj la religia institucio. Tamen, Ĉi tiu verko estas en plena procezo de disvolvigo, kaj ankoraŭ ne estis efektivigita empiriaj esploroj tiamaniere, vi ne povas ankaŭ prezenti la finan rezultoj por Ĉi tiu studo problemo tamen ĝi estos prezentita la rezultoj atingitaj al momento kaj la atendita rezultoj.

¹⁶ É especializanda em Educação à Distância e Novas Tecnologias pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL, Especialista em Ensino de Sociologia no Ensino Médio pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública estadual, lotada na Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR, na cidade de Curitiba/ PR, na administração da SEED.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ŝiosilvortoj: antropologio de religio; Novaj religiaj movadoj; Preĝejo Evangelia Neĝbulo; Juneco.

Abstract

This research aims to facilitate the understanding of the religion modernization process as well as the emergence of a new religious segment: the Evangelical Church Snowball in the city of Toledo, in Paraná. The study object is the collective representations of religiosity among the members of this church, and this religious institution, considered neopentecostal offers modern features and which has attracted young people in Brazil. Thus, the starting question is: What are the reasons that have led a portion of the youth to add to this church? The methodology consists of literature review and field research in the Evangelical Church Snowball, through ethnographic practice, through observation with participation, whose observations will be documented in a field diary, at the appropriate time to conduct interviews with religious leaders and members the religious institution. However, this work is in full development process, and has not yet been carried out empirical research in this way, it can not also present final results for this study problem, however, will be presented the results achieved to time and the expected results.

Key words: Anthropology of religion; New religious movements; Evangelical Church Snowball; Youth.

1 Introdução

Uma das principais áreas de estudo da Antropologia é a religião, embora os antropólogos clássicos, em sua maioria, fossem agnósticos e hostis à esta temática e, quando discutiam sobre religião, tratavam-na como uma superstição para a qual era necessária alguma explicação científica. Consideravam a fé religiosa uma ilusão, um fenômeno que logo seria extinto. A religião, no entanto, não é uma ilusão, afinal, ilusões não perduram durante séculos. A religião tem uma base objetiva: a sociedade. Ela é encontrada em qualquer sociedade, pois é um produto da ação da própria vida social. A existência e o desenvolvimento das sociedades estão associados à religião (EVANS-PRITCHARD, 1986).

A antropologia, desde sua origem, vem estudando as “culturas em vias de extinção”, que não se sustentariam na modernidade, e passariam por um processo de aculturação e as levariam a pertencer à cultura moderna e capitalista vigente. Todavia, este contato entre as culturas (simples e complexa) gera, na verdade, uma intensificação cultural, ou seja, as sociedades tendem a se transformar quando em contato com diferentes concepções de mundo, passando por um processo de adaptação e reestruturação, intensificando a sua atuação social. Sendo assim, a religião

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não está desaparecendo, mas se transformando (SAHLINS, 1997).

Dessa forma, este projeto de pesquisa pretende viabilizar o entendimento acerca das transformações ocorridas na religião, bem como o surgimento de um novo segmento religioso, a Igreja Evangélica Bola de Neve, na cidade de Toledo, no Paraná. O objeto de estudo da pesquisa consiste nas representações coletivas sobre religiosidade entre os membros dessa Igreja, sendo que através delas é constituída a identidade do grupo que vem atraindo jovens em várias filiais pelo Brasil e no exterior¹⁷.

A pergunta de partida, para ser respondida com a efetivação da pesquisa, consiste em entender por que uma parcela significativa de jovens tem se agregado a esta instituição religiosa? Segundo Dantas (2006), "o sucesso da igreja deve-se à identificação do jovem com a imagem e propósito da instituição [...] à informalidade dos cultos e à linguagem descontraída e a ruptura dos rituais religiosos, que sempre afastam os adolescentes das congregações evangélicas" (DANTAS, 2006, p. 128).

No entanto, o estudo de Dantas (2006) é realizado na sede da igreja Bola de Neve, na região litorânea de São Paulo-SP, ou seja, é uma realidade social muito diferente da igreja de Toledo-PR, sendo assim, a pesquisa pretende investigar quais suas mudanças de estratégias para atrair os jovens da região do extremo oeste do Paraná para se agregar a esta igreja.

Para possibilitar uma melhor compreensão da reconfiguração religiosa e encontrar a(s) resposta(s) para estas indagações, a pesquisa se constituirá através de arcabouço bibliográfico e pesquisa de campo na Igreja Evangélica Bola de Neve, através da prática etnográfica, que consiste em observação com participação, cujas observações serão documentadas em diário de campo, e realização de entrevistas aos líderes religiosos e membros da instituição religiosa.

¹⁷. "Existem vinte e oito congregações, dentre as quais duas estão sediadas em outros países – Peru e Japão. Pequenos grupos ainda embrionários já começam a surgir em Huntington Beach, na Califórnia, e no Havai." (DANTAS, 2006, p. 129).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

2 Objetivo geral

Viabilizar uma maior compreensão acerca da modernização religiosa e o surgimento de um novo segmento religioso, a Igreja Evangélica Bola de Neve de Toledo-PR.

2.1 Objetivos Específicos

- a) Entender a reconfiguração do discurso e dos símbolos religiosos na Igreja Evangélica Bola de Neve;
- b) Compreender de que maneira se dá a modernização da instituição religiosa Bola de Neve;
- c) Traçar o perfil sócio cultural dos membros da Igreja Evangélica Bola de Neve;
- d) Identificar padrões de comportamento entre os membros da Bola de Neve.

3 Metodologia

Num primeiro momento, o processo de investigação da pesquisa consiste em análise bibliográfica, a partir das definições clássicas e contemporâneas de representações coletivas de Durkheim (1999) e Moscovici (2001); bibliografias referentes à Igreja Evangélica Bola de Neve, principalmente a dissertação de mestrado de Dantas (2006); e referencial teórico acerca da antropologia da religião, sobretudo, estudos sobre os evangélicos.

Posteriormente, será realizada a pesquisa de campo, por meio de observação com participação, através da prática etnográfica, que, segundo Lévi-Strauss (1970, p. 377), corresponde “aos primeiros estágios da pesquisa: observação e descrição, trabalho de campo”. A observação direta é a melhor forma de identificação dos saberes e práticas sociais e reconhecer as representações coletivas na vida humana. “É se engajar em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos” (ROCHA; ECKERT, 2008 p. 2). Após o período de observação e documentação das informações em diário de campo, serão realizadas entrevistas aos líderes religiosos e membros da Igreja Evangélica Bola de Neve.

Segundo Velho (1998), no estudo da religião, é impossível manter uma postura de mera observação, sendo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que há também a necessidade de participação. Geertz (2012, p. 16) fomenta que “o locus do estudo não é o objeto de estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias”, dessa forma, esta pesquisa consiste em estudar a igreja, mas na igreja.

4 Representações na Religião

Segundo Durkheim (1999), as representações coletivas são uma forma de conhecimento produzida socialmente, como resultado de um esforço coletivo, portanto, não podem ser reduzidas aos indivíduos. As representações coletivas estão presentes na sociedade em forma de consciência coletiva¹⁸, sendo que são conceitos, hábitos e crenças construídos em conjunto, em um determinado grupo, formando uma identidade cultural, que “traduzem a maneira como o grupo se pensa as suas relações com os objetos que o afetam” (DURKHEIM, 1999, p. 79).

Moscovici (2001), apresenta uma definição de representações sociais muito próxima à de Durkheim:

Compreende-se que tal representação seja homogênea e vivida por todos os membros de um grupo, da mesma forma que partilham uma língua. Ela tem por função preservar o vínculo entre eles, prepara-los para pensar e agir de modo uniforme. Ela é coletiva por isso, e também porque perdura pelas gerações e exerce uma coerção sobre os indivíduos, traço comum a todos os fatos sociais (MOSCOVICI, 2001, p. 47).

Dessa forma, compreende-se as representações coletivas e sociais enquanto práticas comuns de um determinado grupo da sociedade. As representações podem referir-se à qualquer coisa, como um comportamento ou crença, por exemplo, desde que haja a concordância de todos os membros do grupo, e todos acreditem arduamente em cada ritual, em cada símbolo que determine a identidade do grupo. No caso desta pesquisa, será estudado um grupo religioso, para tanto, é preciso definir o que é religião.

A religião é um sistema de símbolos, utilizado para estabelecer disposições e motivações nos homens, a

¹⁸. “Conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria” (DURKHEIM, 1999, p. 81).

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partir da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral (GEERTZ, 2012). A religião é um sistema de crenças e práticas referentes a coisas sagradas, ou seja, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral – a igreja – todos que agregam-se a ela (DURKHEIM, 1996).

Cada religião possui uma identidade atrelada a uma infinidade de normas e práticas que visam moldar a identidade do ser humano, tendo em vista que fundamenta-se nas representações coletivas que tem poder coercitivo sobre os indivíduos. Sendo assim, a religiosidade apresenta a ideia do sagrado e do profano.

O sagrado define-se por sua heterogeneidade, é absoluto para se distinguir das outras coisas, diferentemente do profano, visto que as coisas sagradas são aquelas que protegem e isolam, enquanto profanas são aquelas coisas das quais se protege, deve-se manter distância (DURKHEIM, 1996).

Como toda instituição social¹⁹, a religião também possui normas e padrões de comportamento, dessa forma, pretende-se analisar as representações coletivas de religiosidade observadas no ritual de culto da Igreja Evangélica Bola de Neve, uma vez que os ritos são regras de como se comportar em relação as coisas sagradas (DURKHEIM, 1996).

Sendo assim, as representações coletivas a serem analisadas referem-se ao padrão de conduta do jovem nesta instituição, em relação ao modo de se vestir; se comportar frente a sociedade; sexualidade, tendo em vista que “[...] a conduta sexual dos jovens é algo da preocupação dos pastores.” (DANTAS, 2006, p. 134). Dentre outros elementos que considerar determinante, através do discurso e das práticas observadas nessa instituição, de modo a identificar qual é o padrão comportamental esperado e pautado na religiosidade da Igreja Evangélica Bola de Neve.

5 (Neo)pentecostalismo

O movimento pentecostal²⁰ surge no Brasil em três ondas de implantação de instituições religiosas: a

¹⁹ Instituição social é um modelo de controle do comportamento individual, utilizada como base para a identificação e classificação dos sujeitos na sociedade (BERGER, P; BERGER, B., 2004).

²⁰ O pentecostalismo recebe este nome devido ao incidente que está na origem da igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes, cuja narração encontra-se no segundo capítulo de Atos dos Apóstolos da Bíblia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

primeira onda, por volta de 1910, é marcada pela chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus. A segunda onda, acontece entre as décadas de 1950 e 1960, momento em que o campo pentecostal se fragmenta, formando dezenas de outros pequenos grupos, dentre as maiores instituições religiosas surgidas neste período estão a igreja Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). A terceira onda surgiu no início nos anos 1970, trazendo um discurso religioso mais moderno, embasado, principalmente, na cura espiritual, teologia da prosperidade (espiritual e financeira) e teoria da libertação, esse movimento ficou conhecido como neopentecostalismo, o qual é representado, principalmente, pela Igreja Universal do Reino de Deus (FREESTON, 1994).

Com o crescimento das igrejas evangélicas, decorrente de uma fragmentação da religião, surgiu o pluralismo institucional no Brasil. O número dos adeptos ao movimento pentecostal cresceu tanto quanto a diversificação institucional religiosa no país. Sendo assim, a classificação das igrejas pentecostais (e neopentecostais) tornou-se fundamental para a compreensão de sua realidade (GIUMBELLI, 2000).

A principal diferença entre as igrejas pentecostais e as demais igrejas evangélicas, é que as pentecostais acreditam nos dons²¹ concebidos pelo Espírito Santo²². Os seguidores destas igrejas se destacam por adotarem uma atitude de “evangelizadores”, ou seja, propagadores do evangelho, e possuem uma leitura bíblica centrada no Novo Testamento (MAFRA, 2001).

As igrejas neopentecostais mantêm essas características, no entanto, se submeteram a várias mudanças, adotando novos padrões de comportamento e flexibilidade em relação às doutrinas tradicionais, possibilitando uma melhor adaptação à sociedade moderna (DANTAS, 2006). Essa reconfiguração da religião se faz necessária na medida em que é confrontada por uma variedade de representações simbólicas e novas instituições religiosas, e para enfrentar a concorrência e manter as gerações jovens, as igrejas buscam se modernizar e utilizar meios mais eficazes de comunicar o evangelho (HERVIEU-LÉGER, 2008).

De acordo Neri (2011), quando realizou sua pesquisa intitulada Mapa das Religiões, é notório, no caso dos

²¹ Segundo encontra-se em 2Coríntios 12:1-11, são 9 os dons espirituais, sendo: a sabedoria, a ciência, a fé, dons de curar, operação de milagres, profecia, dom de discernir os espíritos, diversidade de línguas e, por fim, a interpretação de línguas (A BIBLIA DA MULHER, 2009).

²² É a terceira pessoa da Santíssima Trindade, responsável pela santificação do homem e purificação de seus pecados (IBADEP, 2004).



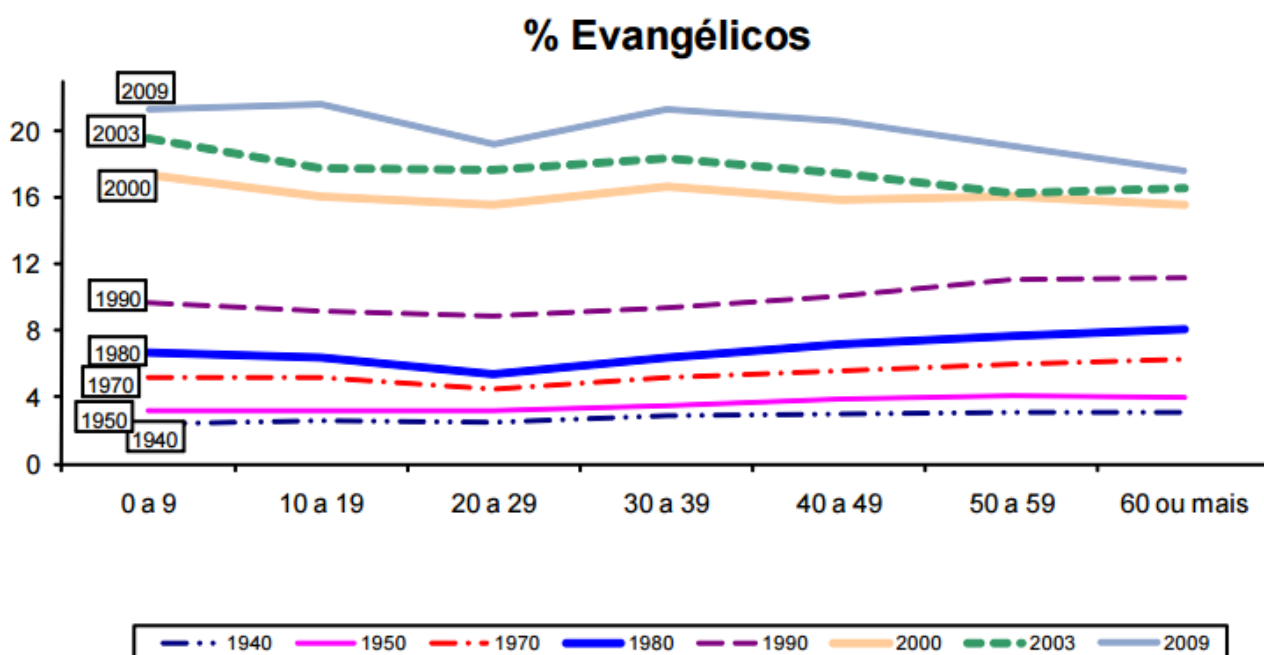
IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

evangélicos, o crescimento de adeptos, principalmente entre os jovens. Entre os anos de 2003 e 2009, aqueles entre 10 e 19 anos, foram que apresentaram maior crescimento (de 17,72% para 21,59%).

Conforme demonstra o gráfico abaixo:

Evolução das Crenças no Brasil - 1940 a 2000



Legenda da figura 1: Gráfico retirado de Neri (2011), em seu Mapa das Religiões.

Em face do maior crescimento das igrejas neopentecostais em relação às igrejas tradicionais e históricas (MAFRA, 2001), busca-se analisar o surgimento e consolidação da Igreja Evangélica Bola de Neve enquanto novo segmento religioso.

6 A Igreja Evangélica Bola de Neve

A Igreja Evangélica Bola de Neve (ou “Bola de Neve Church”, como é chamada pelos membros), foi fundada na cidade de São Paulo-SP, em 1999, por Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, conhecido como Apóstolo Rina.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“[...] Inicialmente, em 1994, era um segmento da Igreja Renascer em Cristo, que desenvolvia atividades evangelísticas para atrair jovens e promovia vários eventos, festas, campeonatos de jiu-jitsu e capoeira, evangelismo nas praias e pistas de skate, peças de teatro e shows “gospel”. As reuniões dirigidas a grupos que praticavam esportes radicais foram se expandindo e separaram-se da instituição evangélica que as abrigava. Houve, pois, uma dissensão que resultou no surgimento da Igreja Evangélica Bola de Neve. (DANTAS, 2006, p. 125).

O Apóstolo Rina usava uma linguagem informal para propagar o evangelho, pois tinha intenção de alcançar o público jovem, em especial os praticantes de esportes radicais. Rina mantinha um pequeno grupo de oração, os primeiros cultos foram realizados no auditório de uma empresa de *surfwear*, “em uma reunião, percebeu que não havia suporte para apoiar a Bíblia. Avistou ao longe uma prancha de *longboard*, que pertencia à loja. Resolveu convertê-la em púlpito, o que se tornou a marca da congregação²³ (DANTAS, 2006, p. 126).

Segundo Jardimino (2001), os novos movimentos religiosos procuram se adaptar à modernidade, para isso, é necessário reformular sua linguagem, transformando-a em veículo virtual de transmissão das mensagens tradicionais. Ou seja, as igrejas neopentecostais se utilizam de uma linguagem mais moderna para propagar as mesmas mensagens tradicionais e conservadoras dos segmentos evangélicos antigos.

Nas pregações²⁴, a linguagem possui um papel muito importante, pois é acessível ao jovem. O pastor faz uso de gírias e conta histórias do dia a dia, comuns aos fiéis, através dessa linguagem espontânea e descontraída, o discurso se torna mais divertido e facilita a compreensão (DANTAS, 2006).

O neopentecostalismo gerou novos padrões estéticos e de comportamento entre os evangélicos, bem como novos estilos musicais, e promoveu uma flexibilidade dos costumes de santidade e adotou uma posição mais liberal, principalmente em relação à aparência dos fiéis. “Não há restrição quanto ao tipo de roupa, ao corte de cabelo e ao uso de maquiagem e jóias. Não é proibido ouvir rádio, assistir televisão, praticar esportes, frequentar cinemas e teatros [...] os jovens possuem tatuagens e piercings.” (DANTAS, 2006, p. 104).

Essas representações coletivas fundamentam a identidade social do grupo, todavia, a partir do

²³ A utilização da prancha de *surf* como púlpito tornou-se parte da identidade do grupo religioso: ver anexo 01 deste trabalho.

²⁴ Discurso ou sermão religioso.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

desenvolvimento da pesquisa essas informações poderão se confirmar ou não, considerando que a dissertação de Bruna Dantas foi desenvolvida em 2006, no início do movimento religioso, no entanto, deve-se observar estas representações e as novas que tenham se consolidado. Tendo em vista que a cidade de Toledo localiza-se no extremo oeste do Paraná, distante do litoral e de regiões praianas, é interessante analisar as mudanças de público desta igreja e suas mudanças de estratégias para atrair os jovens. Para tanto, pretende-se investigar quais são as representações coletivas comum, que tem atraído os jovens para agregar-se a esta instituição religiosa.



ANEXO 01 - Púlpito da Igreja Evangélica Bola de Neve de Toledo-PR. (Fonte: <<https://www.facebook.com/boladeneve.toledo>> Acesso: fev/2016).

Referências

- Autor desconhecido . **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo**. Bauru, SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BERGER, P; BERGER, B. "O que é uma instituição social?" *In.*: FORACCHI, M.; MARTINS, J de S. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia** . Rio de Janeiro: LTC, 2004. pp. 163 – 168.
- DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Sexualidade e neopentecostalismo: representações de jovens da igreja evangélica Bola de Neve** . Dissertação em psicologia social apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, São Paulo, 2006.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo : Martins Fontes, 1996.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

EVANS-PRITCHARD, E. E. "A religião e os antropólogos" *In Religião e Sociedade*, 13/1, março. Rio de Janeiro, 1986.

FRESTON, Paul. "Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus" *In Religião e Sociedade* 16/3, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GIUMBELLI, Emerson. "A vontade do saber: termologias e classificações sobre o protestantismo brasileiro" *In Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 21 (1): 87-119, 2000.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

IBADEP. **A trindade**. Guaíra-PR: s/ ed., 2004.

IGREJA EVANGÉLICA BOLA DE NEVE, 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/boladeneve.toledo>> Acesso 22.02.2016.

JARDILINO, J. R. L. "O tempo e o espaço sagrado na experiência religiosa pós-moderna: alterações no campo religioso brasileiro" *In Santos, G.T. dos Jardimino, J.R.L. Ensaios de psicologia e religião*. São Paulo: Editora Plêiade, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Jorge Zahar Ed. Rio de Janeiro, 2001.

MOSCOVICI, Serge. "Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história" Denise Jodelet (org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 45-67.

NERI, C, Marcelo (coord.). **Novo Mapa das Religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011. p. 41.

Disponível em http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf Acesso 22.02.2016.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da., **ECKERT, Cornelia**. "Etnografia: Saberes e Práticas" *In PINTO, Célia Regina Jardim. BARCELLOS, César Augusto (org.). Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008

SAHLINS, Marshall. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte i)**. *Mana* (3)1, 1997.

VELHO, Otávio. "O que a religião pode fazer pelas Ciências Sociais?" *In Religião e Sociedade* . Rio de Janeiro, 19(1): 9-17, 1998.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Francisco: uma nova identidade cultural para o cristianismo

Por: Tiago Fernando Hansel²⁵

tiagohansel@hotmail.com

Resumo

Este artigo busca uma abordagem contemporânea sobre a vida do Papa Francisco, apontando e destacando a sua identidade humilde e simples, com foco nos pobres e mais necessitados, que o mesmo busca levar para toda a Igreja Católica, assim dando uma nova realidade para a mesma. Observando elementos pessoais e profissionais do mesmo que demonstrem esses fatores para o cristianismo. Francisco trás consigo e repassa para o mundo um estilo próprio, quebrando paradigmas, culturas e identidades seguidas até então. Um Papa com várias características peculiares e até certo ponto curiosas, que serão descritas no decorrer do artigo. E para melhor entendimento sobre o assunto, o autor busca referência bibliográfica e entrevistas de conhecedores sobre o tema abordado.

Palavras-chave: Papa; Igreja Católica; Identidade Cultural.

Resumo

Tiu artikolo serĉas nuntempa alproksimiĝo sur la vivo de papo Francisko, montrante kaj elstarigante siajn humila kaj simpla identeco, temigante la malricxulo kaj mizerulo, ke ĝi serĉas alporti al la tuta katolika eklezio, donante tiel nova realaĵo al la sama. Observante persona kaj profesia elementoj de la sama dokumentoj montras tiujn faktorojn al kristanismo. Francisko alportas kun ĝi kaj pasas ĝin al la mondo sian propran stilon, rompante paradigmoj, kulturoj kaj identecoj sekvis ĝis nun. Al papo kun pluraj stranga kaj scivola punkto al iu trajtojn, kiuj estas priskribitaj en la kurso de la

²⁵ É Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Especialista em Gestão Pública pela Faculdade de Agronegócio de Paraíso do Norte, MBA em Marketing: comunicação, propaganda e vendas pela Faculdade Sul Brasil, Graduado em Administração: ênfase em gestão empresarial pela Faculdade Sul Brasil e Técnico em Meio Ambiente pelas Faculdades Anglo-Americano. É servidor público municipal, na função de Secretário Municipal de Administração e Vice-Prefeito do Município de Quatro Pontes/ PR. É docente de Administração da Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon – ISEPE – Rondon onde também atua como membro do Conselho Superior – CONSUP. Atua como servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. É docente de pós-graduação em Marketing Pessoal e Empresarial pela Dinâmica: pós-graduação e extensão. É professor da Área de Comércio do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC/ PR. É professor de pós-graduação na Faculdade Luterana Rui Barbosa – FALURB. É Coordenador no Projeto de Pesquisa sobre “A logística de modais de transportes incorporada à gestão empresarial” e Coordenador do Projeto de Extensão sobre “A gestão ambiental e a sustentabilidade como diferencial nas empresas”, no Projeto de Extensão sobre “Intercurso e interdisciplinar: ISEPE da Alegria”. É membro do Corpo Editorial dos periódicos “Todavia Porto Alegre” e “Revista Eletrônica da Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon”. É premiado como Vereador destaque pela JC nos anos de 2015 e 2014, seu nome foi dado à turma de do curso superior em Administração da Faculdade de Ensino Superior de Marechal Cândido Rondon/ PR, nos anos de 2014 e 2013 e em outros anos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

artikolo. Kaj por pli bona kompreno de la temo, la aŭtoro serĉas bibliografiaj referenco kaj sperta de intervjuoj pri la temo diskutis.

Ŝlosilvortoj: *Papo; Katolika eklezio; Kultura identeco.*

Abstract

This article seeks a contemporary approach on the life of Pope Francisco, pointing and highlighting his humble and simple identity, with focus on the poor and needy, that it seeks to bring to the entire Catholic Church, thus giving a new reality for the same. Observing the same personal and professional documents showing these factors to Christianity elements. Francisco behind you and passes to the world their own style, breaking paradigms, cultures and identities followed hitherto. A Pope with various curious to some peculiar and characteristic point, which will be described throughout the article. And for better understanding on the subject, the author seeks bibliographical references and interviews knowledgeable about the topic.

Keywords: *Pope; Catholic Church; Cultural Identity.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo demonstrar a importância e a influência da identidade cultural do Papa Francisco para a comunidade católica mundial através da sua personalidade e personalidade. Sendo ele atualmente a principal esperança para solucionar as crises internas da Igreja Católica, bem como elemento chave para a diminuição da egressão de fiéis dessa congregação religiosa. Para isso o cardeal expõe para o mundo sua identidade e busca sem medo reconhecimento por isso.

Para um melhor esclarecimento e entendimento sobre o tema, o artigo divide-se em fundamentação teórica, conhecimentos científicos e depoimentos coletados de pessoas conhecedoras do assunto, buscando assim, fazer ligações entre os dados de forma contemporânea.

Jorge Mario Bergoglio é eleito em um período de crises na Igreja Católica, como por exemplo, o envolvimento de padres na pedofilia, corrupção e entre outros assuntos, que fizeram que muitos fiéis se afastassem do catolicismo. Uma pesquisa do Instituto Pew Research Center, aponta que o percentual de cristãos no mundo caiu de 35% para 32%. As estatísticas religiosas não podem ser consideradas com grande exatidão, inclusive porque em muitos países os cristãos são perseguidos ou os governos não incluem a religião no Censo. Sem precisão estima-se o número atual de cristãos seja um terço da humanidade. Entre os cristãos, os católicos são a maioria, superando um bilhão. Cabendo ao continente da América com a maior porcentagem de católicos, com o total de 65,0%, seguido do Europa com 39,0%, na sequência a Oceania com 27,0%, África com 15,0% e em último lugar a Ásia com 2,9% da população pertencente a esta religião (Pew Research Center. Disponível em: < <http://www.pewresearch.org/>>. Acesso em: 23 de junho de 2014).

Inúmeros são os fatores que levam o afastamento de fiéis da Igreja Católica, como por exemplo, o



tradicionalismo e o conservadorismo extremo, escândalos como a pedofilia, a principalmente a distância da Igreja com o povo, em especial dos pobres e oprimidos. Sendo esta uma das principais mudanças que o Papa Francisco busca solucionar, já em seu primeiro discurso deixou claro para o mundo, que quer uma Igreja pobre para os pobres, e entre outros vários aspectos que interferem nessa saída. Este principal fator que define a identidade do atual pontífice, a humildade, simplicidade e o amor pelos pobres.

Com todos esses problemas, no ano de 2013 é eleito o argentino e jesuíta Jorge Mario Bergoglio, figura pouco conhecida no mundo, entretanto segundo informações não oficiais, já no conclave de 2005 o mesmo teria ficado na segunda posição. Homem de características peculiares e únicas. Pessoa de oração, de contemplação, capaz de tirar a Igreja de seus egocentrismos e leva-la a lugares onde milhões de pessoas a necessitam. (CAMAROTTI, 2013; ESCOBAR, 2013; HIMITIAN, 2013).

2 JORGE MARIO BERGOGLIO, O PAPA FRANCISCO

2.1 História de vida

Analisando a história de vida de Jorge Mario Bergoglio o agora Papa Francisco, já é possível delimitar como é, e como será o seu perfil papal, justamente pela sua identidade cultural humilde, simples e de compaixão pelos pobres que ele trás consigo, que o diferencia de todos os ocupantes desse cargo até o momento. Talvez sendo muita pretensão esta afirmação, mas para leigos e pessoas que não estudam e se aprofundam em relação aos Papas, esta é a imagem diferenciada que Francisco passa a população.

Nascido em 1936, em Buenos Aires, Argentina, Francisco é o primeiro papa do continente americano, do Hemisfério Sul e o primeiro pontífice não europeu em 1.200 anos, desde São Gregório III, que nasceu na Síria e governou a Igreja Católica entre 731 a 741 (HIMITIAN, 2013).

Filho de Mario José Francisco Bergoglio, contador, e de Regina María Sívori, dona de casa, imigrantes italianos, sendo Jorge Mario Bergoglio o primeiro dos cinco filhos do casal, viveu até os vinte e um anos no Bairro de Flores, centro geográfico da capital argentina, saindo apenas deste local para ingressar na carreira religiosa. Até sua dedicação aos estudos teológicos, viveu a infância e adolescência igual a de qualquer pessoa desta idade, exemplo claro, na escola em que Bergoglio estudava, existe relatos que mostram que ele sempre foi considerando um bom aluno, mas nunca um menino extraordinário (HIMITIAN, 2013).

Outro fator que demonstra que o atual pontífice possuiu uma vida normal como a de qualquer outra pessoa, é o fato de que aos doze anos apaixonou-se por uma menina da mesma idade, chamada Amalia, onde chega ao ponto de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pedir seu amor quase platônico e pré-adolescente em casamento, afirmando que se ela não aceitasse ele se tornaria padre, o que de fato aconteceu (PIQUÉ, 2013).

Com a mesma idade da época em que se apaixonou, a jovem e agora pontífice, começou a trabalhar com seu pai no escritório de contabilidade, onde durante dois anos fez tarefas de limpeza. E pouco tempo depois começou a trabalhar em uma fábrica de meias. Deixou o trabalho por causa dos estudos, fez [graduação](#) e [mestrado](#) em [química](#), na [Universidade de Buenos Aires](#), além disso, sempre estudou muito literatura, que sempre foi sua grande paixão como estudante. Com isso consegue uma vaga em um laboratório de análises de gorduras, águas e produtos alimentícios, onde mais tarde deixa seu emprego e estudos para ingressar no noviciado da Companhia de Jesus (ESCOBAR, 2013).

No ano de 1958 o jovem escolhe seguir sua vocação que havia despertado nele, de ser padre, para isso buscou seguir sua identidade e cultura, que era o amor pelos pobres, pelos excluídos, oprimidos, enfim, as pessoas que mais necessitam, e por este motivo optou ser um membro da Companhia de Jesus, os chamados jesuítas, que possuem este perfil. Para isso, precisou seguir por anos vários passos, para sua ordenação. Iniciando a primeira etapa de sua formação no noviciado, é um período de formação e provação. Durante dois anos, o noviço vive profundamente a espiritualidade inaciana, priorizando a vida interior e confirmando os frutos dos exercícios espirituais por meio de diversos experimentos (paróquias, missões, peregrinações, inserções, entre outros). Nesse tempo ele conhece profundamente a história, os documentos, a missão da Companhia de Jesus e sua inserção na Igreja e no mundo, para tornar-se um seguidor de Jesus (PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Em seguida fez o juniorado em Santiago no Chile. Nesta fase é dada aos chamados “júnior” a oportunidade de integrar os valores espirituais que recebeu no noviciado com o início dos estudos acadêmicos. A duração média dessa fase é um ou dois anos e nele realizam-se os estudos de humanidades e a preparação para os estudos de filosofia (para os que serão padres) ou para outros cursos superiores (para os irmãos) (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Graduou-se em filosofia em 1960, na Universidade Católica de Buenos Aires. Para os jesuítas esta etapa é

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um tempo de reflexão séria, de tomada de contato com as grandes correntes do pensamento da humanidade, de posicionamento crítico diante das correntes ideológicas e tempo para aprender a refletir com lógica e precisão, abrindo-se a outras formas de pensar e dando bases para um posicionamento maduro e crítico da realidade (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

Após esse período de formação, os integrantes da companhia de Jesus praticam o magistério. Essa etapa tem por objetivo contribuir para que o integrante alcance a maturidade religiosa e apostólica, integrando-se mais ao corpo apostólico da Companhia, conhecendo-se mais e testemunhando sua fé. Nessa etapa o jovem é convidado a exercitar-se o dom do ensinamento, da educação e do repasse de conhecimento. Normalmente esses períodos duram dois anos. Nos anos de 1964 e 1966, Bergoglio ensinou literatura e psicologia em Buenos Aires e na Província de Santa Fé (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014)..

Continuando sua formação, Bergoglio, graduou-se em teologia no ano de 1969. Essa formação tem como fim uma preparação adequada, de modo que o jesuíta possa realizar um maior serviço à Igreja e à sociedade. A Companhia cuida para que os estudos teológicos sejam de qualidade, com o propósito do formando não apenas assimile as doutrinas cristãs já estabelecidas, mas também aprender a refletir teologicamente e contribuir para o diálogo cristão com a cultura atual. Sendo esta a etapa de preparação mais imediata para a ordenação presbiteral. O período desta formação depende de cada teologado, o curso pode durar três anos ou mais (ESCOBAR 2013; HIMITIAN 2013; PORTAL JESUÍTAS NO BRASIL, 2014).

No ano de 1969 recebeu a ordenação presbiteral que é um dos sete sacramentos do catolicismo que confere o poder e a graça de exercer funções e ministérios eclesiais. Já no ano de 1973 emitiu seus últimos votos na Companhia de Jesus, que é a incorporação definitiva de João Mario Bergoglio no corpo universal da Companhia de Jesus, assim deixou de ser um membro em formação e passou a ser um membro formado. Neste mesmo ano foi nomeado Mestre de Noviços, no Seminário de San Miguel na Argentina, ainda em 1973 foi eleito superior provincial dos jesuítas na Argentina (PIQUÉ, 2013).

Alguns anos mais tarde, especificadamente no ano de 1992, no mandato do Papa João Paulo II, Jorge Mario

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Bergoglio foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires. Já no ano de 1997, foi designado arcebispo coadjutor de Buenos Aires. E um ano mais tarde foi empossado ordinário para os fiéis de rito oriental sem ordinário próprio, na Argentina, ainda pelo mesmo papa. Sempre buscou em todos os seus cargos seguir a base e as virtudes dos jesuítas (PIQUÉ, 2013; ESCOBAR, 2013; HIMITIAN, 2013).

Francisco foi eleito em 13 de março de 2013 por um conclave que durou vinte e sete horas e quatro escrutínios. A missão do conclave era encontrar um substituído para o papa renunciante Bento XVI, que apresentasse um perfil diferenciado e oferecesse uma nova identidade para a Igreja Católica. Bergoglio praticamente começou seu pontificado com seu sucessor ainda vivo, sendo que ocorreu algo nunca visto na história da Igreja Católica, o encontro de dois papas (CAMAROTTI, 2013).

2.2 A Companhia de Jesus

A ordem religiosa católica Companhia de Jesus, do qual os membros são conhecidos como jesuítas, foi fundada no ano de 1534, por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, criada com o objetivo de disseminar a fé católica pelo mundo, sob o comando de Iñigo López de Loyola, conhecido como Inácio de Loyola, que é o grande nome desta congregação (GUILLERMOU, 1977).

O líder deste grupo é de origem Romana, de família nobre, participou no combate na defesa de Pamplona contra os Franceses em 1521, onde durante o duelo de artilharia ficou ferido na perna direita por uma bala de canhão, que com a potência do artefato fez ricochete em uma parede, que lhe lacerou a carne da perna esquerda. Após este acontecimento dedicou-se a leitura sobre religião e os santos, e juntamente com mais seis outros colegas, fundaram a Companhia de Jesus, com o objetivo de desenvolver trabalhos de acompanhamentos hospitalares e missionários em Jerusalém, ou para ir onde o papa os enviar. O condutor deste grupo também escreveu as constituições jesuítas, adotadas em [1554](#), que deram origem a uma organização rigidamente disciplinada, enfatizando a absoluta abnegação e a obediência ao Papa e aos superiores hierárquicos. Assim o mesmo levou uma vida simples e pobre até o fim de sua vida, seguindo rigidamente os princípios desta congregação (GUILLERMOU, 1977).

Mesmo com uma representação muito baixa na Igreja Católica, os jesuítas conquistaram o lugar mais alto da mesma. Elemento este, muito trabalho pela mídia após a eleição de Francisco, pelo fato de serem poucos votantes jesuítas no conclave de 2013, os mesmos conseguiram sucesso na eleição papal. Para Himitian (2013), até recentemente os jesuítas contavam com dez cardeais, mas por razões de idade só dois deles tiveram participação ativa no último conclave: Julius Riyadi Darmaatmadja, da Indonésia, e Bergoglio. Atualmente os cardeais da Companhia de Jesus são nove, mas somaram um papa, o número 266 do Vaticano e o primeiro jesuíta da história.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Algo que chama a atenção com o atual Papa, é que os jesuítas são educados e preparados para não ser papa e sim propagadores da fé, conquistar o trono da Igreja Católica certamente não era objetivo de Jorge Mario Bergoglio e de toda congregação.

Papa Francisco é o primeiro pontífice jesuíta na história, quando eleito em 13 de março de 2013, escolheu o nome de Francisco, que definiria seu estilo de comando em frente aos católicos. Segundo Jorge Mario Bergoglio, o nome se referência a São Francisco de Assis, fazendo menção à sua simplicidade e dedicação aos pobres, características primária. Assim, novamente é possível observar sua identidade pessoal, e que agora como Papa busca implementar para toda a Igreja Católica.

3 O Papa do povo: uma nova identidade cultural para a Igreja Católica

Em um período de crise na Igreja Católica, em especial a grande perda diária de fiéis, chegando a 10 mil membros por dia, bem como outro elemento de destaque é a corrupção, sendo que a Igreja Católica possui seu próprio banco, o Banco do Espírito Santo, que vive de juros, especulações e entra em negociações financeiras, deixando de lado o real significado da religião, até certo ponto se contradizendo com os princípios da Igreja. E certamente o que abala muito as estruturas desta instituição são os escândalos sexuais, mais especificadamente a pedofilia.

Com esses cenários tumultuados, é que o Papa Francisco assume a direção do catolicismo aos 76 anos (no dia em que foi eleito). Humildade e simplicidade, duas palavras que podem ser utilizada para a definição correta do atual pontífice, e com essa identidade que o papa possui, ele busca levar e implantar a sua identidade para toda a Igreja Católica.

Conforme Escobar (2013), um papa tão próximo das pessoas se conectará bem com a sociedade pós-moderna, mais voltada para os sentimentos e as emoções do que para as ideias e os pensamentos. É curioso que alguém com traços culturais tão definidos possa ser, ao mesmo tempo, tão universal no multiculturalismo.

Mesmo antes de assumir o maior cargo da igreja católica, Francisco sempre buscou ser um prorrogador de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fé nas *villas* (nome dado às comunidades extremamente pobres da Argentina), sem luxos, caminhando pelas ruas, utilizando transporte público, sempre com o objetivo de ser uma “igreja pobre para os pobres”. Talvez este seja o motivo para ele não ser o favorito no conclave, sempre fez seu trabalho discreto. Quando eleito muitos dos seus conterrâneos argentinos não o conheciam justamente por isso. E assim quando conquistou o lugar de São Pedro, claramente se direcionou para os fiéis que seu mandato estaria voltado para este objetivo.

Seus primeiros gestos foram uma verdadeira mensagem à fé dos mais céticos. O primeiro convite à reconciliação. Recusou-se a usar a estola papal, descartou a cruz de outro e, em vez dos sapatos vermelhos, calçou seus velhos companheiros de estrada, com que tinham percorrido as *villas* e centenas de procissões. Nada de limusine nem luxuosas residências papais. Depois de se tornar papa, viajou de ônibus branco com outros cardeais e até apareceu na Casa Santa Marta para pagar os gastos de sua estadia. Também ligou para seu jornalista em Buenos Aires para cancelar as encomendas. A mensagem era clara. Nada de contas pendentes. Adeus ao esbanjamento de “recursos suados do povo”, como disse uma vez a um presidente (HIMITIAN, E. A vida de Francisco: o papa do povo, 2013).

Em sua primeira quinta-feira Santa como pontífice, lavou os pés de doze jovens detentos em uma instituição para menores em Roma, e dias após isso, participou da missa celebrada pelos jardineiros do Vaticano, solicitando aos mesmos que não se distraíssem e muito menos que se sentissem constrangidos por estar presente. Grande carinho pelos bebês e crianças, sempre que possível abençoando e beijando os mesmos. Outro fato que inicialmente chamou muito a atenção em Roma, que em suas caminhadas (que faz da mesma maneira que fazia na Argentina quando não era Papa) costuma benzer as pessoas com necessidades especiais que encontra pelo caminho. Como sempre gostou de estar com o povo, evita guardas de segurança, para poder sentir as pessoas (HIMITIAN, 2013; ESCOBAR, 2013).

Logo após Bargoglio ser eleito para o cargo supremo de Igreja Católica, a autora Evangelina Himitian, descreve em seu livro “A vida de Francisco, o papa do povo” (2013), que ele é um papa próximo. Um papa do povo. A revolução da fé já estava em movimento e se propagava de Roma a Buenos Aires e pelo mundo inteiro, levantando suas duas bandeiras: a austeridade e a humildade.

Para melhor entendimento sobre o assunto, o autor deste artigo buscou interlocução com conhecedores e estudiosos do tema, utilizando a metodologia de entrevista. Onde se questionou sobre qual a opinião sobre Papa

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Francisco. Como é o caso do Bispo diocesano de Toledo no Paraná, Dom João Carlos Seneme, que descreve o atual pontífice como:

O Papa Francisco tenta levar o perfil que ele levava na América Latina para a Europa e os demais continentes. Os principais elementos de destaque é o fato dele de ser jesuíta, que define sua identidade de pessoa humilde, simples e acima de tudo, alguém com dedicação e amor pelos pobres, com grande apreço pelos jovens. Outra atenção para Bergoglio, a sua feição em Buenos Aires e continua agora em Roma é de caminhar pelas ruas das periferias propagando a palavra de Deus. Isso demonstra que ele gosta de estar com o povo, fazendo assim uma aproximação das pessoas com a igreja, deixando um pouco de lado o conservadorismo extremo, assim trazendo um novo jeito de governar, com sua espontaneidade, fazendo cerimônias mais curtas e menos formais. Trabalha muito a questão de ser uma Igreja que olhe para os pobres, assim trazendo muitos fieis de volta que foram perdidos com os discastes da Igreja Católica. De tal modo deixando claramente sua identidade simples, de pessoa comum, que ganha o respeito e admiração não apenas dos católicos, mas de membros de outras religiões (Entrevista concedida por Dom João Carlos Seneme ao autor do artigo, 2014).

Para o bispo diocesano, o Papa Francisco conseguindo levar sua identidade latina americana para o mundo, será um benefício muito grande, primeiramente pelas suas qualidades de humildade e simplicidade, mas em especial a dedicação pelos pobres, conseguir aproximar a igreja do povo. Outro elemento de destaque é sua aproximação com os jovens. Um exemplo claro foi a XXVIII Jornada Mundial da Juventude, que aconteceu de [23 a 28 de julho de 2013](#) no [Rio de Janeiro, Brasil](#). Pela primeira vez, esse evento da [Igreja Católica](#) ocorreu em um país cuja [língua portuguesa](#) é [majoritária](#), e pela segunda vez em um país da [América do Sul](#), sendo o [primeiro encontro](#) foi na [Argentina](#) em [1987](#). Esse evento foi realizado apenas quatro meses após a sua escolha pelo cargo mais soberano de catolicismo. O grande destaque do líder católico foi à aproximação dele com as pessoas. Também destaque-se por conseguir aproximar os jovens da Igreja Católica. Todos estes elementos abordados anteriormente se dão graças a sua identidade, com destaque a humildade, simplicidade e aproximação com os pobres.

Outro fator abordado pelo Bispo Diocesano e que inclusive se tornou discussão em vários meios de comunicação, é que além de católicos, o Papa Francisco cativou e conquistou muitos membros de outras congregações religiosas, que confiam e acreditam na positividade do desempenho do líder para o mundo, utilizando



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como base a sua identidade peculiar e diferenciada dos outros que já ocuparam esse mesmo cargo.

Já o Frei Diogo Moreno Pereira, da Ordem dos Agostinianos Descalços da cidade de Toledo no Paraná, delinea a importância do Papa Francisco como:

Em meio a um mundo onde o ser humano é fabricado pela mídia, o Papa Francisco surge mais que uma pessoa com o dom da simplicidade, mas sim com um espírito de humanidade, pois as pessoas não estão querendo ser seres humanos, mas sim algo fabricado, assim o pontífice mostra que precisamos ser seres humanos. Sendo que ele aparece do campo mais difícil da igreja católica, que são os jesuítas, que não tem o objetivo de alcançar a cadeira de Papa. Bergoglio prefere uma igreja que se volte para as pessoas, e não uma que se auto referencie. Outro fator que descreve a identidade do atual papa é o motivo dele ser da América Latina, que vem com uma visão mais aberta dos que até então os pontífices Europeus, que possuem uma visão mais sistêmica e fechada. O papa não tem medo do presente (do mundo, da internet e entre outros). A humanidade esta em crise, a bondade, esta carente, sendo esse um dos problemas que o líder da igreja católica quer consertar. Mais que simpatia, Francisco possui empatia, e com isso ele prioriza as periferias existenciais. Por fim, será uma mudança altamente positiva para a igreja, mas essa será lenta. (Entrevista concedida pelo Frei Diogo Moreno Pereira ao autor do artigo, 2014).

Nesta afirmação do Frei, percebe-se que por mais que o Papa seja conservador, ele tem uma visão mais aberta, como exemplo pode ser utilizada a posição rígida quanto ao aborto e a união de pessoas do mesmo sexo. Mas por outro lado, demonstra-se tolerante quando ao uso de métodos contraceptivos. De acordo com o mesmo, o principal destaque de identidade do pontífice, é a humildade, a simplicidade e a empatia, sempre **tentando compreender os sentimentos e emoções dos outros**, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que os outros indivíduos sentem. Sendo que sua principal preocupação esta ligada as periferias existenciais, como por exemplo, os pobres, os deficientes, os nascituros e os doentes, os migrantes e os refugiados, os idosos e os jovens sem emprego, **as periferias do mistério do pecado, da dor, da injustiça, da ignorância e desprezo relativamente à religião, do pensamento, de toda a miséria, do** advento do individualismo exacerbado, não são mais somente periferias físicas e geográficas.

Outro aspecto de mudança que se apresenta, mesmo que de fato o Papa Francisco é considerado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conservador, ele deixa um pouco de lado alguns assuntos tradicionalistas da Igreja Católica, como no caso às mães solteiras, em uma de suas cerimônias criticou padres que se recusam a batizar filhos dessas mulheres, utilizando a seguinte frase: “somos muitas vezes controladores da fé, em vez de facilitadores”. Em outra cerimônia, critica os comandantes da Igreja, afirmando que muitas pessoas se afastam da mesma pelo fato de encontram “fiscais da fé” e não uma Igreja de portas abertas para receber e acolher as pessoas.

De acordo com Escobar (2013), na globalização nunca se deve perder a noção de identidade, ainda que a miscigenação também tenha fatores positivos. Não nos esqueçamos de que Francisco tem fortes raízes europeias (pais italianos), mas foi criado numa cultura com uma mescla de muitos lugares.

Para o doutor em História e estudioso sobre a Igreja Católica o professor Nilceu Jacob Deitos, descreve o papa da seguinte forma:

Principal característica de destaque do Papa Francisco, e elemento de identidade cultural que o mesmo utiliza e utilizará em seu papado, é o fato do mesmo ser um membro da Companhia de Jesus (Jesuítas), estes possuem uma alta formação para as ações missionárias, que nesta congregação tem uma tradição de anos. Outro item a ser observado nele é a maneira que ele se apresentou para o mundo no dia em que foi eleito pontífice, assim já deixando claro como seria o perfil que ele pretende implantar para a Igreja Católica. Após sua anúncio como papa, ele se ajoelhou e pediu ao povo que reze sobre ele, não pediu que orassem por ele, mas sim sobre ele, assim, deixando transparecer um ato de humildade e de submissão. Com isso o mesmo deixou transparecer que a partir daquele momento a Igreja Católica começaria um processo de reforma e reestruturação. Deixando sempre claro que a igreja precisa ir ao povo e não ser o contrário. O seu governo será de um pastoreio, trazendo fiéis de volta e conquistando novos, e para os atuais membros fazer com que tenham o gosto de ser católicos (Entrevista concedida pelo professor Dr. Nilceu Jacob Deitos ao autor do artigo, 2014).

Francisco sempre busca passar ao povo sua imagem de homem simples, demonstrando ainda que mesmo ocupando o cargo mais alto da Igreja Católica, ele não se superioriza perante as outras pessoas, pelo contrário, sempre se colocando no mesmo nível.

Busca com isso a reforma e reestruturação da Igreja, objetivando reconquistar os fiéis, e principalmente trazer de volta membros perdidos, fazendo justamente o perfil de pastoreio. Talvez esse seja o maior desafio de Jorge



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mario Bergoglio, a reforma e reestruturação de Igreja, desenvolvendo nas pessoas novamente a credibilidade do catolicismo.

De acordo com Himitian (2013), depois de vários anos de pronunciada queda, tanto no número de fiéis, quanto no número de vocações, no nível espiritual e até moral, a liderança Francisco fará com que muitos católicos que estavam decepcionados com a Igreja tenham uma nova abertura.

Os desafios para o Papa Francisco são muitos, que exigem um posicionamento claro do pontífice, principalmente em assuntos que estão em alta na mídia, como o casamento de pessoas do mesmo sexo, onde já apontou ser contrário a este assunto, pois prioriza a família. Outro fator é o aborto, deixando claro que é intransigente, inclusive foi um dos principais insistentes no conceito de feto como pessoa. Por outro lado, já deixou transparecer que é favorável ao batizado de filhos de mães solteiras, bem como a utilização de métodos contraceptivos. Mesmo se posicionado contra ou a favor de alguns fatores polêmicos da Igreja Católica, Francisco ainda não se posicionou sobre o assunto da comunhão para pessoas que foram separadas e novamente casam.

Papa Francisco é uma luz para a população católica mundial. Não deixar cair no esquecimento temas e mudanças que são questionados a anos pelos fiéis. De acordo com Escobar (2013), a estrutura da Igreja Católica continua a mesma há séculos, e as tentativas de transformação do Concílio do Vaticano II ficaram pela metade. É verdade que houve mudanças na liturgia, que se aumentou um pouco mais o papel dos leigos e que o próprio sistema político e econômico da Igreja foi modernizado em alguns aspectos, mas a maioria das reformas caiu no esquecimento.

A Igreja precisa de um líder com um coração pastoral e próximo das pessoas, alguém que não aceite injustiça, que tenha uma abertura humilde e prática para as outras Igrejas cristãs, que tenha diálogo com outras religiões, necessariamente que esse condutor seja despojado, humilde, simples e que tenha acima de tudo respaldo moral, com compromisso com a evangelização centrada em Jesus Cristo e não meramente uma igreja física, atributos estes de extrema peculiaridade da identidade de Jorge Mario Bergoglio (HIMITIAN, 2013).

Com base nas referências bibliográficas e entrevistas coletadas com o Bispo diocesano de Toledo no Paraná, Dom João Carlos Seneme, e com o Frei Diogo Moreno Pereira, da Ordem dos Agostinianos Descalços da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cidade de Toledo no Paraná e o doutor em historia e estudioso sobre a Igreja Católica o professor Nilceu Jacob Deitos, conclui-se que o Papa Francisco surge em um período em que mais a Igreja Católica necessitava de um líder com uma identidade nova, sendo o caso do Papa Francisco, que trás consigo uma identidade humilde e simples, e que esta implementando para o catolicismo, uma Igreja humilde e simples, focada para os pobres. Além disso, o pontífice quebra os paradigmas impostos há anos, deixando de lado certos vícios culturais da Igreja e com isso reconquistando fiéis. Insiste em uma Igreja para o povo, sendo tolerante para alguns assuntos polêmicos, mesmo que para isso aconteça uma grande reforma. Jorge Mario Bergoglio trás um estilo próprio, uma identidade particular, da humildade e simplicidade, focada para os pobres, e que objetiva implementar para toda a Igreja Católica, assim, pode-se utilizar a seguinte frase: *Habemus Papam*.

Referências

- BERGOGLIO, J; SKORKA, A. **Sobre o céu e a terra**. São Paulo: Schwarcz, 2013.
- CAMAROTTI, G. **Segredos do conclave**. São Paulo: Geração, 2013.
- ESCOBAR, M. **Francisco: o papa da simplicidade**. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- GUILLERMOU, A. **Os jesuítas**. Paris: *Presses Universitaires de France*, 1961.
- HIMITIAN, E. **A vida de Francisco: o papa do povo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MELGAR, L, T. **Histórias dos papas: santidade e poder**. Madrid: Estampa, 2004.
- Pew Research Center. Disponível em: < <http://www.pewresearch.org/>>. Acesso em: 23 de junho de 2014.
- Portal Jesuítas Brasil – IHS. *Institucional. Brasília. Disponível em:* <<http://www.jesuitasbrasil.com/jst/principal/lo12C.php?pag=;portaljesuitas;paginas;indexInstitucional&cod=277&secao=277>>. Acesso em: 23 de junho de 2014.
- QUIDORT, J. **Sobre o poder régio e papal**. Petrópolis: Vozes, 1989;
- ROMANO, E. **Sobre o poder eclesiástico**. Petrópolis: Vozes, 1989;
- SOUZA, J, A, D: *Evangelii Gaudium: a alegria do evangelho, sobre o anuncio do evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tales de Mileto

Por: Júlia Santana Kuhn²⁶

juliask1607@hotmail.com

Resumo

A partir do século VIII a.C, por meio dos *genos*, pautando-se na *sophrosyne X hybris* juntamente com a *dikia* e *filia*, estruturou-se a *polis*. Durante o período de transição para esta, haviam os profetas da verdade, os quais podem ser diferenciados em: *aedol* poeta, cuja atividade exercida era por meio das personagens de "significação real e profunda": Musa e Memória. Outros igualmente importantes foram o adivinho e o rei justiceiro. O adivinho era o revelador das coisas divinas e presumidor do destino próximo ou distante e o rei justiceiro tem por função possuir a verdade, ser autêntico e justo. A partir destes últimos, verdade e realidade apresentam diferenciações mais presentes do que com os poetas. Até Aristóteles, a maioria dos pensadores relevantes continuaram tendo em pauta que apenas os deuses detêm conhecimento, havendo distinção entre conhecimento (*sophia*), conhecimento real (*alétheia*), verdade certa (*episteme*) e opinião (*doxa*), a qual os mortais estão aptos e podem contribuir. Em Tales, esses pensadores são vistos como os *sóphos*, os sábios. Com o progresso da polis, contudo, o discurso racional vai tornando-se fundamental para as relações sociais de poder. Logo, a religiosidade degrada-se, paulatinamente, no cenário e "o *lógos* torna-se, acima de tudo, uma realidade autônoma."

Palavras-chave: Tales de Mileto; Cosmologia; Teologia; Epistemologia.

Resumo

De la oka jarcento A.C per genos, bazante en la hybris X sophrosyne orgojlon dikia kaj kune kun la filiigita, por strukturita Polis. Dum la transiro periodo por tio, ili havis la profetoj de la vero, kiu povas diferenci en: bardo / poeto, kies aktiveco estis realigita tra la karakteroj de "realaj kaj profunda signifo": Muzo kaj Memoro. Aliaj egale gravaj estis la aŭguristo kaj la reĝo gardisto. La diveno la malkasxanta dia aferoj kaj presumidor proksima aŭ malproksima destino kaj Reĝo gardisto havas la funkcion havas la veron, esti aŭtentika kaj ĝuste. De lasta, vero kaj realeco havas pli nuna diferencoj ol kun la poetoj. Eĉ Aristotelo, la plej gravaj pensuloj daŭre havas en la tagordon, ke nur la dioj tenas scion, ekzistas distingo inter la kono (sophia), vera scio (Aletheia), iuj vero (episteme) kaj opinio (doxa), kiu mortemuloj emas kaj povas kontribui. En Rakontoj, tiuj pensuloj vidas kiel Sophos, la saĝa. Kun la progreso de la polis tamen racia diskurso fariĝos centra al la sociaj rilatoj de potenco. Baldaŭ, religio degradas iom post iom, en la scenaro kaj "logos iĝas, Ĉefe, aŭtonoma realaĵo. «

Ŝosilvortoj: *Rakontoj de Mileto; kosmologio; teologio; Sciteorio.*

²⁶ É estudante do curso Técnico Integrado de Eletromecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. É participante do Projeto de Extensão "Interdisciplinaridade e Educação Científica por meio do ensino de Astronomia".



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Summary

From the 8th century BC, through *genos*, based on the *sophrosyne X hybris* together with the *dikia* and *filia*, the polis was structured. During the period of transition to this, there were the prophets of truth, which can be differentiated into: *aedo* / poet, whose activity was exercised through the characters of "real and deep meaning": Muse and Memory. Others equally important were the soothsayer and the king of justice. The diviner was the revealer of divine things and presumed to be near or distant destiny, and the king of justice has the function of possessing the truth, being authentic and just. From these last ones, truth and reality present more present differentiations than with the poets. Until Aristotle, most of the relevant thinkers continued to have in mind that only the gods hold knowledge, with distinction between knowledge (*sophia*), real knowledge (*alétheia*), certain truth (*episteme*) and opinion (*doxa*), which mortals are fit And can contribute. In Thales, these thinkers are seen as the *sphos*, the sages. With the progress of the polis, however, rational discourse becomes fundamental to social relations of power. Thus, religiosity gradually deteriorates in the scenario and "the *logos* becomes, above all, an autonomous reality. "

Keywords: *Thales of Miletus; Cosmology; Theology; Epistemology.*

A partir do século VIII a.C, por meio dos *genos*, pautando-se na *sophrosyne X hybris* juntamente com a *dikia* e *filia*, estruturou-se a *polis*. Durante o período de transição para esta, haviam os profetas da verdade, os quais podem ser diferenciados em: *aedol* poeta, cuja atividade exercida era por meio das personagens de "significação real e profunda"²⁷: Musa e Memória. Outros igualmente importantes foram o adivinho e o rei justiceiro. O adivinho era o revelador das coisas divinas e presumidor do destino próximo ou distante e o rei justiceiro tem por função possuir a verdade, ser autêntico e justo. A partir destes últimos, verdade e realidade apresentam diferenciações mais presentes do que com os poetas. Até Aristóteles, a maioria dos pensadores relevantes continuaram tendo em pauta que apenas os deuses detêm conhecimento, havendo distinção entre conhecimento (*sophia*), conhecimento real (*alétheia*), verdade certa (*episteme*) e opinião (*doxa*), a qual os mortais estão aptos e podem contribuir. Em Tales, esses pensadores são vistos como os *sóphos*, os sábios. Com o progresso da polis, contudo, o discurso racional vai tornando-se fundamental para as relações sociais de poder. Logo, a religiosidade degrada-se, paulatinamente, no cenário e "o *lógos* torna-se, acima de tudo, uma realidade autônoma."²⁸

Anterior da implementação da razão na *polis*, o comodismo em seus modos de pensar não se fazia um problema. Por exemplo, o que seria a vida e a morte nunca foram questionamentos perturbadores, uma vez que a crença estabelecida era completiva de todas as lacunas humanas. A realidade era "concreta"²⁹. Ao tratar-se de uma

²⁷ DETIENNE, M. *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Prefácio de Pierre Vidal Naquet - Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. [cap. 2].

²⁸ Marcílio Bezerra Cruz, Síntese do livro "Mestres da Verdade na Grécia Arcaica" de Marcel Detienne, Piauí, Universidade Federal do Piauí, Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014, p.72-82. [p. 79]

²⁹ Ou seja, a partir da fundamentação religiosa, não se abririam brechas nas concepções e as opiniões, embora divergentes, nada alterariam



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosofia iniciada no século VI, com o sábio Tales de Mileto, vê-se, entretanto, que a partir do instigante ato de questionar, o mesmo se tornou referência devido a suas descobertas, considerações, obras, afirmações e feitos. Investigando-se quais as possíveis interpretações de seu ponto de vista, pode-se, por meio da crítica, supor quais seriam as descobertas e perspectivas obtidas e a que ponto essas nos influenciaram até alcançar a Modernidade.

Apesar de a cosmologia ser um avanço quanto as outras maneiras de se pensar e viver (cosmogonia e teogonia), atualmente, ao depararmos com o modo de aplicação e vivência daquela, são frequentes as críticas a respeito do qual de fato é seu diferencial, uma vez que a religiosidade ainda é um fator intrínseco e a plenitude do pensamento ainda não é clara ³⁰. Entretanto, ao nos localizarmos conceitualmente, tem-se que o cargo do filósofo - com destaque para a época de Tales- não é escrever. É pensar e, assim, viver o que se pensa.

Sendo assim também, a relatividade dos conceitos traz-nos à tona o fator “pensar” com sua real significância: não apenas raciocinar e refletir sobre, mas evoluir de maneira paulatina sob a tutela da realidade e/ou da verdade.

O diferencial da cosmologia é a aplicação do racionalismo nas visões já existentes, o que não substitui, contudo, a essência do cidadão da *polis*. A cosmologia de Anaximandro é a que se constitui, em poucas palavras, como a de maior senso de realidade e concepção de que se pode ou não ser autêntico³¹, embora seja ainda sem o caráter rígido³².

em um âmbito geral na sociedade.

³⁰ Fator que se pode observar em Vernant (VERNANT, P.J. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002. 69 p. – Tradução FONSECA, Ísis Borges B. da. [p. 58-59]) quando este ressalta os novos redirecionamentos e as ampliações que a religiosidade toma com o surgimento da polis racionalista.

³¹ O que se nota em Popper (POPPER, R.K. O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática. Barcelona: A. & M. Gràfic, 1999. 307 p. – Tradução JUNIOR, José Provetti. [p.24-25]), quando este diz a respeito da contraposição de Anaximandro a Tales -por exemplo- mas não em sua totalidade (possivelmente por Anaximandro não ter raciocinado, ou natado outras possibilidades de resposta efetivamente).

³² O que pode ser interpretado em Popper (POPPER, R.K. O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática. Barcelona: A. & M. Gràfic, 1999. 307 p. – Tradução JUNIOR, José Provetti. [p.296-297]) a partir do fato de suas ideais, segundo Khan, formarem o plano de fundo do pensamento cosmológico Ocidental, uma vez que é o motivador e influenciador de Xenófanes e Heráclito e conseqüentemente muitos outros filósofos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um dos fatores muito presentes quanto a forma de se filosofar nos pré-socráticos, no presente caso Tales, é a ausência do empirismo³³, o qual é levado em pauta quando se analisa um de seus fragmentos: “A terra flutua na água, que é, de certo modo, a origem de todas as coisas”. A base de Tales para tal afirmação é considerada, por Aristóteles³⁴, como conhecimento empírico do mesmo a respeito da fisiologia, por ter o exercício da medicina presente em sua família; entretanto, este ainda não se cogita durante tal época, ou não diz respeito a uma área de conhecimento apurada por Tales³⁵. Aristóteles tem, portanto, a doxografia pautada nos seus conhecimentos fisiológicos pessoais. O mesmo pode acontecer quando se considera que essa ideia partiu de observações meteorológicas, uma vez que os fenômenos naturais ainda se faziam atribuídos aos deuses, indubitavelmente, como por exemplo, Em termos de desenvolvimento científico, a dedução era o artifício de descobertas. Era fato que havia imprecisão, contudo, inferindo o empírico, ter-se-iam hipóteses. Isso não significa que a subjetividade operava, mas que a objetividade se aplicava de maneira reversa ao cientificismo atual, o indutivo.

Assim sendo, uma das críticas que pode ser tecida a respeito do primeiro fragmento de Tales é que, assim como os navios, objetos sólidos que flutuavam sobre as águas (e tem-se prova de que ele tinha tal ciência ao saber que o mesmo desenvolveu o cálculo das distancias de navios em alto mar, e, portanto, tinha interpretação do fenômeno físico), outro sólido também poderia flutuar sobre a água. Este, no caso, seria toda a extensão da terra. Possuindo a água tamanha capacidade de não apenas suportar, como suportar tudo e todos sobre si, deveria ser reconhecida em uma perspectiva de maior importância.

³³ Ou seja, fundamentava sua teoria a partir de um fator experimental, mas sem provas práticas que estivessem dentro de suas capacidades cognitivas, como por exemplo, afirmar a importância da água sem fatalmente saber a sua real essencialidade.

³⁴ Apresentada em KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. (KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Filósofos Pré-Socráticos. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010. 544 p. - Tradução de FONSECA, Carlos Alberto Loura. [p.86 - Fascículo 85]).

³⁵ Há a controvérsia de que havia tal conhecimento com Hipócrates- admitido como o criador da medicina- e talvez contemporâneo de Tales, entretanto, KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. (KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Filósofos Pré-Socráticos. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010. 544 p. - Tradução de FONSECA, Carlos Alberto Loura. [p.55 - Fascículo 2]) supõe sua vivência apenas no séc. IV. Independentemente, não há menção da dedicação de Tales à anatomia, tão pouco, fisiologia humana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Logo, a água seria não apenas a base de fixação para a terra, como também a que a engendra, o que remeteria à religiosidade, onde essas “águas” não atuariam como o *Okeanos* ou quaisquer divindades marinhas, mas como uma força maior, como o próprio *Chaos* na mitologia, aquilo que manteria toda a extensão da terra sem que essa se desmoronasse.

Assim, ter-se-ia por convenção ou crença pessoal do filósofo que água seria a substancia originária. Contudo, não diz respeito a ele ousar saber como se portaria e manteria.

Correlacionando com Platão³⁶, este diz que: “Autor e pai deste universo é tarefa difícil encontrá-lo e, uma vez encontrado, é impossível indicar o que seja”, tem-se que Tales já ousara dizer o que é; e este não seria alguém, mas algo: a água.

Entretanto, não diria respeito a ele, dentro de suas limitações, justificar o modo ou a intensidade do modo com que essa substância nos governa.

Em outras palavras, Tales teria encontrado a origem de todas as coisas, e sabia o que era, mas não se responsabilizara a questionar como essa se faz capaz de atuar como tal; ou pelo menos não nos foi transmitida a informação de que este a tenha feito.

Dentro desse contexto, portanto, seria impossível considerar que Tales era ateu, uma vez que demonstra respeito perante a divindade atribuída como a origem. Muito embora as máximas religião e razão se confrontem no mundo cristão Moderno (e possivelmente é nesse ponto histórico que atribuem tal divisão e nunca a integração de ambas), em Tales seria um estabelecimento de uma conversação entre o saber humano aprimorado a partir da *physis* e a aplicação da *sophrosyne* quanto medida de equilíbrio dos saberes e pensares, para que a evolução do pensar não se tornasse opositiva às crenças.

Caso tenha havido tal sabedoria por parte de Tales, o título de sábio atribuído a ele não seria em relação a própria gama de conhecimentos e suas aplicações, mas sim seria de mérito à administração de seus conhecimentos, contribuindo grandemente e ainda se mantendo sólido em seus princípios.

³⁶ Citado em Ideusa Celestino Lopes, **Giordano bruno: entre o geocentrismo e o heliocentrismo**, Amargosa, Bahia, Griot - Revista de Filosofia, v.9, n.1, /www.ufrb.edu.br/griot, Junho de 2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quanto à outra citação de Tales: “*Mesmo os seres aparentemente inanimados podem estar ‘vivos’; o mundo está cheio de deuses*”, segundo Aristóteles e Diógenes Laercio, ele afirmava que a alma era algo de cinético, isto é, que se move. E que Tales a compara com a pedra de magnésia, pois esta, quando aproximada de alguns objetos metálicos, os faziam se deslocarem.

Esta é uma interpretação pertinente, considerando o fenômeno do deslocamento por meio da atração magnética como fundamento para a concepção de Tales; entretanto, o fato de Tales notar que a pedra move e atrai magneticamente o ferro pode não ser o centro da questão, mas sim o fato de dois elementos inanimados interagirem, independentemente da maneira como interagem.

Esse seria o princípio para considerar que tudo possui vida: tudo interage.

Ao notar que alguns elementos da natureza são explicitamente vivos, possivelmente notou que todos os outros também o seriam, de alguma forma. Assim posto, todas as coisas existentes interagiriam de alguma forma, mostrando não apenas que são dotadas de vida, de alma, mas que só se mostrarão aptas a tê-la em situações propícias, como neste caso a pedra só demonstra ter vida quando atraída magneticamente, ou como quando uma folha se move, a faz com o sopro do vento. Sendo então que o que não se move ainda é capaz de mover, mas apenas sobre condições específicas.

Dentro de minha concepção, uma noção de conceitos divergentes é o de deuses e alma. Os quais, integralmente não se justificam. O aspecto divino não se encontra diretamente ligado ao aspecto espiritual ao aplicarmos esses dois conceitos a indivíduos dotados de humanidade no século VI. A “alma” que Tales supostamente cria ser presente em cada ser é a justificativa de que, além de estarem todos rodeados de deuses, cada um possui sua particularidade. Esta particularidade está na subjetividade de cada um.

Entretanto, tal subjetividade não era algo a qual tinham consciência. Eram denominados todos como possuidores de poderes divinos, pois não se tinha a minuciosa compreensão de que cada um poderia apresentar personalidades semelhantes (senão iguais) às das divindades. Tendo em vista que cada indivíduo é composto de pelo menos duas características e, sendo estas divinas, todos possuem deuses;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Naturalmente, a dada análise remeteria a uma questão cosmogônica, mas não mais é, uma vez que essa visão é notada a partir da *physis* ao considerar o mundo em toda a sua estrutura, racionalizando a perspectiva e tornando essa visão de Tales não como uma necessidade de se explicar pelo divino, mas como uma sabedoria de se determinar até que ponto o poder divino pode influenciar verdadeiramente.

Em linhas gerais, a contribuição filosófica de Tales foi irrefutavelmente gigantesca, entretanto, estabelecer pontos críticos sobre suas considerações faz-se um complexo trabalho, uma vez que sua escrita apresenta vertentes a diversos questionamentos.

Levanto, por meio dos estudos no decorrer da dissertação, as seguintes reflexões: Pode-se questionar se teria Tales escrito de tal forma para que os dizeres fossem considerados cada qual segundo a interpretação de cada ouvinte/ discípulo? Ou: teria Tales dificuldade de expressar de maneira explícita a sua opinião? Ou até mesmo: estaria Tales realmente preocupado em gerar novas teorias quando diz o que diz? Nada se pode confirmar, mas a lição deixada por meios deste filósofo é, inexoravelmente, embrião da filosofia e do pensamento racional.

Referências

- PROVETTI JR., José . **A Alma na Grécia, A Origem do Indivíduo no Ocidente**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- _____. **As Origens Gregas do Racionalismo Popperiano** . Toledo: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Filosofia, 2014.
- KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010.
- PELLEGRIM, P. **Vocabulário de Aristóteles**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ARISTÓTELES. **Sobre a Alma**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- ETIENNE, M. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- Marcílio Bezerra Cruz, **Síntese do livro “Mestres da Verdade na Grécia Arcaica” de Marcel Detienne**, Piauí, Universidade Federal do Piauí, Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014.
- POPPER, R.K. **O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática**. Barcelona: A. & M. Gràfic, 1999.
- VERNANT, P.J. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Xenófanes de Cólofon

Por: José Provetti Junior³⁷

Jose.provetti@ifpr.edu.br

Resumo

O terceiro pensador apontado por Popper (2002a, p. 33-67) como uma das referências teóricas de seu pensamento é o rapsodo Xenófanes, nascido na cidade de Cólofon, Jônia, segundo Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 168), por volta do ano de 570 a. C. É considerado pela maioria dos historiadores da filosofia como o pensador mais longo, tendo alcançado à idade de noventa e dois anos. Popper (2002a, p. 33) considera Xenófanes o verdadeiro pai da ciência histórica, dado ter escrito dois poemas hoje perdidos, em que o poeta descrevera a saga dos colofenses em fuga aos

³⁷ É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro – UENF, Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Especialista em Saúde para Professores e Alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É servidor público federal, docente de Filosofia do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBBT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand/ PR, atuando como professor de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de Informática e Eletromecânica. Atua como Diretor Geral do campus do IFPR – Assis Chateaubriand. É Coordenador Geral, docente e pesquisador-efetivo do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR. É Editor-Chefe e parecerista da JPJ Editora e da "IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica". É docente e pesquisador-voluntário do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É membro efetivo da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC. Atua como pesquisador nas Linhas de Pesquisa sobre "Imbricações entre Platão e Hipócrates"; "Filosofia"; "Antropologia e semiótica das religiões"; "Cidadania, política e relações sindicais"; "Educação, cognição e linguagem"; "História, Arte, Cultura, Saúde, Direito, Política e suas representações sociais"; "Idioma Internacional Neutro – Esperanto"; "Ensino de Matemática, Física, Química e Ciências em Geral" e "Ciências da Informação, Engenharia Computacional e Teorias Computacionais da Mente". Desenvolve os Projetos de Pesquisa sobre "Biocentrismo"; "A Ilíada de Homero em jogo 3D"; "Orientação Comunitária no Ensino Fundamental"; "Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR – Assis Chateaubriand"; "Idioma Internacional Neutro – Esperanto"; "História da Filosofia Antiga" e "História das Ideias e das Mentalidades". Atua nos Projetos de Extensão "IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica"; "Filosofia, Ciência e Tecnologia"; Grupo de estudos sobre magistério filosófico no Ensino Médio"; "Grupo de estudos filosóficos IFPR – Assis Chateaubriand"; "Idioma Internacional Neutro – Esperanto" e "IF-Sophia – Assis Chateaubriand". Atua no Projeto de Desenvolvimento sobre "A Ilíada, de Homero em jogo em 3D" e "Incubadora de Empreendimentos IFPR – Assis Chateaubriand". É membro do Corpo Editorial dos periódicos "Revista Contemporânea de Educação" e "IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica". É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional. É autor dos livros "Filosofia no Ensino Médio: pequena apologia do trabalho docente" (2016); "As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência da Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea" (2016); "O dualismo em Platão (2014); "A alma na Hélade: a origem da subjetividade ocidental" (2011). É co-organizador e co-autor do livro "IF-Sophia – Umuarama: filosofia, educação e autonomia 2012" (2015); "Filosofia Contemporânea: Lógica e Ciência" (2013); "Gravidez na adolescência" (2009) e "Vida, morte e magia no mundo Antigo" (2008). Tem os saberes e competências reconhecidos em equiparação a Doutorado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

medas, no outro houvera tratado da fundação de Cólofon. Afirma que provavelmente Heródoto teria sido influenciado pela leitura ou declamação desse texto de Xenófanes, para incluir uma versão em sua "História" (2006) que, segundo Popper (2002a, p. 55), teria sido colhida de um texto escrito cem anos antes da "História". Portanto, esses poemas de Xenófanes teriam sido os primeiros relatos históricos feitos no Ocidente, servindo de fonte de referência para Heródoto descrever a invasão da Jônia pelos persas. Pensador criativo, crítico e, sobretudo, autocrítico, para Popper (2002a, p. 33) Xenófanes é o verdadeiro fundador do Iluminismo helênico³⁸. O colofense é tradicionalmente apresentado, no campo filosófico, como sendo relacionado à fundação da Escola filosófica de Eleia, enquanto antecessor temático e filosófico de Parmênides de Eleia, no entanto, conforme se verifica em Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 169-170), tal afirmação é equívoca, e esse artigo objetiva apresentar aos interessados em Teologia pré-socrática o poeta filósofo de Cólofon e sua influência no pensamento popperiano.

Palavras-chave: Xenófanes de Cólofon; Karl Raymund Popper; Pré-socráticos; Cosmologia; Racionalismo Crítico.

Resumo

La tria pensulo montrita de Popper (2002a, p. 33-67) kiel unu el la teoriaj referencoj de lia penso estas Ksenofano rhapsodist, naskiĝis en la urbo de Kolofono, Ionia, laŭ Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 168) Ĉirkaŭ la jaro 570 al. C. Estas konsiderita de la plimulto historiistoj filozofion kiel la plej longa vivis pensulo, atinginte la aĝon de naŭdek du. Popper (2002a, p. 33) konsideras Ksenofano la vera patro de historia scienco, kiel skribis du poemojn nun perdita, en kiu la poeto priskribas la saga de colofenses fuĝas Meda, aliflanke tie estis traktita en la Kolofono Foundation. Ŝtatoj kiuj probable Herodoto estus influita de la legado aŭ recitante tiu teksto Ksenofono, por inkludi version en lia "Historio" (2006) kiu, laŭ Popper (2002a, p. 55), estus prenita de teksto skribita de cent jaroj antaŭ la "Historio". Sekve, Ĉi tiuj poemoj de Ksenofano estus la unua historia kontoj faris en la Okcidento, utilante kiel referenco fonto por Herodoto priskribas la invado de Jonia de la persoj. krea pensulo, kritikisto kaj, Ĉefe, memkritiko, por Popper (2002a, p. 33) Ksenofono estas la vera fondinto de la helena klerismo. La colofense estas tradicie prezentitaj en la filozofia kampo, kiel rilatigi kun la fondo de la filozofia lernejo de Elea, kiel temŭtica kaj filozofia antaŭulo Parmenido de Elea, tamen, kiel montrita en Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 169- 170), tiu aserto estas iluzia, kaj Ĉi tiu artikolo celas provizi la interesataj en antaŭ-Sokrata teologio filozofa poeto de Kolofono kaj ĝia influo sur Popper penso.

Ŝlosilvortoj: Xenofano de Kolofono; Karlo Raymund Popper; Presocratic; kosmologio; Kritika raciismo.

Abstract

The third thinker pointed out by Popper (2002a, p.33-67) as one of the theoretical references of his thinking is the Xenophanes rhapsode, born in the city of Cólofon, Ionia, according to Kirk, Raven & Schofield (1994, 168). Around the

38. O "iluminismo" ou a "ilustração" grega é a designação atribuída pelos helenistas ao processo de emergência cultural dos usos decorrentes da palavra-eficiente poética, sacra, cantada e dançada nas práticas sociais helênicas arcaicas, para o uso majoritário da palavra-representação, em prosa, laicizada, com tendência crescente para o racionalismo, conforme se vê em Bornheim (1999, p. 7-16), Reale (1993, p. 11-34), Jaeger (1952, p. 7-42) e Detienne (1998, p. 45-55).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

year 570 BC. C. It is considered by the majority of the historians of the philosophy like the thinker more longevo, having reached the age of ninety and two years. Popper (2002a, 33) considers Xenófanés the true father of historical science, having written two poems today lost, in which the poet had described the saga of the colophenses in flight to the Medes, in the other had dealt with the foundation of Cólofon. It states that probably Herodotus would have been influenced by the reading or declamation of this text of Xenófanés, to include a version in its "History" (2006) that, according to Popper (2002a, 55), would have been harvested from a text written a hundred years before Of "History". Therefore, these poems of Xenófanés would have been the first historical reports made in the West, serving as reference source for Heródoto to describe the invasion of Ionia by the Persians. Creative, critical and above all self-critical thinker for Popper (2002a, 33) Xenophanes is the true founder of the Hellenic Enlightenment. Colophense is traditionally presented in the philosophical field as being related to the founding of Eleia's Philosophical School, as the thematic and philosophical predecessor of Parmenides of Eleia, however, as in Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 170), such an assertion is equivocal, and this article aims to present those interested in pre-Socratic theology the philosopher poet of Cólofon and his influence on Popperian thought.

Keywords: Xenófanés de Cólofon; Karl Raymund Popper; Pre-Socratic; Cosmology; Critical Rationalism.

O terceiro pensador apontado por Popper (2002a, p. 33-67) como uma das referências teóricas de seu pensamento é o rapsodo Xenófanés, nascido na cidade de Cólofon, Jônia, segundo Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 168), por volta do ano de 570 a. C. É considerado pela maioria dos historiadores da filosofia como o pensador mais longevo, tendo alcançado à idade de noventa e dois anos. Popper (2002a, p. 33) considera Xenófanés o verdadeiro pai da ciência histórica, dado ter escrito dois poemas hoje perdidos, em que o poeta descrevera a saga dos colofenses em fuga aos medas, no outro houvera tratado da fundação de Cólofon.

Afirma que provavelmente Heródoto teria sido influenciado pela leitura ou declamação desse texto de Xenófanés, para incluir uma versão em sua "História" (2006) que, segundo Popper (2002a, p. 55), teria sido colhida de um texto escrito cem anos antes da "História". Portanto, esses poemas de Xenófanés teriam sido os primeiros relatos históricos feitos no Ocidente, servindo de fonte de referência para Heródoto descrever a invasão da Jônia pelos persas. Pensador criativo, crítico e, sobretudo, autocrítico, para Popper (2002a, p. 33) Xenófanés é o verdadeiro fundador do Iluminismo helênico³⁹.

39. O "iluminismo" ou a "ilustração" grega é a designação atribuída pelos helenistas ao processo de emergência cultural dos usos decorrentes da palavra-eficiente poética, sacra, cantada e dançada nas práticas sociais helênicas arcaicas, para o uso majoritário da palavra-representação,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O colofense é tradicionalmente apresentado, no campo filosófico, como sendo relacionado à fundação da Escola filosófica de Eleia, enquanto antecessor temático e filosófico de Parmênides de Eleia, no entanto, conforme se verifica em Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 169-170), tal afirmação é equívoca, e esse artigo objetiva apresentar aos interessados em Teologia pré-socrática o poeta filósofo de Cólofon e sua influência no pensamento popperiano baseada nos comentários de Platão e Aristóteles que sustentam:

163. O nosso grupo de Eleatas, que começa com Xenófanés e até antes, explica nos seus mitos que aquilo a que chamamos todas as coisas é na verdade uma só.

164. Com efeito, Parmênides parece aderir ao que é uno segundo a razão, Melisso, por sua vez, ao que é uno segundo a matéria; por isso, o primeiro diz que ele é limitado, o segundo, que é ilimitado. Mas Xenófanés, o primeiro dentre estes a postular a unidade (pois é fama que Parmênides foi seu discípulo), nada esclareceu ...

Esse equívoco que se remete à permanência de Xenófanés durante algum tempo na cidade de Eléia e que durante esse período teria fundado a Escola Eleática, segundo Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 169-170) não é um comentário histórico e que a afinidade entre os pensadores colofense e eleata, em verdade, gira em torno da proximidade teórica superficial entre “[...] a divindade una e imóvel do primeiro, e a esfera imóvel do Ser do segundo [...]”.

Essa tese é confirmada por Popper (2002a, p. 137-138) em que o epistemólogo critica a posição de Reinhardt, em seu livro “*Parmenides und die Geschichte der griechischen philosophie*” (1916; 2ª ed., Frankfurt-am-Main, 1959, p. 221f.) defende a tese de Xenófanés ser um divulgador das teses parmenidianas, tendo como princípio a tradicional filiação escolar.

Pelo que apresenta Popper (2002a, p. 35-36), Xenófanés foi aluno de Anaximandro, travando conhecimento, nesta cidade, com Anaxímenes e Heráclito de Éfeso, seus colegas de escola. Vinculando-se, assim, à tradição cosmológica jônia, uma vez que teria desenvolvido a cosmologia de Anaximandro a qual defendeu contra a crítica de Anaxímenes no tocante a *arche* da *phýsis*.

em prosa, laicizada, com tendência crescente para o racionalismo, conforme se vê em Bornheim (1999, p. 7-16), Reale (1993, p. 11-34), Jaeger (1952, p. 7-42) e Detienne (1998, p. 45-55).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Inserido no quadro cosmológico anaximandriaco e sob a orientação da Escola de Mileto, Xenófanes desenvolveu uma teologia racionalista relacionada às teses do professor, o que merece reflexão para melhor compreensão das implicações dessa afirmação de Popper (2002a, p. 33):

Xenófanes foi um poeta e *rapsodo*, e ele foi um historiador, talvez o verdadeiro pai da História. Como um pensador altamente criativo, usualmente crítico, e sem igual em sua autocrítica, ele se tornou o fundador da ilustração Grega. Ele desenvolveu a cosmologia de Anaximandro o defendendo contra Anaxímenes. Sua teologia realmente racionalista [...]”⁴⁰

É importantíssimo compreender Xenófanes em seu contexto histórico, social, cultural e escolar, em relação ao movimento racionalista crítico revisionista de Mileto e, talvez possa-se afirmar, da Jônia, pois segundo Popper (2002a, p. 116) afirma categoricamente, o pensamento do colofense é “[...] uma espécie de antecipação de minha própria teoria do conhecimento, segundo a qual todas as nossas teorias científicas são mitos ou nas palavras de Xenófanes, ‘teias tecidas de conjecturas’. [...]”⁴¹

Portanto, é de fundamental valor compreender-lhe os encadeamentos para vislumbrar o peso de sua presença nas teses popperianas.

Inicialmente, como qualquer outro helênico do período arcaico, em Cólofon, na Jônia, Xenófanes fora educado no modo da linguagem oral, através da poesia, predominantemente os poemas de Homero e Hesíodo, como se depreende dos trabalhos de Jaeger (1995, p. 37-105 e 148-172).

Enquanto tal, isso faz supor que tal formação deu-se no apogeu das colônias helênicas na Ásia Menor, na plenitude de seu brilhantismo comercial e cultural, em amplo contato e permutas internacionais com os Hititas, os Persas, os Hebreus, os Egípcios e demais povos do Próximo Oriente, conforme se vê nas obras de Reale (1993, p. 11-18) e de Vernant (1998, p. 33-40).

Para que ele tenha se tornado um rapsodo e desta profissão tenha subsistido, mesmo na condição de

40. *Xenophanes was a poet and rhapsode, and he was a historian, perhaps the real father of history. As a highly creative thinker, unusually critical, and unique in his self-criticism, he became the founder of the Greek Enlightenment. He developed Anaximander's cosmology in defending it against Anaxímenes. His very original rationalist theology [...]*”.

41 “[...] a kind of anticipation of my own theory of knowledge, according to which all our scientific theories are myths, or in the words of Xenophanes, woven webs of guesses. [...]”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensador racionalista crítico revisionista, como é assinalado por Diógenes Laércio *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 168):

161. Xenófanes de Cólofon, filho de Déxio ou, no dizer de Apolodoro, de Ortómenes ... após ter sido expulso de sua pátria, passou a viver em Zancle, na Sicília, e em Catânia ... Escreveu em verso épico, bem como elegias e iambos, contra Hesíodo e Homero, criticando-os pelo que haviam dito a respeito dos deuses. Mas ele próprio recitava também os seus poemas. [...]"

Portanto, como se sabe através dos trabalhos de Detienne (1998, p. 15-23), de Cairus & Ribeiro Jr. (2005, p. 11-38) e de Havelock (1996, p. 173-174), nos quais esses helenistas expõem as condições em que o rapsodo era introduzido no ofício, desde pequeno e, normalmente era proveniente de uma família de rapsodos, à semelhança das famílias de médicos.

Se verifica que as impressionantes condições do treinamento mnemônico ao qual se fazia necessário passar para se acessar os saberes da tribo, preservados e transmitidos pelos poetas em transe divino das Musas, faziam de Xenófanes um elemento importante em sua sociedade. O papel da memória do poeta, não enquanto fator cognitivo e psicológico, mas enquanto elemento sacralizado, objetivamente manifestável na pessoa da deusa *Menmosyne* (Memória) e suas filhas, as Musas, davam aos poetas o estatus social de educador, normatizador e de homem divino para conduzir os agrupamentos humanos em conformidade com a vontade dos deuses.

Outro detalhe histórico e cultural fundamental para a compreensão de Xenófanes é a polivalência de seu papel social na Hélade, a saber, o ser poeta. Diferentemente dos poetas atuais, o rapsodo helênico exercia um papel social que segundo Cornford (1989, p. 99-173) transitava simultaneamente entre o xamã, vidente, poeta, médico e filósofo, após a criação desse "estilo de vida" por Pitágoras de Samos, a partir do final do século VI a. C., como se confirma em Reale (1993, p. 73-93).

O que se quer dizer com isso? Que o rapsodo era apenas uma das facetas funcionais e culturais de um personagem social que representava, na Hélade, o papel de mago purificador dos males das famílias ou cidades (xamã), o vidente que além das práticas adivinhatórias para com o futuro, por meio da análise do voo das aves, no céu, ou por meio das vísceras de sacrifícios ou, ainda, por meio da análise de sonhos. Esse personagem social atuava



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

plenamente na vida de pessoas, das famílias e das cidades, na condição de intérprete da vontade dos deuses, conforme a esfera a que estivesse direcionado.

O poeta, por meio de seu canto e dança preservava os saberes da tribo, conservando-os e transmitindo-os em suas recitações, embalados e inspirados pela ação das deusas. Exaltando os feitos e acontecimentos sociais dignos de serem lembrados e revividos ideologicamente pela sua audiência.

Como médico lançava mão dos recursos técnicos de que dispunha na identificação e administração de plantas, unguentos e beberagens, no exercício da dietética e da anamnese, da análise dos sintomas às orações e recomendações de sacrifícios a pequenas cirurgias e sangrias depurativas.

Como pensador, nos tempos arcaicos, na condição de *sophos* (sábio), concentrava a totalidade das funções acima descritas e, novidade: dava-se a se expressar em prosa, não mais afeito aos versos para levar a efeito a investigações sobre o *kosmos*, a *phýsis* e tudo que a eles se relacionam sem, contudo, perder a versatilidade e campos de atuação inerentes às demais funções.

Outro fator curioso e importante na análise em torno do papel social de Xenófanes como rapsodo é o fato de ele ser um aedo e que nos idos de 540 a. C. já estariam as sociedades helênicas da Jônia de plena posse da arte da escrita, tendo em vista o relato dos doxógrafos que afirmam ter ele escrito os próprios poemas.

Segundo Havelock (1996, p. 81), fora inicialmente criado o alfabeto grego e após certo período de adaptação aos fonemas, inserida a escrita, enquanto arte própria aos escravos e artesãos, por ser uma atividade manual, mecânica. Por conseguinte, não digna a cidadãos, em qualquer parte da Hélade, em torno dos anos 700 a. C.

Ora, conforme se vê em Detienne (1998, p. 124), a primeira versão dos poemas de Homero escrita fora encomendada pela cidade de Siracusa, na Magna Grécia, em torno do ano de 504 a. C. ao poeta Cineteu, objetivando adequar Homero aos princípios pedagógicos da *polis*. Essa encomenda intencionava a redução da propensão violenta dos cidadãos a *hybris* (desmedida) política, que os levava, de comum, à guerra civil (*stasis*), conduzindo-os educacionalmente a *sophrosyne* (justa-medida, justo-meio).

Xenófanes domina a técnica da escrita em torno de 540 a. C., a ponto de compor um poema escrito sobre a

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fundação de Eleia, como se vê em Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 168). Isso significa que o colofense não era um cidadão qualquer, mas um especialista imbuído de toda a força tradicional de seu papel social, em suas miríades funcionais e, sobretudo, mesmo aprendendo o modo discursivo racional, em prosa, decide-se pelo modo discursivo poético tradicional, para expor suas ideias. Embora dos pensadores jônios, parece ter sido o que de maneira mais simples se expressou.

Portanto, Xenófanes de Cólofon era um rapsodo que se dirigiu a Mileto para aprender uma nova arte, que veio a agregar-lhe valor ao desempenho de sua função social.

Nesse sentido, Xenófanes quando foi estudar com Anaximandro se deparou com homens que tinham a preocupação de revisar os mitos tradicionais e os teogônicos, se utilizando do modo discursivo racional de maneira crítica.

Foi estimulado por Tales e, sobretudo por Anaximandro, a criticar-lhes as teses, tentando atingir um conhecimento que mais se aproximasse da Verdade, algo com o que, por ofício, tinha uma certa intimidade devido ao trato com as deusas.

Porém, o que significa exatamente essa “aproximação da Verdade” em Xenófanes?

Enquanto xamã-vidente-poeta-médico-filósofo, Xenófanes vincula-se ao que Detienne (1988, p. 7-14) denomina de “Mestre da Verdade”, isto é, um personagem social multifacetado, que em última análise possuía e exercia uma vivência em pleno e constante contato com os deuses, em suas diversas manifestações, “vendo o invisível” e, por vezes, sendo possuído pela mania oriunda dos deuses.

Compreendia que a *Alétheia* (Verdade), ou mais precisamente, a deusa Verdade caracteriza-se por ser uma instituição multissecular, remetendo-se a mais alta antiguidade minóico-micênica, anterior às invasões dóricas, em que a influência do panteão divino masculino dórico não foi capaz de apagar da memória popular, cujo significado é, conforme Izidro-Pereira (1990, p. 26), “verdade, veracidade, sinceridade e realidade”.

Em verdade a palavra *Alétheia* é composta pelo prefixo grego *a*, que tem função privativa, de afastamento (IZIDRO-PEREIRA, 1990, p. 1), como também se vê em Fleury (1947, p. 21-24) e Brandão, Saraiva & Lage (2009, p.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

39-41). Com a justaposição ao radical *léthe*, que significa “esquecimento”. Portanto, a palavra *alétheia* em si significa: “privação ou afastamento do esquecimento”!

Ora, se a concepção de verdade para os helênicos estava vinculada à ideia de “não esquecer, de afastar-se do esquecimento”, tal papel vincula-se necessariamente ao período histórico da Hélade, em que no ocaso do mundo minóico-micênico, em torno do século XI a. C. levou as sociedades dessa área de influência cultural a perderem o uso da escrita (nos Lineares A e B), conforme se vê em Vernant (1998, p. 21-40) e, dando-se às práticas da oralidade, conforme se constata em Havelock (1996, p. 87-118; 147-162 e 187-218). Estabeleceram nas tecnologias mentais inerentes à oralidade uma função que atribuísse credibilidade, verdade, endosso ao que viviam e faziam.

Estreitamente vinculados à função psico-cognitiva da memória, porém regida pela sacralidade do culto em que a palavra-eficiente carecia do gestual corporal ritmado, dançado, elaborada para fixar aos ouvintes imagetivamente, os conteúdos que “não podiam ser esquecidos”, os gregos do período arcaico tinham na palavra-eficiente transmitida pelos rapsodos a manifestação concreta e efetiva da Verdade.

O interessante é que Xenónafes, um “Mestre da Verdade”, se integra completamente ao racionalismo crítico de Mileto e, segundo Popper (2002a, p. 33), faz uma “teologia realmente racionalista”, isto é, desenvolve uma revisão crítica e racional sobre a teoria dos deuses helênicos, em especial em torno do pensamento de Homero e Hesíodo, tendo como base teórica a cosmologia de Anaximandro.

Mais uma vez se insiste na necessidade de se compreender em Xenófanos o significado sociocultural do termo “teologia”, para que se forme uma ideia clara da importância que Popper atribui ao pensador.

Segundo Jaeger (1952, p. 7-23) a teologia helênica em nada se compara com a judaico-cristã-muçulmana, pois não provém de uma concepção de realidade decorrente da ação de uma divindade eterna e infinita em todas as suas potencialidades, que através de livros sagrados revelados (“Torah”, “Bíblia” e “Al Corão”) apresentam essa divindade como Criadora *ex nihilo*⁴².

A realidade, para os helênicos, na linha das tradições míticas que os vincula aos povos indo-europeus,

42. “A partir do nada.”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conforme se vê em Cornford (1989, p. 255-409), em Coulanges (1998, p. 1-122), Brandão (1998, p. 43-96), Meillet (1950, p. 1-48 e 1930, p. 3-15) e Burkert (1993, p. 49-55), institui-se como o *kosmos*, que tanto na versão popular tradicional quanto na filosofia do período clássico e helenístico, parte da ideia da divindade de tudo o que existe.

No caso do período em estudo nessa dissertação, o período arcaico (séculos VII-V a. C.), não estava desvinculado dessa concepção original. Ou seja, o *kosmos* é divino e enquanto tal é eterno, na concepção indo-europeia tridimensional.

Tanto no que se refere ao espaço quanto ao tempo que, por sua vez, é compreendido como eterno, no âmbito cósmico e imortal, no nível da *phýsis*, circular, marcado por fases que cíclica e eternamente retornam a se dar, representada pelo mito hesiódico das raças⁴³, conforme se vê em Vernant (1990, p. 23-104) e em Hesíodo (1996, p. 77-90).

O mundo, no caso a deusa *Gaia* ou *Gê* é circundado pelo deus *Okeanos* e fecundada até certo momento do engendramento do *kosmos* e, posteriormente, justaposta ao deus *Úranos* (o Céu), que após ser castrado por um de seus filhos, o deus titã *Chronos* (Tempo), passou apenas a ser o suporte das estrelas fixas, dos deuses Sol (*Hélios*) e da Lua (*Celene*), que passeiam em seus carros alados de Leste para Oeste todos os dias, pelo circuito Norte do rio *Okeanos*.

Tudo é pleno de deuses, pois o *kosmos* por meio da *phýsis* é um organismo que harmonicamente interage em todos os seus componentes. Seres vivos dotados de alma, por terem e provocarem de per si movimento, divididos entre os reinos mineral, vegetal, animal – neste compreendendo o reino hominal, dividido entre helênicos e bárbaros, composto pelo mundo dos vivos e o *Hades*, para onde as almas se alternam entre viventes e mortos, temporariamente, conforme os ditames de *Chronos* e de *Ananke* (a deusa Necessidade) –, por meio da metempsicose.

Por último, o reino dos deuses, divididos em Olímpicos e *epictônicos* (subterrâneos). Os primeiros, engendrados pelos deuses da primeira geração. Os segundos, as almas humanas que ao atingirem a *arete* e são

43. Segundo o qual o ciclo temporal seria uma fronteira indistinguível entre o fim e o início em ato, das fases antecedente e posterior denominada "Idade do Ouro", indo para a "Idade da Prata", seguindo para a "Idade do Bronze", que desemboca na denominada "Idade do Ferro", que degenera para a chamada "Idade dos Heróis" e desta para a nominada "Caos", do qual eternamente, todo o ciclo é retomado.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

reconhecidas pela sociedade e seus poetas como “semelhantes aos deuses”, rompem os ciclos da metempsicose e auxiliam os filhos de Zeus, no trato para com o *kosmos* e a *phýsis*. Servindo de protetores, guias e intermediários às necessidades dos mortais encarnados junto ao Olimpo.

O que não pode deixar de ser dito aqui é que para os helênicos o *kosmos* e tudo o que nele existe, na medida em que essa teofania generalizada é natural, isto é, *phýsis*, não existe razão suficiente para estabelecer a distinção que Popper (2002a, p. 33) faz ao declarar que Xenófanés realizou uma “teologia racionalista”.

Ao tratar dos deuses, o colofense versava sobre a natureza em uma de suas dimensões existenciais e, portanto, sobre o *kosmos* e, nesse sentido, não criou especificamente uma “teologia”. Mas empreendeu a pesquisa e revisão racionalista crítica sobre a tradição mítico-teogônica de seu tempo.

Iniciou o que Popper também denomina de “crítica literária”, embora a arte da escrita à época ainda não garantisse uma ampla acessibilidade a livros para se fazer “literatura”.

Ora, Xenófanés procede exatamente à revisão crítica racionalista desta concepção de realidade, partindo, outrossim, de uma versão já revisada por seu mestre, Anaximandro, o que fortalece a crítica direcionada à colocação popperiana de que o colofense fazia “teologia”. Mas defende-se aqui o contrário, pois ele realizava física.

Anaximandro havia construído uma cosmologia que tinha como base o que denominou de *arche*. Seria algo infinito, eterno, imortal denominado *ápeiron*, que essencialmente identifica-se com a ideia teogônica de que o deus *Chronos* (o Tempo), cujas propriedades são semelhantes, segundo atesta Mondolfo (1968, p. 63-83).

De modo que a partir do movimento no *ápeiron* formam-se os contrários, isto é, as manifestações arquetípicas do que se denominaria hoje de “matéria” (terra, água, fogo e ar), que constituem o Céu (*Úranos*), suporte das estrelas fixas e caminho para as jantes do Sol e da Lua circundarem o Céu.

Que, por sua vez, fica no em torno da Terra (*Gaia*), cuja forma é de um disco côncavo, semelhante a uma coluna ou um tambor, por sobre a face superior, por efeito das alterações térmicas causadas pelo vento (*aer*). Onde surgem os seres vivos e todas as mudanças que ocorrem no cotidiano.

Em linhas gerais, esse é o resumo do sistema de Anaximandro sobre o qual Xenófanés teria elaborado e



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aprofundado as concepções do mestre. Como se observa no parágrafo anterior, Anaximandro, em seu esforço de revisão racionalista crítico se apropriou de elementos teogônicos homéricos, hesiódicos, órficos, ferecidianos e alcmanianos para engendrar, racionalmente, sua proposta de *kosmos*.

No entanto, perceba o leitor a quantidade de referências teológicas - no sentido acima esclarecido -, utilizadas pelo discípulo de Tales!

Nessa medida, partindo-se da afirmação de que Xenófanés iniciou sua reflexão racional a partir da cosmologia de Anaximandro, compreende-se, dadas as ressalvas expressas anteriormente, que a diferença das reflexões de Xenófanés para com os demais físicos, em especial seu mestre, foi o direcionamento para um certo aspecto da *phýsis*, a saber: os reinos dos deuses e dos homens e sobre as relações existentes entre eles.

Em última análise, concedida realidade historiográfica a essa leitura, evita-se interpretações anacrônicas de cunho contemporâneo à crença popular da metempsicose, que no caso envolve o *kosmos* em sua totalidade.

Dado a posição social de Xenófanés como rapsodo e o exercício profissional de recitação inspirada, cantada e dançada, compreende-se a natural propensão de Xenófanés em refletir sobre os deuses da tradição mítico-poética, em especial, conforme retratados nas poesias de Homero e Hesíodo.

Lembrando que os termos “crítica literária” usados por Popper (2002a, p. 33) são algo forte, no sentido de que o termo “literatura” se refere a uma produção cultural escrita e, na época de Xenófanés, 570-525 a. C., não haviam sido compilados ainda os poemas homéricos⁴⁴.

No entanto, se se compreender por “crítica literária” a postura racionalista crítica direcionada pelo colofense a Homero e Hesíodo, provavelmente de cor, aceita-se. Apesar de que de certa forma seria algo injusto para com a tradição dos antecessores de Xenófanés, em Mileto, no caso, Tales e Anaximandro, pois além de criarem e incentivarem o racionalismo crítico revisionista quanto às tradições e ter-se a certeza de que Anaximandro a praticou em relação a Tales e Anaxímenes, põe-se a discussão historicamente nos eixos, para situar Xenófanés no foco da tradição milésia.

44. Fato que se deu pela primeira vez, conforme Detienne (1998, p. 124) por encomenda da cidade de Siracusa, em torno do ano de 504 a. C. ao poeta Cineteu.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aplicando-a à concepção popular tradicional dos deuses e de sua intervenção no *kosmos*, não mais como uma ação teológica do pensador, mas como uma investigação física coerente e própria, que desembocou na proposição do primeiro sistema ético-epistemológico em Filosofia e em Ciência Ocidentais.

Além do exposto, Popper informa que Xenófanés foi o fundador da geologia e da meteorologia, conforme se confirma em Hipólito, Herodiano, Simplicio, Sexto Empírico e Fr. 30, Σ Genav. *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 181-182):

184. Xenófanés pensa que está a processar-se uma mistura da terra com o mar, e que, com o tempo, a terra será dissolvida pela umidade. Afirma ele que as provas que possui são do seguinte teor: encontram-se conchas em terra firme e nas montanhas, e nas pedreiras de Siracusa, diz ele que foi encontrada a marca de um peixe e de algas, enquanto em Paros, se descobriu a marca de uma folha de loureiro no interior de uma rocha, e em Malta, formas achatadas de objetos marinhos de toda a espécie. Isto, prossegue ele, produziu-se, quando tudo há muito estava coberto de lodo, e as marcas secaram com ele. Toda a espécie humana é destruída, sempre que a terra é arrastada para o fundo do mar e em lodo se converte; então, uma outra geração recomeça, e todos os mundos tem este mesmo princípio.

185. E em algumas grutas a água goteja.

181. Tudo o que nasce e cresce é terra e água.

182. Pois é da terra e da água que todos nós provimos.

183. O mar é a origem da água, e a origem do vento; pois, sem o vasto mar, não <haveria nem a força do vento que sopra do> interior das nuvens, nem os cursos dos rios, nem a água que chove do céu: mas o vasto mar é o gerador das nuvens e dos ventos e dos rios.

Nos fragmentos acima apresentados verifica-se a afirmação de Popper no que se refere a Xenófanés ser considerado o pai da geologia e da meteorologia. Perceba o leitor que esses fragmentos são totalmente condizentes com a cosmologia anaximandriaca, confirmando-se, portanto, a tese de que Xenófanés partiu desta e a aperfeiçoou.

Tal se deu na medida em que no âmbito da *phýsis* se preocupou em explicar os fenômenos relativos ao aparecimento de fósseis animais e vegetais marinhos, em localidades desprovidas de acesso ao oceano, tanto quanto a fossilização de plantas terrestres, encontradas no interior de rochas, tecendo, portanto, uma teoria geológica de que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

há um processo no qual terra e água se misturam, sendo a primeira dissolvida pela segunda.

Perceba, no entanto, que Xenófanés não se refere aos elementos “água” e “terra”, um dos quatro modos arquetípicos de manifestação da matéria à época, mas da terra e da água reais, isto é, o elemento sobre o qual se pisa quando afastado de qualquer manifestação aquosa e a água enquanto substância úmida utilizada no dia a dia.

Referindo-se, portanto, aos processos de mudança que se apresentam cotidianamente, procurando solucionar o motivo da terra estar perdendo espaço para o mar a partir da observação, em rochas e lugares que, segundo a tese xenofaniana, em tempos remotos já foram ocupados por água (lodo), inferindo-se que o processo é cíclico.

Como o *kosmos*, tudo degenera, dissolve-se e posteriormente retorna a sua pujança em novo ciclo.

Outra observação que põe Xenófanés no âmbito das teses anaximandriacas é o papel do vento na dinâmica das chuvas, em acréscimo às teses do mestre, em íntima relação com o mar, maior reservatório de água, inferindo Xenófanés que o regime meteorológico de chuvas, marés, cheias e vazantes de rios estão relacionados às interações entre o vento e o mar.

Além de aventurar-se, superficialmente, pelo que se depreende do fragmento 182 de Simplicio, no qual se atribui a Xenófanés a tese da origem do homem ser da terra e da água. Tese esta que conforme se verifica se configura como uma espécie de aprofundamento da teoria da origem da vida e do homem de Anaximandro, como atesta Popper.

Xenófanés de fato é o fundador da geologia e da meteorologia, por meio de suas observações, que possibilitaram a teorização a respeito dos fenômenos desses campos.

De retorno ao que interessa das teses xenofanianas para Popper, tal qual é sabido da tradição filosófica, Popper informa que Xenófanés criticou as instituições de sua sociedade. O que se vê através dos fragmentos em que critica a forma pela qual Homero e Hesíodo representaram os deuses. Apresentando-os com caracteres psicológicos vis, que mesmo entre os homens, esses caracteres são depreciados e dignos de vergonha, como se vê em Sexto Empírico e Clememte *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 172-173):



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

166. Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo quanto entre os homens é vergonhoso e censurável, adultérios e mentiras recíprocas.

167. Mas os mortais imaginam que os deuses foram gerados e que tem vestuário e fala e corpos iguais aos seus.

168. Os Etiópes dizem que os seus deuses são de nariz achatado e negros, os Trácios, que os seus tem os olhos claros e o cabelo ruivo.

169. Mas se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos ou fossem capazes de, com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes à dos cavalos e os bois à dos bois, e fariam os seus corpos tal como cada um deles o tem.

Tradicionalmente, ao se tratar do pensamento de Xenófanes, em cursos de Ensino Médio ou de Graduação em Filosofia sói ocorrer no pensador ser apresentado como um crítico da religião helênica, configuradas por meio das obras de Homero e Hesíodo.

Normalmente, as aulas detêm-se em torno dos aspectos que enlevem o uso do modo discursivo racional e suas vantagens como um certo processo de desmitificação ou dessacralização da *phýsis*, em busca de compreensão mais condizente da Verdade.

No entanto, como visto anteriormente, nenhum dos pré-socráticos até ao momento tratados por Popper verdadeiramente estava descolado de seu pano de fundo cultural e, sobretudo, do espírito de sua época, em especial, no tocante às relações para com o *kosmos* e a *phýsis*.

Como anteriormente visto, que eram encarados como divinos, de maneira animista, um organismo vivo e interativamente dependente da concepção de alma humana, por meio das interações e conexões existentes entre os reinos inerentes à *phýsis*.

Portanto, Xenófanes não fazia teologia no sentido contemporâneo, ao usar o racionalismo crítico revisionista em Homero e Hesíodo, mas, ao contrário, fazia física, no sentido forte e amplo do termo para os helênicos.

Feito tal ajuste quanto a possíveis abordagens anacrônicas à temática, Popper indica Xenófanes como um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

crítico de sua sociedade e tal afirmação é válida, na medida em que se compreende a reflexão xenofaniana como o pleno exercício do pensamento racionalista revisionista crítico, aplicado às concepções mítica e cosmogônica da natureza.

Nessa perspectiva, compreendendo que o reino dos homens, o *Hades* e o reino dos deuses são partes interativas da *phýsis*, tanto quanto os reinos mineral, vegetal e animal não humano e, assim sendo, ao vincular-se à cosmologia de Anaximandro, Xenófanés travou conhecimento com uma concepção de *arche* criada por seu mestre. O *ápeiron*, que em si encarna as qualidades e propriedades de uma das maiores divindades do panteão cosmogônico helênico, a saber: *Chronos*.

Ora, o *ápeiron* é, segundo Anaximandro: a) matéria diferenciada dos quatro elementos arquetípicos de manifestação da matéria em estado comum, a saber: terra, água, fogo e ar.

Supõe-se com a doxografia consultada em Kirk, Raven & Schofield (1994) que possivelmente essa matéria, que seria o *ápeiron*, seria o que os helênicos denominavam de *aíter* (éter), considerada a matéria dos deuses;

- b) fonte e ocaso de tudo o que existe no *kosmos*;
- c) infinito, isto é, sem começo e sem fim, ilimitado;
- d) eterno, por ser o próprio tempo, na concepção indo-europeia e helênica;
- e) tridimensional, uma vez que o tempo é representado pelo círculo, contendo comprimento, largura e profundidade. Portanto, similar ao espaço;
- f) cíclico, pela própria definição de círculo e segundo a tradição hesiódica, representado pelo mito das raças;
- g) ingênito, pois sem ser criado em dado momento é, em si, atemporal e, portanto, sempiterno;
- h) incorruptível, dado o exposto anteriormente;
- i) “o continente”, por permear e perpassar o *kosmos*;
- j) idêntico a si mesmo, pois como decorrência das mencionadas propriedades, mesmo sendo a fonte imóvel do movimento, por permear e perpassar o *kosmos*, jamais muda;
- k) imortal, pois uma vez que jamais muda, não se consome;



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

l) fonte do movimento engendradora do *kosmos*, pois em sendo material (*aiter*) e por ser inerente a sua natureza, a imobilidade do conjunto em contraste equilibrante da mobilidade inerente a sua natureza, engendra os opostos elementares (terra, água, fogo e ar). Do embate destes gera-se o *kosmos* e a *phýsis*, com tudo o que isso significa.

Ora, mediante tais características totalmente diversas da maioria dos deuses helênicos, Xenófanes empreendeu sua física a partir da identificação do comportamento antropomórfico humano, enquanto fonte e configuração representativa de suas divindades.

Instaura a realidade em moldes antropomorfizados e, como consequência, o colofense percebeu que, ao antropomorfizar as divindades, os homens nada mais faziam que projetar sua subjetividade nos fenômenos naturais.

Em contrapartida, gera-se com isso, para os homens, em sociedade, a desculpa religiosa-cultural de que até os deuses agem naturalmente como humanos, pois são, parcialmente humanos. Por qual razão os homens agiriam diferentemente?

Não se acredita aqui na tese filosófica de cunho materialista proveniente do século XIX d. C., de que Xenófanes punha em cheque a existencialidade dos deuses por considerá-los criações puramente humanas e tendenciosamente engendrados para se alcançar a supremacia política através da religião.

Tal argumentação é completamente anacrônica e descabida ao contexto de um rapsodo como Xenófanes, embora se conceda que é uma colocação própria, por ocasião de aplicação da metodologia comparativa em História, quanto a Teoria Política.

No entanto, no que se refere ao final do século VI a. C., impossível! Mesmo porque Xenófanes nunca deixou de exercer seu ofício de poeta inspirado, viajando de cidade em cidade, cantando e dançando as estórias da tribo condensadas em Homero e Hesíodo, além de sua própria produção.

O que é confirmado pelo estilo de sua reflexão racional, revisionista e crítica ser em verso, ao invés da prosa, como se vê em Tales, predominantemente em Anaximandro e em Anaxímenes.

É nesse sentido que a afirmação de Popper quanto a Xenófanes ser um crítico de sua sociedade e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

instituições toma sentido e torna-se visualizável. Em se detectando o processo de projeção antropomórfica para com a *phýsis*, ressaltou-se a estruturação social que é instituída principalmente por Homero (1978a; b), em sua “Ilíada” e “Odisseia”.

Nestas, enquanto coletâneas orais passadas da “boca ao ouvido”, preconizava-se um estilo de vida cuja *arete* era guerreira, dada à *hybris* e a constantes agitações conflituosas em busca de um ideal de homem brutal e a espreita para a matança, como se vê em Detienne (1998, p. 48-84 e 151-184).

No caso de Hesíodo (2007; 1996), em seu “Os trabalhos e os dias” e em sua “Teogonia”, vê-se um ideal de *arete* já socializado pela *polis*, ou seja, pela vida poliade. Em que os homens, embora já não sejam tão violentos e dados à balbúrdia, como se vê em Homero, vivem a crise social da *stasis* (guerra civil) e as agruras da superpopulação, que corrompem o agir humano, tornando-os vis, corruptos e sórdidos, como os deuses do panteão helênico.

Ora, quando Detienne (1998, p. 124) informa que o governo da *polis* de Siracusa contratou o poeta Cineteu, em 504 a. C., para grafar a “Ilíada” de Homero, afirma o helenista que o que estava em jogo era uma atuação intencional do governo sobre as práticas educacionais helênicas tradicionais, levadas a efeito pelos rapsodos, nas praças públicas ou por meio do ensino privado.

Uma vez que ainda não haviam escolas e a tragédia ainda não havia alcançado seu estatuto de instituição educadora pública, com o firme propósito de “remodelar” a concepção tradicional de *arete*, como se confirma com Jaeger (1995, p. 23-147), percebe-se, então, a manipulação dos textos tradicionais, sob contrato e segundo interesses políticos específicos nas *polies*.

Em período histórico anterior a isso, vê-se Xenófanés encetar sua crítica física à tradição homérico-hesíodica, que em si afeta imediatamente o sistema educacional helênico tradicional e, por conseguinte, com base em sua concepção divina, a partir do pensamento de Anaximandro, foi o primeiro a elaborar uma ética com amplas repercussões sobre a Filosofia e a Ciência posteriores.

Essa importância é assinalada por Popper (2002a, p. 33) em se referindo a Xenófanés ter sido o primeiro



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pensador racionalista crítico que elucubrou ilações sobre o potencial de conhecimento humano a respeito da Verdade. Isso acabou gerando, por assim dizer, uma verdadeira teoria do conhecimento. Assim como em decorrência desta, o colofense propôs uma ética que partia do princípio milésio do racionalismo crítico aplicando-o a si.

É espantosa tal atitude por parte de Xenófanes, uma vez que mais do que Anaximandro e Anaxímenes ao menos, já que Tales sabia exatamente o que era carregar o peso de ser um *sophos* (sábio, isto é, um dos Sete Sábios da Grécia). Xenófanes poderia mais do que qualquer um de seus colegas lançar mão do argumento da autoridade que lhe era inerente, na condição de poeta e educador, conforme assinala Popper (2002a, p. 36), pois além de exercer profundamente a crítica às tradições mítica e filosófica aplicou-a a si mesmo. Acentuando a orientação metodológica milésia do exercício crítico para o aperfeiçoamento racional, rumo a Verdade, pois sobre isto os homens apenas conjecturam, diria Xenófanes: - "inclusive o que digo"!

Por isso, no campo conjectural milésio, Xenófanes propôs suas explicações cosmológicas, nos dizeres de Popper (2002a, p. 33): "[...] Ele desenvolveu a cosmologia de Anaximandro o defendendo contra Anaxímenes. [...]"⁴⁵

No entanto, guardando certa independência ao pensamento do mestre, elaborou suas teses na perspectiva apresentada sobre a questão da teologia, constituindo-a como sua cosmologia e esta foi algum tipo de desenvolvimento do pensamento de Anaximandro. Do que ressalta-se a importância de procurar identificá-la para que se compreenda sua contribuição para a filosofia popperiana.

Visto as correções que Xenófanes aplica ao pensamento educacional mítico-poético, encerrado nas obras de Homero e Hesíodo, verifica-se que ao indicar os erros dos educadores gregos, Xenófanes instaurou uma visão relativa aos deuses, diferenciada, implicando nisso a constituição de seu sistema cosmológico.

Segundo Clemente, Simplicio e Sexto Empírico *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 174) constata-se que:

170. Um só deus, o maior entre os deuses e os homens, em nada semelhante aos mortais, quer no corpo quer no pensamento.

171. Permanece sempre no mesmo lugar, sem se mover; nem é próprio dele ir a diferentes lugares em diferentes ocasiões, mas antes, sem esforço, tudo abala com o pensamento do seu

45. "[...] He developed Anaximander's cosmology in defending it against Anaxímenes. [...]"



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

espírito.

172. Todo ele vê, todo ele pensa, e todo ele ouve.

Pode-se considerar o deus de Xenófanés como a base de sua cosmologia e, sobretudo, de sua teoria do conhecimento humano, que segundo Popper (2002a, p. 218) caracteriza o colofense como o “pai da epistemologia”, conforme se vê adiante:

Xenófanés é importante neste contexto principalmente como o *pai da epistemologia* – o primeiro a refletir sobre os limites de nosso conhecimento. Ele descreveu seu próprio pensamento cosmológico e teológico, que deve muito a Anaximandro, como “uma teia de conjecturas”. Ele sublinha que “a verdade certa” está fora do alcance dos homens, e afirma o caráter conjectural de todo o *conhecimento humano*, que ele opõe ao *conhecimento divino*. E ele fez a descoberta de que as ideias humanas sobre os deuses e o mundo são totalmente não confiáveis, pois eles são viciados pelo antropomorfismo. Apesar desta aproximação severamente crítica, Xenófanés não foi um cético, mas alguma coisa como um racionalista crítico; pois ele acreditava que nós podíamos, com nossas adivinhações, nossas conjecturas, fazer progresso rumo à verdade.⁴⁶

Nessa citação percebe-se claramente a magnitude que Popper atribui ao pensamento de Xenófanés. Além de confirmar sua tese de que o colofense é o “pai da epistemologia”. Informa a respeito de seu caminho teórico a partir da cosmologia de Anaximandro à descoberta do padrão antropomorfizante da psicologia humana. Reforça a já tão bem conhecida tese da oposição entre os conhecimentos humano e divino, defendida pela Escola de Mileto.

Popper se baseia nos seguintes fragmentos: DK 21B34 e DK B18, de Xenófanés, vertidos do Grego ao Inglês por ele (2002 a, p. 115-116):

DK 21B34. Mas quanto à verdade certa, nenhum homem a sabe,
Nem sabe disso; nenhum dos deuses,
Nem de todas as coisas de que falo.

46. *Xenophanes is important in this context mainly as the father of epistemology – the first to reflect on the limitations of our knowledge. He describes his own cosmological and theological thought, which owes much to Anaximander, as “a web of guesses”. He stresses that “certain truth” is beyond the reach of man, and asserts the conjectural character of all human knowledge, which he opposes to divine knowledge. And he made the discovery that human ideas of gods and the world are utterly unreliable because they are vitiated by anthropomorphism. In spite of this severely critical approach, Xenophanes was not a sceptic, but something like a critical rationalist; for he believed that we can, with our guesswork, our conjectures, make progress towards the truth.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E até mesmo, se por acaso ele fosse para a proferir
A verdade final, ele não saberia se a teria:
Para todos é, uma teia tecida de conjecturas.

DK B18. Os deuses não revelaram, desde o início,
Todas as coisas para nós, no decorrer do tempo,
Através da busca podemos aprender, e conhecer melhor as coisas.⁴⁷

Por essas razões, Popper afirma, categoricamente, que além de Xenófanos o preceder, antecipando-lhe a filosofia e a teoria do conhecimento, o colofense literalmente criara a teoria do conhecimento. O que se confirma tendo por base o que a doxografia de Clemente, Simplicio e de Sexto Empírico registrou a respeito de sua cosmologia.

Portanto, faz-se necessário investigar-lhe os fundamentos para aferir o quanto se pode reconhecer de sua presença nas bases do pensamento popperiano.

Como comentado acima, Xenófanos iniciou suas reflexões no âmbito do referencial teórico da cosmologia de Anaximandro e, portanto, supõe-se que tenha estabelecido seus padrões, tendo como base o quadro cosmológico do milésio, isto é, o *ápeiron* como identificação dessa substância primeva (talvez o *aiter* – éter, denominado “o quinto elemento”) à divindade, ou melhor dizendo, às propriedades da divindade cosmogônica *Chronos* (o Tempo).

Que de per si seria um imóvel movente de tudo o que envolve e permeia, ocasionando o surgimento dos quatro elementos opostos (terra, água, ar e fogo). De seus embates gerara o firme *Úranos* (o Céu), suporte das estrelas fixas e dos jantes do Sol e da Lua, que circundam a Terra (*Gaia*), promovendo, descendente e simultaneamente a geração e consumação de tudo que toma existência na *phýsis*. Esta, em suas dimensões

47 **DK 21B34.** *But as for certain truth, no man has known it,
Nor will he know it; neither of the gods,
Nor yet of all the things of which I speak.
And even if by chance he were to utter
The final truth, he would himself not know it:
For all is but a woven web of guesses.*

DK B18. *The gods did not reveal, from the beginning,
All things to us; but in the vourse of time,
Through seeking we may learn, and know things better.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

existenciais (reinos mineral, vegetal, animal – hominal [helênicos e bárbaros] -, o *Hades* e Olimpo) e, em especial, no âmbito dos fenômenos cotidianos, as alterações de temperatura, através do vento, constituem todas as mudanças cuja interação auto equilibrante dos contrários, principalmente através do elemento água, gerou toda a vida animal, inclusive o homem.

Desse quadro cosmológico de Anaximandro, o que Xenófanes concorda, discorda, se apropria ou muda?

O principal é o que se vê através dos fragmentos 170-172 de Clemente, Simplicio e de Sexto Empírico *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 174), em que o pensamento xenofaniano é apresentado como que instaurando a unicidade de uma divindade, que em sua caracterização é o maior dentre os deuses e os homens, “[...] em nada semelhante aos mortais, quer no corpo quer no pensamento.” (CLEMENTE, Fr. 170, 1994, p. 174).

Parte-se do princípio de que Xenófanes identifica seu deus com o *ápeiron* de Anaximandro, que por ter as características divinas que o mestre atribuiu, em decorrência do tempo-especialização próprio ao cosmogônico *Chronos*, em sua cosmologia, adequa-se ao exposto pelo colofense, conforme se vê em Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 176-177), que informam a respeito da discussão dos especialistas do campo ser indefinida a respeito da questão da divindade de Xenófanes ser ou não coextensiva ao *kosmos*, fundamentada no posicionamento de Aristóteles:

174. [...] mas Xenófanes, o primeiro dentre estes a postular a unidade (pois diz-se que Parmênides foi seu discípulo), nada esclareceu, nem parece ter abordado a natureza de cada uma destas [sc. A unidade formal de Parmênides ou a unidade material de Melisso]; mas com os olhos postos no céu inteiro, afirma que o Uno é deus.

Nesse fragmento de Aristóteles percebe-se a vinculação de Parmênides enquanto discípulo de Xenófanes, reforçando-se a ideia da fundação da Escola Eleática ao colofense, rebatida por Popper sob o aspecto de Xenófanes ter mantido relações escolares efetivas em Eleia. Mas por outro lado reforça a tese de Popper de que Parmênides travou conhecimento com as teses xenofanianas e fora muito influenciado por estas.

No entanto, o fragmento em questão, remete à discussão se Xenófanes haveria ou não identificado sua divindade com o *ápeiron* de Anaximandro. Segundo Aristóteles houve a identificação. Tal tese é reforçada por Snell (1992, p. 183-184) informando que:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Já com Homero surgira a preocupação de conceber mais claramente a ordem do mundo. Cerca de 600, chegou-se em diferentes regiões à busca de princípios unitários para compreender melhor o que era confuso e indeterminado. Tirteu ou Sólon propõem uma virtude; Safo, o seu valor único perante o que os outros mais estimam (fr. 27a). de modo semelhante, na Ásia Menor, Tales proclamava que a água é o princípio originário e a essência de todas as coisas. Xenófanes prossegue nestas especulações, empreendidas por Anaximandro e Anaxímenes, quando indaga também a verdadeira essência do mundo. Tanto Safo como Tales distinguem o genuíno do inautêntico, o essencial do inessencial. O rapsodo Xenófanes relaciona isto com a sua concepção do saber enganoso dos homens: “Os mortais imaginam ...”, diz ele, referindo-se a uma falsa opinião (fr. 14). “Em todas as coisas há apenas aparência” (fr. 34) ao passo que, pelo contrário, só a divindade conhece a “verdade”. A aparência enganadora no mundo exterior e o falso opinar dos homens – estão ambos incluídos no grego $\delta\omicron\chi\epsilon\iota\nu$, tem entre si uma correspondência. Xenófanes descobre assim algo que deveria tornar-se muito significativo graças a Parmênides, [...].

Mas Xenófanes afasta-se da senda de Tales e continua a seguir as pegadas de Hesíodo; procura determinar o genuíno e o essencial não no elemento material, mas no divino. Isto leva-o a uma descoberta cheia de consequências: $\epsilon\iota\varsigma\ \theta\epsilon\omicron\varsigma$, “Deus é um” (fr. 23). Xenófanes procura libertar-se dos múltiplos deuses antropomórficos e nele se manifesta, pela primeira vez, o divino como unidade que tudo engloba. E, no entanto, o deus que o nosso rapsodo concebe assemelha-se ainda visivelmente a ele mesmo e ao que ele busca: o divino é o complemento do humano, tal como Xenófanes o entende, tal como o entende enquanto rapsodo. Se a sabedoria é o que de mais elevado existe no homem, também ela existirá na divindade; só que o homem possui um saber incompleto, mas o de deus é muito mais perfeito. “Todo ele é visão, todo percepção, todo ouvido” (fr. 24). Xenófanes deixa atrás de si o antropomorfismo grosseiro: a sua divindade, sem órgãos humanos do conhecimento, como o olho e o ouvido, apreende a experiência com a sua essência – mas a plenitude da experiência é a essência desta divindade dos rapsodos.

Segundo Snell, Xenófanes elaborou sua cosmologia exclusivamente como um rapsodo e enquanto tal buscou nas fontes tradicionais de seu ofício, a saber, Homero e Hesíodo a inspiração teórica.

Principalmente em Hesíodo, o modelo cosmogônico sobre o qual aplicaria sua ação racionalista crítica e revisionista e, do mapeamento conceitual extraído da cosmologia de Anaximandro procedeu à identificação do *ápeiron*, já outrora relacionado pelo milésio à visão teogônica de Hesíodo, que atribuía o princípio ao deus Caos. A Museu, que indicava o princípio através dos deuses Tártaro e a Noite.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A Acusilau, que defendia a tese de que eram os deuses Caos, Érebo e Noite e a tradição órfica, que indicava a fonte do *kosmos* como sendo proveniente da ação dos deuses Caos, Noite, Érebo e Tártaro, conforme apresentado por Mondolfo (1968, p. 63).

Portanto, a cosmologia xenofaniana se inicia pelo deus, ao invés de estar identificada à indicação, por parte do colofense, de qualquer um dos quatro elementos, no caso, a terra e a água, como a tradição sugere terem sido os elementos primordiais de sua cosmologia. O que mais se assemelha a um desenvolvimento das teses anaximandriacas sobre a origem da vida e do homem, conforme se vê em Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 181).

Dando continuidade ao estudo sobre o deus de Xenófanés, ainda no fragmento 170 de Clemente *apud* Kirk, Raven & Schofield (1994, p. 174), observa-se que o doxógrafo atribui ao pensador o ter classificado sua divindade como “[...] em nada semelhante aos mortais, quer no corpo quer no pensamento.” Isso se constitui em mais um indicio de que Xenófanés realmente identificou seu deus com o *ápeiron* de Anaximandro, pois uma vez fugindo ao padrão morfológico de qualquer natureza, em especial, o antropomórfico, tal qual o *ápeiron*, que não tem forma nem limites, assim é o deus de Xenófanés.

Além do exposto, o que definitivamente comprova a mencionada identificação, por parte de Xenófanés são os atributos de imobilidade mobilizante de seu deus, tal qual o *ápeiron* (*Chronos*) de Anaximandro e, sobretudo, a sua peculiar maneira de agir com o *kosmos* e a *phýsis*.

Isto é, “Permanece sempre no mesmo lugar, sem se mover; [...] mas antes, sem esforço, tudo abala com o pensamento do seu espírito.” (Fr. 171) e “Todo ele vê, todo ele pensa, e todo ele ouve.” (Fr. 172).

Ou seja, as propriedades específicas de algo que não sendo corpóreo, mas sendo material (*aiter*, supõe-se). Envolvendo e permeando tudo no *kosmos*, mais por princípios inerentes à dinâmica dos fluidos do que por princípios de mecânica clássica, isto é, o deus é Uno e produz-consume tudo o que há, cíclica, degenerativa, interativa, auto iniciante e eternamente.

Por conseguinte, o deus de Xenófanés é o *ápeiron* de Anaximandro, porém, como afirma Snell (1992, p. 181-183), como rapsodo ligado ao processo pedagógico informal dos helênicos, o colofense propõe como divindade não



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mais antropomórfica, porém, como a divindade e nesse sentido, como qualquer divindade dentre as demais.

Recordando que todas as almas humanas que circulam pela *phýsis*, em todas as dimensões existenciais que lhes compõem a estrutura, justificada e movida pela teoria da metempsicose eram denominadas de *theoi*, isto é, “deuses”, como se confirma em Vernant (1990), Coulanges (1998, p. 7-28), Provetti Jr. (2000) e Burkert (1993, p. 369-419). O deus do rapsodo de Cólofon é incorpóreo, isto é, não tem limites rígidos e materialmente cristalizados, enquanto delineamento de-terminante de sua forma, o que não significa ser “informe”, nem tampouco “imaterial”, como se vê em Reale (2004, p. 167-180).

Ora, uma vez que o deus de Xenófanes tem percepções que se adotará a partir daqui denominar como “hidrostáticas”, dado sua semelhança com as propriedades inerentes à dinâmica dos fluídos, no sentido de que o deus “percebe” e “interage” como um fluído, submetido à dinâmica destes, em Física contemporânea, por crer o autor desta dissertação ser a analogia mais condizente com a cognição da divindade do colofense; simultaneamente, a divindade é e não é semelhante aos homens.

É semelhante, na medida em que lhes permeia e dessemelhante, na medida em que sendo distinta deles os envolve e transpassa-os infinitamente, ao que lhes é possível detectar da realidade, por meio dos órgãos dos sentidos e de seu titubeante entendimento.

Se assemelha, na medida que é incorpórea, dotada de percepções e de cognição. Se distingue, na medida em que além de permear e circundar o *kosmos* e a totalidade da *phýsis* é onisciente e onipresente, inclusive às almas humanas, encarnadas e desencarnadas, segundo os ciclos da metempsicose, mobilizado pelo deus, conforme as determinações do Tempo e da Necessidade, à maneira da cosmologia de Anaximandro.

Na confirmação da superioridade do seu deus em relação aos mortais, o colofense instituiu a base de sua reflexão sobre o potencial do conhecimento humano, instaurando o que Popper (2002a, p. 218) denomina de a criação da epistemologia, pois na medida que o saber divino é total e o único a acessar a Verdade (*alétheia*), e as fontes do conhecimento humano são-lhes delimitadas pelos órgãos dos sentidos e através da razão; como é possível ao homem aferir a verdade de seu saber sobre si, a *phýsis*, o *kosmos*, o seu conhecimento sobre o saber e o deus?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Além disso levanta-se outra questão inequivocamente necessária, a saber: se o conhecimento humano é limitado pelos sentidos, muito enganadores e existe a Verdade, que no caso é apenas acessível aos deuses, como é possível aferir-se a Verdade sobre os conhecimentos existentes sobre as coisas?

Essas questões são respondidas por Popper (2002a, p. 48-49) em uma sequência de considerações que se passa a analisar para compreender a teoria do conhecimento gerada por Xenófanes.

Para o colofense, o conhecimento humano consiste de declarações, isto é, o conhecimento humano é linguístico e enquanto tal é expresso através de declarações, indiferentemente à mídia ou código utilizado. Em todas as suas manifestações possíveis o conhecimento humano dá-se na linguagem e pela linguagem.

Ora, enquanto linguagem em si, esse conhecimento é composto de declarações e estas, necessariamente, são verdadeiras ou falsas, isto é, seu conteúdo interno pode adequar-se ou não ao que se dirige, enquanto sentenças representativas de coisas e/ ou ideias a respeito de determinadas experiências ou percepções experienciais que são utilizadas para expressar os conteúdos em determinados sentidos.

O que pode ou não, em dadas circunstâncias, condizer exatamente à representação com o que é representado ou não, o que só ser caracterizado como algo verdadeiro quando condiz e falso quando não condiz.

Alétheia (Verdade) é objetiva para Popper, pois é necessariamente a correspondência entre o conteúdo da declaração com as coisas ou fatos que são representados pela enunciação.

No entanto, dado que o homem está limitado em suas percepções e razão às experiências provenientes de seus sentidos, gerados pelos denominados "órgãos dos sentidos", mesmo que esteja a expressar a mais perfeita verdade, não existe possibilidade de estar inteiramente correto quanto a isso, pois uma vez que as experiências sensoriais e mentais estão subordinadas aos sentidos, não existem instrumentos e critérios suficientemente críveis para que se estabeleça uma declaração como absoluta e totalmente verdadeira ou falsa, em todas as condições possíveis e imagináveis.

Nessas condições, a partir do conhecido, no sentido cotidiano do termo, isto é, o que Popper (2002a, p. 48-49) denomina de "conhecimento certo" (*certain knowledge*), este pode ser apenas um saber conjectural, isto é, apenas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um saber provisório, que mesmo que habitualmente tenha-se a experiência de que ocorre de tal e qual maneira; sempre em certas condições, inexistente qualquer garantia que tal comportamento seja absoluto em todas as circunstâncias possíveis.

O que, em última instância, caracteriza o que Popper (2002a, p. 48-49) nomeia de “teia de suposições” (*woven web of guesses*).

No entanto, Popper informa (2002a, p. 48-49) que Xenófanes não era um epistemólogo descrente da possibilidade de se ter algum conhecimento sobre a realidade. Ao contrário, o colofense defenderia o conhecimento no sentido cotidiano de “conhecimento certo”, enquanto era passível de progressão, na medida em que se melhoram as teorias e a própria linguagem como instrumento de representação da realidade. Partindo-se de algo que se tornou obsoleto para algo que provisoriamente oferece melhores condições de um conhecimento mais próximo a Verdade.

Nesse sentido, Popper (2002a, p. 48-49) sugere que para Xenófanes um conhecimento só pode ser considerado melhor do que outro, na medida em que se tem alguma aproximação da verdade superior a que era possibilitada pelo outro.

Mas mesmo nessa perspectiva não há garantia alguma de que esse saber não é mais do que um conhecimento conjectural e, portanto, o produto de uma teia de suposições, pois ao humano não é acessível o conhecimento verdadeiro, mas apenas aos deuses!

Tais afirmações de Popper (2002a, p. 48-49) são extraídas de dois fragmentos de Xenófanes, a saber: o B18 e o B35 e que por assim dizer, segundo o epistemologista afirma, antecipou em mais de dois mil e quatrocentos anos a sua própria teoria do conhecimento, conforme se vê:

B18. *útoi ap' archês pánta theoi hypédeixan,
allà chrónoi dzetúntes efeyrískusin ámeinon.
The gods did not reveal, from the beginning,
All things to the mortals; but in the course of time,
Through seeking they may get to know things better.*

Os deuses não revelam, desde o início,
Todas as coisas aos mortais; mas no curso do tempo,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Através da busca podem conhecer as coisas melhor.

B35. *Let us conjecture that these things are like the truth.*

Deixe-nos conjecturar que essas coisas são como a verdade.

Conforme resenhado acima, para Xenófanos existe a Verdade objetiva. Ela é acessível ao homem somente através da representação estruturada por meio da linguagem, delineando enunciados. Estes, por sua vez, são verdadeiros ou falsos, na medida em que seus conteúdos internos condizem com o que expressam por via de condizerem com a realidade.

Porém, como alega o colofense, para atingir-se certo grau de aproximação da verdade, ao homem compete o esforço metódico em aperfeiçoar seu conhecimento linguístico, histórico e culturalmente instituído, enquanto meio e fim de representação da realidade, tal qual é apreendida e confirmável por meio da experiência.

No entanto, mesmo que através disso tudo atinja-se a verdade, de maneira absoluta não existe recurso passível ao homem de aferir-lhe a veracidade, pois tudo o que compete ao humano, em seu contínuo esforço para conhecer, mesmo o saber que se tem a respeito do conhecimento, não passa de uma teia de conjecturas sobre a qual se articulam linguisticamente o conhecimento aperfeiçoável infinitamente.

Como tal, e somente nessa medida, pode-se crer em algum grau de veracidade atribuído a qualquer saber que se considere provisoriamente verossímil, isto é, semelhante à verdade, mas jamais o conhecimento certo a respeito da realidade. A *episteme*, como sustentou Aristóteles *apud* Popper (2002a, p. 1), na elaboração de sua Lógica.

Tais colocações são perfeitamente condizentes com a teoria do conhecimento de Popper, expressa em diversas de suas obras, identidade e precedência atribuída a Xenófanos por Popper (2002a, p. 50). O que lhe causou muito espanto, pois afirma que a ele, Popper, apenas foi possível chegar a tal conclusão através dos trabalhos de Newton e Einstein. Como fora possível ao colofense elaborar tal teoria?

Popper não responde a essa questão, indicando que essa tese xenofaniana formou escola na tradição filosófica, tendo em Sócrates, Platão e Demócrito a adesão a tal postura e a ele, Popper (2002a, p. 51), quando afirma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que Xenófanés lhe ensinou modéstia, pois com todas as condições sócio-histórica-culturais para autoafirmar seu saber como a Verdade, o colofense alinhou-se às orientações da Escola de Mileto quanto à acessibilidade à Verdade ser privativa aos deuses e que ao homem cabe apenas tecer na e pela linguagem suas teias de conjecturas. Tendo a Verdade em conta de ideia reguladora para o aperfeiçoamento contínuo das teorias explicativas em confrontação com a experiência.

É nesse sentido que Popper (2002 a, p. 24-25) assegura que Xenófanés, através de seus fragmentos DK B16 e 15; 18; 35 e 34, inviabiliza qualquer argumento a favor da indução, enquanto método frutuoso para a proposição de audaciosas e arrojadas teorias em prol da aproximação da verdade sobre a realidade.

Por meio da discussão proativa e crítica racional, gerando a verossimilitude em graus mais e mais próximos à realidade, que se dá com o uso prudente do conceito de verdade como ideia reguladora metodológica e não como fim a ser atingido, como se confirma abaixo:

Os etíopes dizem que seus deuses têm nariz chato e são negros, enquanto que os trácios dizem que os seus tem olhos azuis e cabelos vermelhos. Não obstante, se os bois ou os cavalos ou os leões tivessem mãos e pudessem desenhar e esculpir como as pessoas, então os cavalos desenhariam a seus deuses como cavalos e os bois como bois, e todos eles formariam os corpos dos deuses a sua própria semelhança.

Os deuses não nos revelaram todas as coisas desde o começo, senão que com o tempo haveremos de aprender buscando e encontrando o melhor ...

Isto, como bem podemos conjecturar, se assemelha à verdade.

Mas, pelo que diz respeito à verdade certa, ninguém a conhece nem a conhecerá, nem pelo que respeita aos deuses nem tampouco pelo que diz respeito de todas as coisas sobre as quais falo. E se acaso por casualidade alguém afirmasse a verdade perfeita, nem sequer ele o saberia, pois tudo não é mais que um emaranhado de conjecturas.⁴⁸

48 *The Ethiops say that their gods are flat-nosed and black
While the Thracians say that theirs have blue eyes and red hair.
Yet if cattle or horses or lions had hands and could draw
And could sculpture like men, then the horses would draw their gods
Like horses, and cattle like cattle, and each would then shape
Bodies of gods in the likeness, each kind, of its own.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas em que isso implica, enquanto decorrência dessas teses xenofanianas? Segundo Popper (2002a, p. 44) o difícil problema ao qual Xenófanés intentava tratar através de sua abordagem física era a questão do *kosmos*.

Na medida em que se apercebe de que todo o saber humano são enunciados propensos a juízos de valor construídos histórico-culturalmente pelas diversas sociedades. E que mesmo o saber que existe e está disponível à compreensão humana, sobre o conhecimento está indelevelmente marcado por tal leitura, isto é, não passa de conjecturas que, mesmo que expressem a verdade (*alétheia*), inexistem recursos efetivos de corroboração efetiva ao homem.

Xenófanés é forçado a aplicar a si os elementos de sua crítica, propondo-os enquanto conjecturais, como quaisquer outros, o que Popper classifica como uma façanha do colofense, que deve-lhe ter custado um intenso esforço psicológico. Pois conforme visto no capítulo I desta dissertação, o homem grego arcaico e clássico desconhecia o papel ativo de sua subjetividade nos processos cognitivos e gnosiológicos, conforme se vê em Mondolfo (1970, p. 15-178).

No entanto, a partir de Xenófanés detecta-se indícios do entreabrir da presença de intuições subjetivistas nesse processo, principalmente, na medida em que o colofense apresenta não uma relativização epistemológica, mas uma consciência da proatividade humana necessária na busca constante, crítica e racionalista do conhecimento verdadeiro a respeito da realidade. Nesse sentido, comenta Popper (2002a, p. 46): Então, se você quiser obter conhecimento do mundo objetivo, Xenófanés ensina, conhece a ti mesmo e desconfie de suas impressões!⁴⁹

*The gods did not reveal, from the beginning,
All things to us; but in the course of time,
Through seeking we may learn, and know things better ...
This, as we well may conjecture, resembles the truth.
But as for certain truth, no man has known it,
Nor will he know it; neither of the gods
Nor yet of all the things of which I speak.
And even if perchance he were to utter
The perfect truth, he would himself not know it;
For all is but a woven web of guesses.*

49. So if you wish to obtain knowledge of the objective world, Xenophanes teaches, know thyself and mistrust your own impressions! [...]



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tal ensino xenofaniano, afirma Popper (2002a, p. 46), trata-se de uma versão do que ele denomina de “empirismo crítico”. O colofense compreende o papel de mediação semiotizada que é desenvolvido pela subjetividade do sujeito do conhecimento na e pela linguagem, no processo de semiotização elaborado social, histórico e culturalmente, enquanto parâmetro conjectural das possibilidades conscientes de elaboração de um conhecimento.

No entanto, na medida em que o auto conhecimento é compreendido como algum tipo de autoanálise da interioridade, como agente ativo de semiotização mediatizadora e instanciadora da realidade externa ao sujeito do conhecimento, as representações linguísticas histórica e culturalmente elaboradas pela sociedade helênica se configuram como uma espécie de teia conceitual possível para a categorização da realidade como veraz ou não.

Levando-se em consideração que na época dos pré-socráticos era uma impossibilidade a consciência de qualquer intervenção da subjetividade, devido ao caráter social de construção da consciência do *Eu*, por meio da ação do outro, compreende-se o tremendo esforço psicológico que Popper supõe ter sido necessário a Xenófanos realizar para propor como saber provisório, inclusive seus dizeres cosmológicos. A despeito de seu papel social na cultura grega ter tudo para corroborá-los como verdadeiros, na medida em que fossem apresentados como revelação dos deuses.

Porém, tal esforço não privilegia qualquer manejo do centro de gravidade epistemológico entre o par subjetivismo-objetivismo, na teoria xenofaniana do conhecimento.

Apenas reconhece que em sua gnosiologia, Xenófanos anteviu a consciência da necessária proatividade do homem a empreender o auto conhecimento. Não enquanto atividade introspectiva, de sondagem das forças psíquicas e cognitivas em jogo, na relação sujeito-objeto. Mas como uma espécie de consciência de que as sensações humanas, fonte e interface perceptual, simultaneamente estruturante-estruturada linguística e semioticamente, na e pela linguagem, inquestionavelmente não passam de uma tecitura conjectural eternamente inconclusiva quanto ao grau de aproximação da verdade, no que respeita à realidade.

Mas sempre passível de ser tomada de assalto pelo esforço metódico, racional e crítico consciente do homem, que tem na verdade uma ideia reguladora e em absoluto a abandona enquanto meio para se atingir um saber



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

verossímil.

A postura que decorre das conclusões da teoria do conhecimento de Xenófanés são apresentadas por Popper (2002a, p. 53), como a “licença para pesquisar” do colofense, pois decorre dos princípios epistemológicos e éticos inerentes à consciência da condição conjectural e linguística do conhecimento humano.

Pautado pelo racionalismo crítico e autocrítico, no instaurar de uma proposta intensamente dinâmica, investigativa da verdade, por meio da aplicação impiedosa da crítica. Tal licença, sugerida e realizada por Xenófanés em sua longa vivência filosófica, indica a Popper uma ética que emerge das asserções epistemológicas do colofense, consolidando-se em doze teses que serão analisadas a seguir (POPPER, 2002a, p. 63-65):

1. Nosso conhecimento conjectural objetivo prossegue a ser ultrapassado mais e mais do que *uma* pessoa possa dominar. *Por conseguinte, não haverá autoridades.* Isso vale até mesmo dentro de várias especialidades médicas.⁵⁰

Ou seja, qualquer que seja a área ou campo do saber humano, dado o volume e diversidade das ramificações investigativas, nenhum humano é capaz de se autodenominar uma autoridade no campo, pois a velocidade de atualização, mudança, reformulação e negação de princípios é em muito superior à capacidade de acesso e apreensão positiva, a ponto de se estabelecer certa autoridade sobre qualquer assunto.

Do que decorre a necessidade cada vez mais urgente de filiação a Grupos de Pesquisa que tenham como tônica a criação de uma comunidade investigativa eficiente e interativamente cosmológica, isto é, transdisciplinar, ampla, irrestritamente holística.

2. *É impossível evitar todos os erros*, ou mesmo todos aqueles erros que são, eles mesmos, evitáveis. Erros estão continuamente sendo feitos por *todos* os cientistas. A velha ideia de que erros podem ser evitados e que alguém tem portanto, o dever de evitá-lo será muito revisada: ela própria é um erro.⁵¹

50. 1. *Our objective conjectural knowledge continues to exceed more and more what **one** person can master. **Therefore there are no authorities.** This holds true even within the various medical specialities.*

51. 2. ***It is impossible to avoid all mistakes**, or even all those mistakes that are, in themselves, avoidable. Mistakes are continually being made by **all** scientists. The old idea that mistakes can be avoided and that one is therefore in duty bound to avoid them must be revised: it is itself a mistake.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essa regra ética desenvolvida por Popper, sobre o pensamento de Xenófanes decorre de que todo o saber humano é conjectural e enquanto tal, é impossível atingir-se a verdade como firme e inabalável expressão da identidade entre o fato e a sua representação linguística enunciativa. Pois tanto um quanto outro, isto é, o fato e a semiotização linguística deste são leituras perceptuais cognitivas e intelectivas. Submersas na e pela linguagem que, por sua vez, é uma construção contínua, altamente plástica e cambiante do espírito de época social, histórica e cultural.

Portanto, mesmo que haja certo grau de comprovação da verdade sobre determinado fenômeno físico, que vem se repetindo experimentalmente nos últimos duzentos anos, por exemplo, de modo que se desenvolveu certa credibilidade em torno de seus fundamentos racionais. Nada garante a eternidade e sustentação racional incondicional sobre os saberes e usos futuros que se podem desenvolver, mediante a proposição de novos enunciados, fenômenos e modos de se expressar, em qualquer linguagem, atual ou futura, que um homem possa desenvolver.

Portanto, de certeza ou conhecimento certo, apenas os fatos provisoriamente os corroborarão. Cabe ao investigador de qualquer campo do conhecimento ter suas teorias como instrumentos sempre imprecisos, para se proceder ao conhecimento da realidade, fazendo-se necessária sempre a postura revisionista, crítica e racionalista, com vistas a ampliação das condições investigativas e conceituais. De maneira a mais e mais aproximar-se da verdade a respeito da realidade.

3. *Ainda permanece nosso dever fazer de tudo o que pudermos para evitar erros. Mas é precisamente a fim de evitá-los que nós muito estamos cientes da dificuldade em evitá-los, e do fato de que ninguém consegue ser bem sucedido em evitá-los todos; nem sequer o mais criativo dos cientistas os quais são guiados por prósperas intuições. Apesar de nós podermos fazer coisa alguma sem elas, as intuições são mais frequentemente erradas do que certas.*⁵²

Ora, quando no item 2 Popper menciona que da teoria do conhecimento de Xenófanes “[...] é impossível evitar todos os erros, [...]” não quis afirmar na ética do colofense que deve-se não dar atenção para que se venha a

52. 3. *I still remains our duty to do everything we can to avoid mistakes. But it is precisely in order to avoid them that we must be aware of the difficulty in avoiding them, and of the fact that nobody succeeds in avoiding them all; not even the most creative scientists who are guided by intuition succeed. Although we can do nothing without it, intuition is more often wrong than right.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

evitar os erros.

Apenas quis indicar que os erros são elementos que na perspectiva de Xenófanes são inerentes ao humano, pois, mesmo que estivesse a falar da verdade plena sobre a realidade, não existem recursos que corroborem esse saber enquanto absolutamente veraz. Considerando-se que todo o conhecimento humano, inclusive o saber que se tem a respeito do conhecimento e suas possibilidades são conjecturas!

Logo, o erro é inerente à estrutura enunciativa e linguística da cognição humana. No entanto, as conjecturas elaboradas para tentar explicar os fenômenos, como tentativas de aproximação da verdade sobre a realidade, mesmo equívocas ou duvidosas são os instrumentos de que a humanidade dispõe para representar a realidade e ter algum saber sobre ela e seus processos.

Nesse sentido, portanto, cabe ao homem, ciente de sua defasagem em relação à inviabilidade de se atingir um conhecimento certo, *episteme*, estar atento aos erros naturais e aqueles implícitos nas teorias, de modo a evitá-los.

Pois somente de posse da ciência da falibilidade, tanto das sensações quanto da linguagem e sua composição a partir das teorias que se tecem sobre as conjecturas do que se crê como realidade verossímil ou veraz, tendo a ideia de verdade enquanto conceito regulador de revisões audazes e perspicazes, à luz da razão crítica, é que se pode manter o mais seguro possível, de se incorporar erros enquanto verdades de maneira permanente.

Partindo-se, portanto, da atitude de humildade submersa na consciência de que se faz necessária uma constante revisão, reajuste e re-flexão sobre os pontos, sob uma brutal e metódica aplicação da crítica e da experimentação, tentando falsear as teorias e hipóteses é que se alcançará algum grau de conhecimento verossímil sobre a realidade.

É importante notar que Popper assinala o problema da intuição enquanto fonte de solução de problemas, pois a intuição é um instante em que surge na mente certa resolução, que pode ser uma possível e adequada solução, mas que, antes de ser entendida como tal, faz-se urgente a análise racionalista crítica, bem como o exercício falseabilizante, sob os mais rudes testes, objetivando reduzir ao máximo os erros.

4. *Erros podem ser encobertos em nossas mais corroboradas teorias e essa é a questão específica dos cientistas na busca de tais erros. Descobrir que uma bem corroborada teoria ou*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma técnica prática muito usada está errada pode ser uma descoberta de enorme importância.⁵³

Partindo-se do exposto até ao momento, nessa ética epistemológica que decorre das reflexões de Xenófanés, Popper indicou que a busca revisionista racional e crítica dos erros deve ser uma constante no exercício filosófico ou científico. Uma vez dada como correta a impossibilidade de se obter um conhecimento verdadeiro e o saber humano ser baseado nas sensações e conjecturas teóricas na e pela linguagem, estruturadas enquanto teias conjecturais, orientadas pela ideia reguladora da verdade, tem-se convicção de que mesmo as mais comprovadas e reconhecidas teorias ou práticas técnicas; por mais eficientes que sejam, contém erros que a seu tempo, sob o esforço constante de revisão, mostrar-se-ão patententes.

Popper afirma que é nesses momentos que a descoberta desses erros assinalam um momento de progressão em direção a um maior grau de corroboração do conhecimento verossímil, rumo à verdade. Pois mesmo que se considere a precariedade do saber humano, Xenófanés não descredencia o uso dessa sabedoria. Apenas a põe entre aspas, consciente de que uma revisão crítica sempre ampliará o estado do campo.

5. *Por isso devemos mudar nossa atitude pelos nossos erros. É aqui que nossa reforma ética prática deve começar. Para a atitude da antiga ética profissional que nos leva a encobrir nossos erros, mantê-los secretos e esquecer tudo sobre eles o quanto antes.*⁵⁴

Nesse item, Popper declara cabalmente a identidade teórica entre suas teses e o pensamento de Xenófanés, nos sentidos ético e epistemológico, pois como é Popper jamais deixou de levar a sério qualquer colocação crítica dirigida às suas teorias. Sempre que a crítica se fez robusta sobre certo ponto, prontamente pôs-se a rever e reestruturar seu posicionamento, dando vero exemplo da atitude ética necessária a um filósofo ou cientista, ao invés de ocultar os pontos fracos de suas teses, escamoteando-os.

6. O novo princípio básico é que a fim de evitar mais erros que nós possamos fazer *devemos*

53. 4. *Mistakes may be hidden in our best-corroborated theories, and it is the specific task of the scientist to search for such mistakes. Finding that a well-corroborated theory or a much-used practical technique is mistaken may be a discovery of the greatest importance.*

54. 5. *We must therefore change our attitude to our mistakes. It is here that our practical ethical must begin. For the attitude of the old professional ethics leads us to cover up our mistakes, keep them secret, and to forget all about them as soon as possible.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*aprender com os erros que fazemos. Encobrir nossos erros, portanto, é o maior pecado intelectual.*⁵⁵

Como decorrência do item anterior, portanto, Popper afiança que encobrir os erros “[...] *is the greatest intellectual sin.*” Isto é, na medida em que se evite o teste dos pontos frágeis de teorias, hipóteses centrais e periféricas das explicações de mundo que se adotam, evita-se o crescimento decorrente de sua falseabilização e, portanto, castra-se a possibilidade de novas e audazes proposições. Bem como pode gerar um retrabalho, na medida em que mais cedo ou mais tarde outro pesquisador identificará a falha e poderá se perder a oportunidade de melhor contribuir para o campo em que se atua.

*7. Devemos, portanto, estar constantemente em vigia por erros, especialmente nossos próprios erros. Quando nós os encontramos devemos nos lembrar deles; e devemos examiná-los minuciosamente de todos os aspectos, a fim de compreender melhor o que se passou de errado.*⁵⁶

Em consequência da anterior, os erros, para Xenófanes e Popper são os verdadeiros instrutores, a indicarem as modificações ou adequações necessárias para tornar o posicionamento teórico o mais verossímil possível. Para tanto, exige-se nova postura em relação aos erros.

Além de tê-los em mente, enquanto objetos a serem evitados, ao detectar-se sua presença, deve-se investigá-los o mais amplamente possível, dissecando-os, no intuito de aprender com eles e modificar-se a teoria, tendo em mente a ideia reguladora da verdade enquanto orientação básica.

Ao invés de buscar-se a verificação de suas teses, faz-se necessária a radical e brutal busca por falseá-las, pois de antemão sabe-se que são meras conjecturas e nesse sentido, podem e devem ser aperfeiçoadas. Os indícios para esse procedimento se fundamentam não na busca da verificabilidade teórica, mas na falseabilidade que ressalta os erros a serem modificados em inovadoras proposições.

55. 6. *The new basic principle is that in order to avoid making more mistakes than we need make we must learn from the mistakes we do make. To cover up mistakes, therefore, is the greatest intellectual sin.*

56. 7. *We must, therefore, be constantly on the lookout for mistakes, especially our own mistakes. When we find them we must remember them; and we must scrutinize them from all aspects, in order to understand better what went wrong.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

8. *A atitude autocrítica*, sinceridade, é a abertura para tornar-se, portanto, parte do dever de todos.⁵⁷

Para que se atinja a capacidade de observar os erros não como falhas metodológicas, mas como extensões naturais do caráter conjectural do conhecimento humano e, por conseguinte, da linguagem humana, sem considerar-se qualquer postura irresponsável no realizar metodológico em pesquisa, só é viável e eficaz se, e somente se o pesquisador estiver imbuído de atitude autocrítica e sinceridade enquanto deveres.

Pois do contrário, como se vê em vários exemplos do presente e do passado, com raríssimas exceções sinceras, a investigação passa a ser um jogo de gato e rato, no qual aos opositores de uma eventual teoria cumpre o papel do gato, no sentido de sensor, para apontar as falhas do proponente, isto é, o rato, que se esforça em sustentar-se sobre suas teses a qualquer preço, mesmo vindo a sofisticá-las, se necessário.

Popper indica dois dos princípios éticos mais simples e simultaneamente mais complexos, em especial em um mundo capitalista no qual a concorrência pressupõe o domínio de conhecimentos para se obter e manter o poder!

No entanto, se houver sinceridade e autocrítica, ao invés do mencionado jogo, instaura-se uma postura saudável, na qual a competitividade é decorrente de uma questão de melhoria, isenta de qualquer perda moral de poder político e/ ou financeiro. Mas de proposição, de indicações para transformações e aperfeiçoamento do conhecimento.

9. Desde então, devemos aprender a partir de nossos erros, *devemos aprender igualmente a aceitar*, realmente aceitar agradecidos, *os apontados por nós e por outros*. Quando chamamos a atenção de outras pessoas para seus erros, deveríamos sempre lembrar que nós próprios temos feito erros similares. E deveríamos lembrar que a maior parte dos cientistas tem feito grandes erros. Isso não significa certamente sugerir que nossos erros são, geralmente, perdoáveis: nunca devemos deixar nossa atenção afrouxar. Mas isso é humanamente impossível evitar fazer erros, e quando chamamos a atenção dos outros para os seus erros, poderíamos ajudá-los apontando isso também.⁵⁸

57. 8. **A self-critical**, frankness, and openness towards oneself become, therefore, part of everyone's duty.

58. 9. Since we must learn from our mistakes, **we must also to accept**, indeed accept with thanks, **their being pointed out to us by others**. When we draw other people's attention to their mistakes, we should always remember that we ourselves have made similar mistakes. And we should remember that the greatest scientists have made great mistakes. This is certainly not meant to imply that our mistakes are, generally,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Popper chama a atenção para uma questão psicológica do relacionamento social humano, que infere um sólido amadurecimento comportamental em relação ao juízo que se faz sobre si e sobre o outro, em especial, no que se refere ao denominado “mundo do trabalho” e, sobretudo, no mundo acadêmico, onde normalmente sói arderem “as fogueiras das vaidades”!

De fato, a partir das referências sobre a linguagem e as possibilidades humanas de ter conhecimentos ser conjectural, a postura mais sensata é a de que a ignorância sobre tudo, inclusive sobre o que sabemos é a postura mais razoável.

No entanto, em um mundo de concorrência e de delimitação de poderes nas relações humanas, tal postura soa no mínimo contraproducente, pois ou se é designado por “ingênuo” e afastado das principais decisões para tomadas de ações ou é, se é qualificado de “irônico”, tem-se, temerariamente em alta conta, por aqueles que assim o qualificam.

Como se vê no caso de Sócrates de Atenas, cuja opção, por parte de Aristóteles e pela tradição filosófica posterior a este, foi a de atribuir-lhe a pecha de “irônico”.

Trata-se verdadeiramente de uma “arte” o aprender a educar-se na investigação científica com a necessária humildade para se autocriticar transparentemente e para se aceitar a indicação dos erros próprios por outras pessoas. Sobretudo, aprender a modificar-se humildemente. É algo a se aprender constantemente.

10. Devemos ser claros em nossas mentes que *precisamos de outras pessoas para descobrir e corrigir alguns de nossos erros (como eles precisam de nós)*; especialmente pessoas as quais tem crescido com diferentes ideias, numa atmosfera cultural diferente. Isso também leva à tolerância.⁵⁹

Popper assinala, lembrando a questão da multiculturalidade enquanto vivência, que Xenófanés teve como rapsodo, viajando de *polis* em *polis*, cantando e dançando as estórias tradicionais helênicas e seus próprios poemas,

forgivable: we must never let our attention slacken. But it is humanly impossible to avoid making mistakes, and when we draw the attention of others to their mistakes, we might help them by pointing this out too.

59. 10. *We must be clear in our minds that **we need other people to discover and correct some of our mistakes (as they need us)**; especially people who have grown up with different ideas, in a different cultural atmosphere. This too leads to toleration.*



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

travando conhecimento com povos e pessoas helênicas e bárbaras, desenvolvendo o senso da tolerância.

Assevera Popper que a questão da autocrítica é importante, porém a intervenção de outras pessoas, com a específica função de criticar as teses esposadas pelo pesquisador, dado sua formação e vivência diferenciadas é essencial para a sanidade teórica de qualquer doutrina e explicação filosófica ou científica.

Em especial se o crítico for de outra cultura, realmente distinta da do pesquisador, pois é de conhecimento geral que as culturas, via fenômenos de linguagem, instauram olhares, vivências, em perspectivas diferenciadas. O que ressalta o alerta xenofaniano de que se deve, verdadeiramente, não apenas desconfiar dos sentidos, mas dos pressupostos teóricos que compõem as hipóteses de qualquer doutrina apresentada, pois, necessariamente, todos os elementos, enquanto fenômenos linguísticos inerentes ao olhar que é próprio à cultura de onde provém o pesquisador é pura conjectura a ser confirmada através da crítica racionalista e por meio da experiência, enquanto processo de corroboração provisório.

Diz-se “provisório” devido à característica de qualquer fenômeno linguístico inerente a qualquer cultura estar em constante modificação e reinvenção, abrindo novas possibilidades interpretativas constantemente reeditadas e recolocadas. Ora como solução, ora como problema parcial ou total, exigindo-se, portanto, atento acompanhamento crítico revisionista para alcançar-se algum grau de verossimilhança.

Nesse sentido, o mito da onipotência racional argumentativa, enquanto auto evidência da Verdade é falso, portanto, faz-se necessária a crítica constante.

11. Devemos aprender que a autocrítica é o melhor criticismo; mas que *a crítica pelos outros é uma necessidade*. É quase tão boa quanto a autocrítica.⁶⁰

Tanto neste tópico quanto no anterior, Popper assinala o papel da crítica alheia e da autocrítica no processo de aproximação do melhor grau de verossimilitude quanto à realidade, submetendo qualquer teoria que pretenda explicar-lhe as particularidades enquanto “conhecimento”.

Ora, tais colocações acabam por desmontar outro mito científico positivista, a saber: o de que a ciência e

60. 11. *We must learn that self-criticism is the best criticism; but that criticism by others is a necessity. It is nearly as good as self-criticism.*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pode-se afirmar, a filosofia, não é uma construção iluminativa, fruto de esforços reflexivos solitários à certa distância dos ruídos cotidianos humanos, para que em contato exclusivo com os deuses receba-se, qual um médium espírita uma mensagem do além!

É claro que os momentos de reflexão são partes do processo de construção do saber racional, em especial, na fase da elaboração da estrutura argumentativa inerente à proposição das hipóteses e teorias. No entanto, para que essas não sejam a expressão de uma mente muito inteligente em apreender as partes ocultas da natureza, dentre as ilusões que se apresentam aos sentidos do comum dos mortais, ou o produto de uma revelação divina, algum momento psíquico e intuitivo que seja auto evidente e, portanto, uma revelação divina detectada por algum privilegiado emissário do alto.

Após a elaboração das teses hipotéticas que compõem a teoria, faz-se necessária a elaboração de propostas falseadoras e de testes dos mais rudes por parte do investigador, na tentativa de falseá-las.

No entanto, expor suas ideias a um auditório de pessoas interessadas em compreender-lhe a apreensão feita sobre tal ou qual aspecto natural, ouvir-lhes as interpretações que obtiveram de suas palavras e, sobretudo, as contraposições é uma experiência única, indelevelmente necessária para algum grau de corroboração provisório de qualquer tese.

É nesse sentido que decorre da epistemologia de Xenófanes esse princípio ético para a investigação filosófico-científica, a saber: a participação em alguma comunidade investigativa e a publicidade das teses explicativas sobre qualquer fenômeno natural ao qual se disponha a investigar, por parte do filósofo e do cientista, para que seja duramente alvejado pelas críticas de pessoas, direta ou indiretamente ligadas ao assunto.

Pois na medida em que as doutrinas forem resistindo às tentativas públicas de falseabilização, na medida em que apontadas forem as inconsistências, o proponente reformula humilde e de boa mente sua tese e a reapresenta após seu momento auto crítico. As chances de se elaborar no coletivo um certo grau de verdade quanto à tentativa de representar, linguisticamente o fenômeno estudado, faz-se mais robusta até que se atinja uma inovadora e ousada conjectura mais e melhor sustentável.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

12. *A crítica racional (ou objetiva) deve sempre ser específica: ela deve dar razões específicas por declarações específicas, hipóteses específicas parecem ser falsas ou argumentos específicos inválidos. Ela deve ser guiada pela ideia de ficar mais perto da verdade objetiva. Neste sentido ela deve ser impessoal, mas igualmente com simpatia.*⁶¹

Popper, neste item, retorna à questão da necessidade da objetividade do saber filosófico e científico estar direcionado às especificidades que ressaltam ao que exatamente se dirigem, evitando-se, portanto, as dubiedades interpretativas que se apresentam em qualquer linguagem humana.

Portanto, a clareza expressiva direcionada à especificidade dos argumentos que restrinjam as margens de equívocos interpretativos, isto é, uma linguagem objetiva deve ser direcionada, especificamente ao que se pretende tratar, evitando-se a metaforização em detrimento do argumento racional, conceitualmente planejada para dizer-se o que se pretende.

É claro que no âmbito das linguagens humanas naturais tal código que se aproxime da possibilidade de plasticidade, objetividade, especificidade e clareza racional expressiva, até ao presente, só pode ser melhor atingida pelo Idioma Internacional Neutro – Esperanto, que mesmo após algo em torno de cento e vinte e seis anos de sua formulação, proposta pelo médico oftalmologista, filósofo, filantropo e filólogo judeu-polonês Lázaro Luiz Zamenhof, em 1887, ainda hoje é pouco utilizado filosófica e cientificamente pelas comunidades investigativas contemporâneas.

À parte deste código, que até ao momento é um dos melhores para a conservação dos sentidos de qualquer mensagem em qualquer idioma nacional em versão para algum outro, conservando-se as especificidades, constituindo-se, assim, como o melhor no gênero para expressar ideias, portanto, conjecturas.

Todas as línguas nacionais são emergentes dos processos subjetivos aos quais as populações, usuárias, os elaboraram histórica e socialmente por meio de suas peculiaridades existenciais, isto é, ecológicas. Nesse sentido, a recomendação xenofaniana-popperiana de objetividade linguística quanto às especificidades do que se trata,

61. 12. ***Rationalism (or objective) criticism must always be specific: it must give specific reasons why specific statements, specific hypotheses appear to be false, or specific arguments invalid. It must be guided by the idea of getting nearer to objective truth. In this sense it must be impersonal, but also sympathetic.***



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

teoricamente na crítica é um constante exercício em busca de tal estado.

Pois na medida em que o conhecimento é conjecturalmente estruturado em declarações enunciativas, elas estão submetidas às variáveis de clareza e potencial de objetividade expressiva no código utilizado pelo pesquisador, sendo mais ou menos objetiva, conforme seu traço cultural.

Não se pode esquecer que a razão, enquanto fenômeno linguístico proveniente do idioma helênico arcaico, que à época tinha quatro dialetos, a saber: ático, dório, eólio e jônio, tendeu a migrar deste, isto é, do jônio, usado por Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Xenófanes, Heródoto, Hipócrates; para o ático, pois como ressalta Horta (1968, p. 29-69), o ático se consolidou, após a vinda da linguagem racional da Jônia para a Hélade continental, em especial em Atenas, no dialeto que melhor adaptou-se a expressar conceitos abstratos dentre os demais dialetos em uso.

Portanto, compreende-se que a busca de clareza expressiva, racional e objetiva na crítica, tanto quanto na formulação teórica, faz-se necessária através de um constante exercício, cujo a crítica é o combustível e o fim a ser atingido na elaboração norteadora da ideia de Verdade, enquanto construção da concepção reguladora de um maior grau de verossimilhança em relação à realidade.

No entanto, Popper afirma que, a despeito da constante busca de objetividade, especificidade e impessoalidade, a crítica não deve por-se ressecada, isto é, sem a graça e beleza estética da linguagem que não lhe prejudique a objetividade e clareza a favor de uma falsa concepção de uma objetividade reducionista.

Como se vê na proposição do positivismo lógico de Richard Rorty, criticado por Provetti Jr. (2007), quando aquele defende a tese de que a filosofia não passaria de um vocabulário técnico proveniente da cultura helênica, sem relação alguma com a expressão científica e objetiva do conhecimento, ao defender uma linguagem isenta dos prejuízos subjetivistas e metafísicos em prol de uma linguagem lógico-matemática.

Portanto, na medida em que o conhecimento se dá na e pela linguagem, que ao ser formulado através de enunciados passíveis de serem verdadeiros ou falsos, estabelece-se uma maior ou menor proximidade entre os seus conteúdos. O que eles representam, enquanto conjecturas explicativas dos fenômenos que surgem à apreensão humana, provenientes da realidade, percebe-se serem extremamente pertinentes as indicações de Popper,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fundamentado na epistemologia e ética de Xenófanés.

De tudo isso depreende-se e se concorda com Popper (2002a, p. 24-25), que com Xenófanés aprende-se:

a) Nunca se pode relaxar quanto à busca da autocrítica e da crítica externa das teses que são defendidas pelo pesquisador, buscando sempre aprender de quem elabora e propõe a crítica;

b) É necessário evitar-se o relativismo, assumindo-se a postura de que sempre se pode estar errado e que mesmo o crítico também o pode estar. Portanto, a discussão racional é a única fonte de possibilidade de se aproximar de alguma verossimilhança sobre a realidade.

Referências

- ARISTÓTELES . On the parts of animals I-IV . Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BORNHEIM, Gerd (Org.) . Os filósofos pré-socráticos . São Paulo: Cultrix, 1999.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins; SARAIVA, Maria Olívia de Quadros & LAGE, Celina Figueiredo . Introdução ao Grego antigo . Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- BRANDÃO, Junito de Souza . Mitologia grega . Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRILLANT, Maurice. Les mystères d'Eleusis . Paris: La Renaissance du Livre, 1920.
- BURKERT, Walter . Religião grega na época clássica e arcaica . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- CAIRUS, Henrique F. & RIBEIRO JR., Wilson A. . Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença . Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- COPELSTON, Frederick . A history of philosophy: Greece and Rome . Tunbridge Wells: Search Press, 1946.
- CORNFORDE, Francis M. . Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- COULANGES, Fustel de . A cidade antiga . São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DESCARTES, René . Discurso do método; As paixões da alma; Meditações; Objeções e respostas . São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- DETIENNE, Marcel . A invenção da mitologia . Rio de Janeiro – José Olympio e Brasília – UNB, 1998.
- _____ . Os mestres da Verdade na Grécia arcaica . Rio de Janeiro: 1988.
- _____ & SISSA, Giulia . Os deuses gregos . São Paulo: Schwarcz, 1992.
- DURKHEIM, E. As formas religiosas da vida primitiva . São Paulo: Paulinas, 1989.
- ELIADE, M . A história das crenças religiosas . Rio de Janeiro: Zahar, 1978, t. I.
- FARIA, Ernesto . Dicionário escolar latino-português . Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967.
- FLEURY, E. . Morphologie historique de langue grecque . Paris: J. De Gigord, 1947.
- GIORDANI, Mário Curtis . Os gregos: Antiguidade Clássica I . Petrópolis: Vozes, 1972.
- HAVELOCK, Eric A. . A revolução da escrita na Grécia: e suas consequências 223 culturais . São Paulo – UNESPE e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Rio de Janeiro – Paz e Terra, 1996.

HARRISSON, Jane Ellen. E. Themis: a study of the social origins of the greek religion . Cambridge: Cambridge University Press, 1912. HERÓDOTO (de Halicarnasso) . História . Brasília: EbooksBrasil, 2006.

HESÍODO . Os trabalhos e os dias . São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____ . Teogonia: a origem dos deuses . São Paulo: Iluminuras, 1996.

HIPÓCRATES (de Cós) . Da natureza do homem; Ares, águas e lugares e Preceitos . Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

HOMERO . A Ilíada . Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1978a.

_____ . A Odisseia . Rio de Janeiro: TecnoPrint, 1978b.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras . Os gregos e seu idioma . Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968, v. I.

IZIDRO-PEREIRA, S. J. . Dicionário Grego-Português e Português-Grego . Braga: Livraria Apóstolo da Imprensa, 1990.

JAEGER, Werner . Paideia: a formação do homem grego . São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____ . La teología de los primeros filósofos griegos . Ciudad del Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1952.

KIRK, G. S; RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. . Os filósofos pré-socráticos . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

KOYRÉ, Alexandre . Estudos da história do pensamento científico . Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LÉVÊQUE, Pièrre . A aventura grega . Rio de Janeiro; São Paulo e Belo Horizonte, Luso-espanhola e Brasileira, 1967.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana . Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MEILLET, A. . Dialectes indo-européens . Paris: Librairie Ancienne Édouard Champion, 1950.

_____ . Aperçu d'une histoire de la langue grecque . Paris: Librairie Hachette, 1930.

MONDOLFO, Rodolfo . O homem na cultura antiga: a compreensão do sujeito humano na cultura antiga . São Paulo: Mestre Jou, 1970. _____ . O infinito no pensamento da antiguidade clássica . São Paulo: Mestre Jou, 1968. 224

NIETZSCHE, Friedrich . O nascimento da tragédia: ou o helenismo e pessimismo . São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVA, Alberto & GUERREIRO, Mário . Pré-socráticos: a invenção da filosofia . Campinas: Papyrus, 2000.

PESSANHA, José Américo Motta . "Vida e obra de Aristóteles" In ARISTÓTELES . Tópicos e Dos argumentos sofísticos . São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 8-32.

POPPER, Karl Raimund . A lógica da pesquisa científica . São Paulo: Cultrix, 2007.

_____ . The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment . London and New York, Routledge, 2002a. _____ . O conhecimento e o problema corpo-mente . Lisboa: Edições 70, 2002b.

_____ . *Conjecturas y refutaciones: el desarrollo del conocimiento científico* . Mexico, Buenos Aires y Barcelona: Paidós, 1991. _____ . A lógica da investigação científica; Três concepções acerca do conhecimento humano; A sociedade aberta e seus inimigos . São Paulo: Abril Cultural, 1980.

_____ & ECCLES, J. The self and its brain: an argument for interactionism . New York: Routledge, 2006.

PLATÃO . Timeu e Crítias . Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

_____ . Eutífron; Apologia de Sócrates; Críton; Fédon . São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____ . A república . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- _____. Mênon; Banquete; Fedro . Rio de Janeiro: Ediouro, s/ da.
- PROVETTI JR., José . Da genealogia da História: Hélade arcaica e clássica nos séculos VIII-IV a. C. Umuarama: Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 2011a. Monografia apresentada como quesito de conclusão de curso de especialização lato sensu em História, Arte e Cultura. Circulação restrita.
- _____. A alma na Hélade: a origem da subjetividade ocidental . Umuarama: J.P.J., 2011b.
- _____. Da alma ao corpo cívico: Filosofia e Medicina entre Platão e Hipócrates . Cruzeiro do Oeste: Universidade Federal do Paraná – UFPR, 2011c. Monografia apresentada como quesito de conclusão do curso de especialização lato sensu em Saúde para professores dos Ensinos Fundamental e Médio. Circulação restrita.
- _____. “As sementes da evolução” in BARTAQUINI, Bruno Tripode . Leituras da História: Ciência&Vida . São Paulo: Escala, 2008, p. 27-33, Ano I, nº5.
- _____. O dualismo psyché-sôma em Platão . Campos dos Goytacazes: UENF, 2007. Dissertação apresentada como quesito de conclusão do curso de mestrado em 225 Cognição e Linguagem. Disponível através do sítio http://www.pgcl.uenf.br/pdf/COGNICAO_6587_1268069635.pdf.
- _____. A alma na Grécia: a origem do indivíduo no Ocidente . Rio de Janeiro: UERJ, 2000. Disponível através do sítio http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/A_Alma_na_Grecia.pdf
- REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario . História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média . São Paulo: Paulus, 2009, v. 1.
- _____. Para uma nova interpretação de Platão . São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. História da filosofia antiga . São Paulo: Loyola, 1993, v. I.
- SANTORO, Fernando . O poema de Parmênides: Da Natureza . Rio de Janeiro: Laboratório Ousia – UFRJ, 2008.
- SEGAL, Charles . “El espectador y el oyente” in VERNANT, Jean-Pierre (Org.) . El hombre griego . Madrid: Alianza, 1995, p. 211-246. SISSA, G. & DETIENNE, M. Os deuses gregos . São Paulo: Schwarcz, 1992.
- SCHRÖDINGER, Erwin . Nature and the greeks and Science and humanism . Cambridge: Syndicate of the University of Cambridge, 1996
- SNELL, Bruno . A descoberta do espírito . Lisboa – Edições 70 e Rio de Janeiro – Edições Lisboa Brasil, 1992.
- TAYLOR, W. Os micênios . Lisboa: Verbo, v. XXIII.
- VERNANT, Jean-Pierre . As origens do pensamento grego . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. Mito e pensamento entre os gregos . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____.; BOURGEOUD, Ph.; CAMBIANO, G. Et al . El hombre griego . Madrid: Alianza, 1995.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A poética clássica: os legados de Platão, Aristóteles e Horácio, numa perspectiva contemporânea e pessoal

Por: Paulo de Tarso Cabrini Júnior⁶²

ptcj23@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe a discussão dos legados de Platão, Aristóteles e Horácio para a arte ocidental, com especial atenção ao primeiro. Apresentaremos uma breve explicação das artes poéticas de cada um e faremos uma discussão que conclui pela exortação a uma recuperação do legado platônico, em nossos dias.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; Utopia.

Resumo

Ĉi tiu artikolo proponas la diskuto de Platono heredaĵo, Aristotelo kaj Horacio al okcidenta arto, kun speciala atento al la unua. Ni donu mallongan klarigon pri la poeziaj artoj de Ĉiu kaj fari argumenton kiu finas la admonon al reakiro de la platonaj heredaĵo hodiaŭ.

Ŝlosilvortoj: *Filozofio; literaturo; Utopio.*

Abstract

This article is meant to discuss the legacy of Plato, Aristotle and Horace to the Western art. In first place, we will present a brief explanation about the poetics of each author. Then, we will discuss each of them in a very personal way, ending with a firm exhortation to the public on the need of recovering the platonic legacy.

Key words: *Philosophy; Literature; Utopy.*

Segundo Anatol Rosenfeld, no clássico *O Romantismo*, de Jacob Guinsburg, a palavra “clássico” refere toda

⁶² É Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é Graduado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, é graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER e é Técnico em Processamento de Dados pelo Colégio Técnico Industrial Isaac Portal Roldán – UNESP – Baurú. É servidor público federal, docente de Letras da carreira do magistério superior, lotado na Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, é docente na Faculdade de Tecnologia de Baurú – FATEC, atua na Organização Aparecido Pimentel de Educação e Cultura. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Estudos sobre letramento em língua materna e estrangeira e letramento literário e na de Estudos de cultura, linguagens e suas manifestações. É Coordenador no Projeto de Pesquisa “A Literatura nas áreas tecnológicas” e no Projeto de Extensão “Dúvidas de Português”. É revisor do periódico “Boletim informativo da FATEC Baurú”. É autor de artigos científicos em periódicos especializados nacionais. É autor dos livros “Vivendo o golpe” (2016), “Estrada” (2012), “Os radicaes livres” (2011), “Camilo Pessanha e o Tao Te Ching” (2011) dentre outros.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a produção artística digna de ser ensinada nas “classes”, ou seja, nas escolas (GUINSBURG, 2002, p. 262).

Segundo essa perspectiva, autores clássicos seriam aqueles considerados modelares, dignos de serem imitados e estudados, e (num termo mais religioso), canônicos.

Em História, a palavra “clássico” refere certas épocas da Humanidade que foram consideradas, também, modelares, brilhantes, magníficas, por conta de algum feito, ou uma série de feitos que a tornaram positivamente relevante em termos éticos e/ou estéticos. Muitas vezes, essas épocas recebem o nome de Idade de Ouro.

Trataremos, neste artigo, da poética clássica ocidental, tratados de poesia considerados modelares, produzidos, também, em épocas consideradas modelares. Seriam, portanto, poéticas clássicas nos dois sentidos da palavra.

Mas, malgrado a importância e relevância de outros tratados, focalizaremos a atenção em três que consideramos os principais. Em primeiro lugar, falaremos a respeito de Platão, filósofo grego que viveu no século 5º antes de Cristo.

Discípulo de Sócrates, com quem conviveu, Platão elaborou toda a sua obra tendo como base os ensinamentos do mestre, e fez dele o personagem central de todos, ou quase todos os diálogos que compôs, sendo o mais famoso aquele que se intitula *A República*.

Seguindo as pegadas de seu mestre, Platão não se dedicou à construção de uma poética, ou, seja, de um *corpus* de ideias e conselhos específicos sobre a arte literária: suas opiniões a respeito do assunto estão dispersas em muitas obras, principalmente n´*A República*, e mormente no livro décimo dessa obra.

No que concerne à arte literária (e às artes, em geral), as ideias de Platão/Sócrates têm sido combatidas, ao longo dos tempos, por se mostrarem completamente avessas à livre-expressão do pensamento, e mais sensíveis à regulação da expressão artística, em prol da construção de um Estado social estável.

Por essa mesma razão, porém, elas têm obtido, ao longo do tempo, um grande respeito. Entendamos essa contradição.

Para Platão/Sócrates, a literatura, entendida como arte imitativa, deve respeitar, em primeiro (e único) lugar,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a Filosofia, arte de se procurar, por meio do diálogo racional, a Verdade última e absoluta. Somente obras escritas de acordo com essa Verdade poderiam contribuir efetivamente para a formação de cidadãos de bem, para a sociedade – fim último, almejado por toda sua filosofia.

A investigação da Verdade empreendida por Platão e por Sócrates se dá por meio da dialética, sistema pelo qual as nossas opiniões são discutidas em seus fundamentos, levando a uma depuração de preconceitos e erros, e permitindo o vislumbre da Verdade pura. Ao aplicar esse método em seus diálogos, Platão demonstra, em *A República*, que as artes imitativas de seu tempo (música, poesia, teatro e pintura) induziam a juventude e os leitores (ou ouvintes) a graves erros, introduzindo ritmos “laxos”, por exemplo, onde se fariam melhores os ritmos “enérgicos” ou “pacíficos”. Consentia-se que a sociedade fosse induzida à preguiça e ao efeminamento, por meio de ritmos “moles”. Do mesmo modo, ideias errôneas a respeito das divindades seriam introduzidas com grande eloquência, e ações indignas seriam disseminadas com grande poesia e suficiente arte retórica. A arte estaria, assim, sacrificando o bem-estar da sociedade, quando ela deveria ser sacrificada em prol do bem-estar, da saúde do organismo social.

As ideias de Platão/Sócrates adquiriram, portanto, grande respeito, pela responsabilidade que atribuíam às artes, consideradas na sua função social; mas, por isso, também, foram, e são muito combatidas, por darem margem à formulação de restrições à liberdade de criação e de expressão.

A utopia, construída em *A República*, é comentada pelos próprios personagens do livro: em vários pontos, Sócrates/Platão admitem a impossibilidade ou as grandes dificuldades de se implantar a República ideal. A fabricação de utopias, na literatura ocidental, terá, porém, larga voga, em todas as épocas. Platão está bem consciente de que mudanças profundas são difíceis de serem produzidas, mas, não impossíveis. Assim, um leitor de *A República* pode ficar fortemente atraído pela ideia de que a literatura e as artes, em geral, precisam da Filosofia, senão para a criação, pelo menos, para garantir a divulgação de obras concordantes com o Belo e o Bom filosóficos.

Que a criação de obras de arte seja livre, isso se depreende da leitura do livro; mas, a circulação, a divulgação, deveriam ser, segundo Platão/Sócrates, responsáveis, cuidadosas.

É importante notar que as obras que causariam instabilidade na República não deveriam ser consideradas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

todas errôneas, mas, apenas aquelas que mostrassem pendor de desviar os homens da Verdade. E, somente um Estado filosófico, dedicado à busca e à apreensão da Verdade, estaria em condições de medir, julgar, de censurar ou repelir as obras que claramente fossem desvirtuantes da sabedoria.

Ao longo da história, tivemos muitos estados guiados por razões superiores aos interesses mesquinhos de nossa espécie. Mas, desnecessário dizer, esses exemplos não são frequentes, e, muitas vezes, colocam-se até no plano mítico, tal como o reinado do imperador Yao, na China. Raramente, o Estado será visto como um ente que contempla universalmente o bem-estar da Humanidade. Assim, a liberdade de expressão se sobressai ao bem-estar moral, ético e estético da sociedade, e, em vista de uma falta de líderes esclarecidos pela dialética, como diriam Platão/Sócrates, muito longe de nós está uma regulação racional e sensata dos meios de comunicação e das manifestações artísticas e literárias. Estamos, portanto, mais ou menos longe da República idealizada por Platão, a depender do esclarecimento dos líderes que tomem as rédeas das nações e lhes proporcionem uma educação racional.

Apesar dessas dificuldades, o ideal platônico do “rei filósofo”, ou dos “governantes esclarecidos”, está longe de acabar, como influência e busca dos povos.

Mas, resumindo o legado de Platão (e de Sócrates) para a literatura, temos: 1) a filosofia, também chamada, indistintamente, de dialética, deve estar acima e à frente de todas as artes imitativas (ficcionalis); 2) a saúde moral-ética-estética de uma sociedade está acima de quaisquer outros interesses individuais, inclusive o interesse meramente egoísta da “liberdade de expressão”; 3) a literatura, assim como outras artes, tem uma responsabilidade social, pelas ideias que divulga, e a seriedade do trabalho dos artistas imitativos, portanto, é redobrada; 4) não há beleza que supere a Verdade, e, assim, seria preferível viver sem arte do que ser desviado do curso natural e saudável da Vida.

Desnecessário dizer que a influência de Platão sobre a literatura foi enorme, mas, necessário frisar que seus conselhos não encontraram tanta guarida quanto os de seu mais famoso aluno: Aristóteles.

Aluno de Platão na Academia, Aristóteles, porém, desenvolveu uma filosofia que diferiu em muitos pontos da de seu mestre.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Enquanto Platão se inclinava para a matemática, como ciência reguladora da filosofia, Aristóteles via na biologia um ponto de atração maior para desenvolver seus “sistemas orgânicos” de pensamento. Portanto, em termos gerais, o cálculo aplicado por Platão foi substituído pela observação do comportamento, empreendida por Aristóteles. Isso explica certa “isenção”, no pensamento deste último, onde antes havia a “decisão” platônica, baseada no pensamento dialético.

Aristóteles parece mais interessado em “como” as coisas funcionam do que em como elas “deveriam” funcionar. Esse é um dos motivos pelos quais Aristóteles é considerado geralmente como filósofo “realista”, ao passo que Platão é considerado um filósofo “idealista”, e isso de maneira pejorativa.

Sobre a poesia, ou, sobre as “artes imitativas verbais”, Aristóteles nos deixou uma *Arte Poética*, texto fragmentado em que analisa a composição das obras literárias de sua época, focalizando os três gêneros principais: a epopeia, a tragédia e a comédia. Muito influente após o século XV, quando foi largamente divulgado, o texto de Aristóteles estabelece uma conexão entre a forma e o conteúdo das obras literárias, esclarecendo que as epopeias se desenvolvem numa linguagem elevada, de tonalidades nobres, muito apropriada ao assunto guerreiro e antigo celebrado pela memória de todo um povo. As tragédias, por sua vez, desenvolver-se-iam também numa linguagem elevada, combinando com a nobreza do assunto. E as comédias se desenvolveriam numa linguagem baixa, apropriada ao riso e ao assunto tratado.

Mas, além de esclarecer seus leitores a respeito da adequação da linguagem à matéria (ou, conteúdo), Aristóteles explora, em sua *Poética*, a função terapêutica da arte imitativa: ao ver os personagens e heróis retratados, o leitor, ouvinte ou espectador tem uma experiência de espelhamento que lhe produz a *catharsis*, ou purgação das emoções, experiência do outro em si; com isso, maus sentimentos e más ações do auditório poderiam ser “purgadas” por meio da ação dos atores; além de postular essa função para a literatura, Aristóteles postula, também, uma origem comum para todas as artes imitativas (ficcionais): a própria Natureza, que faz dos homens seres desde a mais tenra idade afeitos à imitação.

Na sua *Arte Poética*, Aristóteles obedece ao pendor naturalista, investigando a organicidade das obras



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

literárias, vendo o que é apropriado a cada gênero, e fazendo notar quais seriam os defeitos a serem corrigidos antes de se lançar uma obra ao público. Mas, esses defeitos seriam de natureza formal, e não conceitual, como em Platão. Aristóteles não se preocupa com a prerrogativa de o escritor ser um filósofo, e admite, para os gêneros literários, um caráter muito livre do próprio autor, como se se tratasse de um organismo espontâneo da natureza. Tragédias, comédias e epopeias nasceriam, então, com todos seus possíveis defeitos filosóficos, apenas da necessidade imitativa do homem, e cumpririam, assim, sua função. A literatura seria um organismo independente de seus autores, que estariam isentos da moral veiculada, e apenas vinculados à imitação fiel do modelo natural.

Mais tarde, o poeta latino Quintus Horatius Flaccus, conhecido entre nós como Horácio (séc. I a. C.), dirigiu uma carta à família dos Pisões, conhecida, também, como *Arte Poética*, ou simplesmente *Epístola aos Pisões*.

Divulgada também a partir do século XV, época em que abundaram as traduções e os estudos sobre a Antiguidade greco-latina, a *Arte Poética* de Horácio repete muitas das ideias colocadas por Aristóteles, tais como a organicidade necessária às obras literárias (sem a qual não há unidade, adequação e pertinência, por exemplo), e outras ideias que muito lembram os ensinamentos platônicos, tais como a semelhança entre a literatura de ficção e a pintura, ambas “artes imitativas” que procuram reproduzir o mundo, retratar as coisas sensíveis.

No entanto, apesar da bela meditação sobre o cuidado prévio na construção das obras, que deviam sim ser “orgânicas”, a marca distintiva de Horácio como produtor de uma arte poética é a insistência com que marca a necessidade de trabalho nas composições literárias. São suas, principalmente, as imagens muito frequentes, em nossa cultura, do escritor como “ourives”, “ferreiro”, “escultor”, “de cinzel na mão”.

A influência de Horácio sobre os escritores posteriores foi imensa, assim como a influência de Aristóteles, de tal modo que podemos facilmente falar de uma influência aristotélico-horaciana sobre a literatura produzida na Europa e nas Américas dos séculos XV e posteriores.

Mas, chega o momento de retomarmos os nossos autores, a fim de sistematizar o assunto exposto.

Nosso objetivo era o de expor as ideias principais de cada um a respeito da literatura, e assim determinar uma linha sucessória que, apesar de existir, nunca foi bem explicitada em nenhum estudo de literatura.



Quando vimos Platão, tivemos o ensejo de pensar no valor dado à filosofia, em nossos tempos, e em todos os tempos: qual a filosofia que ampara nossas vidas? Qual a filosofia por trás da busca de “crescimento econômico”? Qual o papel da arte? Qual a filosofia que ampara a arte, em nosso tempo? Qual a validade de uma regulação das artes, num ambiente não dominado pela virtude? Em que medida temos a necessidade de elevar as virtudes como governantes de nossas vidas?

Inevitavelmente, Platão nos leva a lembrar de outro filósofo quase seu contemporâneo, mas que viveu em outra parte do mundo: Confúcio, filósofo chinês que ensinava: as virtudes praticadas pelos governantes emanavam ao povo, regulando, por si mesmas, os costumes e as artes praticados pelas pessoas. A filosofia estaria, então, na própria constituição do Estado, e os melhores homens seriam os dirigentes da nação. No entanto, é preciso lembrar e frisar que por “filosofia” entendiam algo muito específico, e não seria qualquer sistema filosófico digno desse nome; apenas os que conduzem os homens ao Bem e à Verdade supremos.

Evidentemente essa visão de um Estado emanante de virtudes pode se confundir com meramente um Estado teocrático, já que as virtudes exemplificadas por personagens religiosos são identificadas, no mais das vezes, com certas práticas e manifestações superficiais de adesão. Em outras palavras: o fato de um Estado se identificar com uma religião (que é algo, necessariamente, virtuoso) não faz dele automaticamente um emanante de virtudes, mas frequentemente um simulacro delas. Para ser efetiva, a transformação da sociedade em virtuosa depende de uma firme vontade governamental em sê-lo sem simulacros, o que tem se provado impraticável, desde os tempos de Platão e Confúcio. Permanece como necessidade, no entanto.

Uma cultura degenerada dos Bens universalmente reconhecidos pode atribuir seu descaminho a um governo degenerado. Mas, isso não é suficiente para esquecer a responsabilidade individual pela escolha entre o Bem e a desvirtuação. Ainda assim, ainda que o indivíduo seja responsável por sua aderência às Virtudes, é necessário considerar o peso de governantes corruptores no ambiente espiritual em que o indivíduo está envolvido. Mais independente deste ambiente, o sujeito pode viver de acordo com suas aspirações mais nobres. Conseguir essa independência tem sido tarefa reiteradamente aconselhada por muitos mestres do caminho espiritual e terreno. Mas,

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

inocentemente, muitas pessoas recebem a carga de pensamentos afeitos à grosseria, e podem desejar o governo virtuoso.

Dentre todos, os melhores deveriam governar, e ao fazê-lo exerceriam a sua influência sobre os outros. Mas, como escolhê-los?

Falta-nos recordarmos dos grandes mestres, aqueles que ensinaram o caminho da virtude. Assim, temos um parâmetro seguro.

É de fato muito tentadora a ideia de considerar as artes como reflexo do governo. Mas, ao contrário de Platão, Aristóteles considera a arte como algo de inteira responsabilidade dos artistas, que não seriam filósofos, necessariamente. Como indivíduos, os artistas seriam responsáveis apenas pela circulação de *pathos* na sociedade. Sua responsabilidade, em relação à filosofia, seria nula. Aristóteles, assim, contribui para a criação de um espírito de destacamento do indivíduo em relação a corpos sociais maiores. Diminui a sua responsabilidade social. Sendo menos comprometido com a filosofia tal como Platão a entendia, Aristóteles servia mais a um instrumental prático e técnico, isento de metafísica, apesar de ter escrito um livro com esse nome.

O grande problema está em que a sociedade ocidental combinou o cristianismo a religiões e filosofias anteriores, para criar sua mundivisão, e se há um filósofo que combina com os ideais cristãos é Platão, ao invés de Aristóteles, largamente utilizado por São Tomás de Aquino para estabelecer o elo entre o cristianismo e a Antiguidade greco-latina. Se a intenção foi a de inaugurar um governo virtuoso pela adesão à cristandade, Aristóteles parecia o menos adequado dos filósofos para concebê-lo, por sua falta de transcendência.

E, como a arte ocidental se pautou basicamente pela dupla Aristóteles/Horácio, vemos que ela se tornou individualista e descompromissada, ao invés de universal e responsável, pois não há, em Aristóteles, nenhum ensejo de vincular as artes a uma prática e ao conhecimento das virtudes humanas. Essa necessidade, esse vínculo, aparece muito sutilmente na *Arte Poética*, já que fica subentendido que os artistas devem conhecer profundamente a Humanidade. Esse mesmo esforço de conhecimento é sugerido pela leitura da *Epístola aos Pisões*, de Horácio. Mas, somente em Platão o problema é colocado de forma clara.



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Portanto, reler Platão é uma boa oportunidade de lembrarmos o papel das virtudes e da filosofia como parâmetro dos julgamentos e das escolhas. A crítica precisa se libertar de sugestões desvirtuantes e se lembrar do eterno.

Referências

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo : Cultrix, 2005.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo : Edipro, 2012.
- CONFÚCIO. **Os Analectos**. Porto Alegre : LP&M, 2007.
- GUINSBURG, J. **O Romantismo**. São Paulo : Perspectiva, 2002.
- HORÁCIO. **Epístola aos Pisões**. Lisboa : Simão Thaddeo Ferreira, 1794.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo : Atena, Coleção Biblioteca Clássica, 1959.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O sentimento de inferioridade e o ciúme presentes no Mouro Otelo, de William Shakespeare

Por: Beatrice Uber⁶³

&

Josiane Jabovski Smirdele⁶⁴

josianesmiderle15@hotmail.com

Resumo

A tragédia *Otelo* (1993 [1604]), escrita pelo dramaturgo William Shakespeare, apresenta o general mouro Otelo, que assassina sua esposa por acreditar em sua suposta traição com seu tenente. A presente pesquisa objetiva comparar as características das personagens Otelo e Cássio para apontar elementos que sustentem a tese de que Otelo, impulsionado pelo forte ciúme, tenha desenvolvido um sentimento ou complexo de inferioridade, a partir do reconhecimento das diferenças existentes entre ele e seu adversário. Mesmo procurando esconder-se atrás de uma máscara de superioridade, de bom e valente guerreiro, Otelo admite ser inferior por não possuir traços atraentes às mulheres jovens de Veneza. A base teórica deste estudo é composta por autores como Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) e Polidorio (2013).

Palavras-Chave: Mouro; Cássio; Complexo de inferioridade.

Resumo

La tragedio Otelo (1993 [1604]), verkita de dramisto William Shakespeare, prezentis la maŭra ĝenerala Othello, kiuj murdoj edzinon kredi en liaj supozitaj perfido kun sia leŭtenanto. Tiu esplorado celas kompari la karakterizaĵoj de Othello kaj Cassio karakteroj atentigi elementoj por subteni la teorion ke Otelo, pelitaj de fortaj ĵaluzo, evoluigis senton aŭ kompleksa de inferioridad, de la rekono de la diferencoj inter li kaj lia kontraŭulo. Eĉ serĉante kaŝi malantaŭ masko de supereco, bonaj kaj brava batalanto, Othello koncedis esti malsuperan por ne havi allogan trajtoj junulinoj de Venecio. La teoria bazo de Ĉi tiu studo estas formita de aŭtoroj kiel Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) kaj Polidorio (2013).

Ŝlosilvortoj: Maŭra; Cassius; kompleksa de malsupereco.

Abstract

The tragedy Othello (1993 [1604], written by the playwright William Shakespeare, presents the moor general Othello who

⁶³ É mestrande em Letras, Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Língua Inglesa: estudos linguísticos e literários pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – FAG e Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

⁶⁴ É Graduada em Letras Português-Ingês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

murders his wife for believing in her alleged betrayal with his lieutenant Cassio. The present research aims at comparing the traits of the characters Othello and Cassio, in order to point elements that support the thesis that Othello, driven by strong jealousy, has developed a feeling or complex of inferiority, from the moment he recognizes the differences between him and his opponent. Even seeking to hide himself behind the mask of superiority, of a good and courageous warrior, Othello admits being inferior for not having attractive traits to the Venetian young women. Authors such as Adler (1967), Mohana (2002), Nuttin (1967) and Polidoro (2013) compose the theoretical framework of this study.

Keywords: Moor; Cassio; Complex of inferiority.

Introdução

A tragédia *Otelo*, de William Shakespeare, escrita por volta de 1604, foi representada no palácio de *Whitehall* para o Rei Jaime I e publicada no ano de 1622. A obra retrata a história do mouro Otelo, um grande general que se casa secretamente com Desdêmona, mulher de casta diferente: branca, erudita, veneziana e educada, filha de Brabâncio, um rico senador de Veneza.

O conflito surge quando Iago, alferes e amigo muito estimado de Otelo, resolve se vingar do mouro por este não o ter promovido a tenente. O plano consiste em provocar ciúmes no mouro, apresentando-lhe indícios de que Cássio, atual tenente, se envolvera com sua esposa. Iago rouba o lenço que Otelo presenteara Desdêmona e o deixa entre os pertences de Cássio, no intuito de suscitar raiva e desconfiança em Otelo com relação ao caráter e ao comportamento de Desdêmona.

Iago também manipula Cássio, a fim de levá-lo a perder sua honra. Sem perceber, Cássio age conforme o planejado e recorre várias vezes à ajuda de Desdêmona, para que ela intervenha a seu favor nas conversas com Otelo. Assim, as atitudes de Cássio, somadas à descoberta do lenço apresentado por Iago, são interpretadas pelo mouro como evidências de traição. Otelo acredita que sua amada o traiu e então a asfixia.

Emília, esposa de Iago e dama de companhia de Desdêmona, lamenta o triste fim de uma mulher de honra como sua senhora e conta a Otelo todo o plano edificado por seu marido. Este, enraivecido, mata a própria esposa e foge, mas é capturado em seguida. Otelo, desesperado e cheio de remorso, apunhala seu próprio corpo e morre, beijando sua esposa falecida. Ao final, Cássio ocupa a posição de Otelo como general.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Cada um dos personagens apresentados cumpre um papel importante no desenrolar da trama ao ser responsável por sentimentos e ações que culminam no desfecho da história. Segundo Antonio Candido (2007), no teatro, as personagens constituem praticamente a totalidade da obra, sendo “[...] basicamente uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade” (CANDIDO, 2007, p. 78).

Neste artigo, tomam-se para análise as características das personagens Otelo e Cássio, com o fim de investigar os sentimentos que Otelo teria desenvolvido ao comparar-se com seu tenente.

O sentimento de inferioridade e o ciúme em Otelo: uma proposta de análise

O estudo das personagens Otelo e Cássio possibilita perceber nelas características opostas. Diferenças como a cor da pele e a cultura podem ter contribuído para aumentar os sentimentos de raiva e ciúme em Otelo, bem como tê-lo levado ao sentimento de inferioridade a partir da comparação com as qualidades de seu subordinado.

Otelo é descrito na peça como um mouro, negro, de pouca escolaridade e de mais idade que Cássio. O general se define como descendente de linhagem real, consciente de seus méritos e de seu *status* em Veneza. Por conta de seu cargo e de sua competência de nobre, era considerado um homem honrado e um destemido guerreiro. O reconhecimento de suas qualidades é evidenciado na peça quando Otelo, após se casar em segredo com Desdêmona, enfrenta o sogro, dizendo: “Quero que me encontrem. Minha dignidade, minha estirpe e minha consciência íntegra me mostrarão exatamente como sou” (SHAKESPEARE, 1993, p. 338).

Do ponto de vista de Iago, Otelo é vaidoso pelos seus feitos bélicos e orgulhoso de suas capacidades manuais, características que seriam, de acordo com Iago, próprias de uma pessoa que sente prazer em se exhibir e agir conforme seus interesses.

Assim, o mouro se apresenta como um homem inteligente nas artes bélicas, mas pouco perceptivo para descobrir as armadilhas de Iago, já que acredita cegamente nas supostas provas de adultério que ele lhe mostra. Otelo demonstra ser altamente influenciável e fraco emocionalmente ao ser capaz de colocar toda a sua confiança em um amigo, e não em sua própria esposa. A alma do mouro se torna inquieta, e ele se sente obrigado a resolver a questão



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do suposto adultério para agir com justiça e limpar sua imagem perante a sociedade.

O impasse vivido pela personagem aprisionada pelo ciúme doentio e as consequentes ações levadas a efeito para solucioná-lo vem ao encontro do que afirma Alfred Adler (1967), segundo o qual “[...] a alma humana não pode proceder como um agente livre, porque constantemente se vê ante a necessidade de resolver problemas que lhe surgem de todos os lados e lhe determinam a diretriz de sua atividade” (ADLER, 1967, p. 36).

Outro aspecto caracterizador de Otelo é sua inaptidão com as palavras. O mouro admite não dominar as artes do bem falar por não ter recebido tal educação quando criança. Ele fôra criado para batalhas, e não para proferir belos discursos. Ele reconhece tal incapacidade em uma de suas conversas com Brabânçio:

Rude sou em minhas palavras, e pouco dotado com o doce linguajar da paz, pois, desde que estes braços tiveram a seiva dos sete anos, salvo durante estas nove luas de inação, encontraram sempre seus mais caros exercícios nos campos cobertos de tendas. E mal posso falar deste grande mundo, a não ser o que refira aos fatos de guerra e de batalha. Portanto, pouco embelezarei minha causa falando de mim mesmo. Todavia, com vossa graciosa autorização, eu vos contarei sem cerimônia e sem pintura, a história inteira de meu amor [...] (SHAKESPEARE, 1993, p. 344).

Seu discurso é simples e sem rodeios, pois ele não objetiva adoçar ou embelezar sua linguagem como faria um pintor com sua obra-de-arte. O mouro explica na peça que o conteúdo de suas falas só pode versar sobre guerras e batalhas, haja vista ter realizado trabalhos árduos desde os sete anos de idade. Porém, seu modo de falar demonstra polidez e respeito para com o outro, como no ato em que pede permissão para contar a história de seu amor.

Analisando as ações da personagem, percebe-se que Otelo age muito mais pela emoção do que pela razão. Ele se deixa conduzir pelos impulsos da paixão ao casar-se com uma moça sem o consentimento de seu pai e pelos impulsos do ciúme, do ódio e da vingança ao estrangular sua esposa indefesa. A personagem tende a agir com hostilidade quando é contrariada, mas isso ocorre devido à sua forma de criação: o mouro não fôra educado nos livros, mas nas batalhas, como ele mesmo afirma. Supõe-se, assim, que ele tenha recebido uma educação que prezava pela honra e pela honestidade, mas que era intolerável a traições, o que justificaria suas atitudes, já que seu estilo de guerreiro o levava a buscar na luta a resolução de seus problemas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste estudo, a fim de compreender aspectos do caráter da personagem Otelo, apresenta-se as considerações de Adler (1967), segundo o qual o caráter é resultado da forma como o indivíduo enfrenta a realidade.

Nas palavras do autor,

[...] não é possível falar em traço de caráter sem considerarmos as relações de um indivíduo com o seu ambiente. [...] O caráter é uma atitude psíquica resultante do modo por que o indivíduo se defronta com o meio onde exerce a sua atividade. É o padrão de procedimento que condiciona, dentro do senso de sociabilidade do indivíduo, a sua luta para adquirir consideração e domínio social (ADLER, 1967, p. 149).

Em suas relações sociais, Otelo assume uma postura de homem honesto, comprometido e justo. Supõe-se que seu intuito seja se afirmar na sociedade, conquistar a consideração e o respeito por suas qualidades, suas atitudes e seu caráter irrepreensível. Assim, a visão que se pode construir da personagem Otelo é de um homem corajoso e honrado, embora pouco instruído e altamente movido por suas paixões.

Estabelecendo-se um paralelo entre as características de Otelo e de Cássio, encontram-se indícios para sustentar a hipótese de que haveria um sentimento de inferioridade em Otelo. Cássio é um homem fino, inteligente, de cor branca e romano, que possui a habilidade de se expressar eloquentemente e ornamentar seu discurso, visto que é um sujeito letrado e educado segundo a cultura dos brancos. Porém, não dispõe de conhecimentos sobre práticas de guerra, como se constata a partir das falas de Iago:

E quem será ele? Por minha fé, um grande matemático, um tal Miguel Cássio, florentino, rapaz prestes a condenar-se por uma bonita mulher, que nunca fez um esquadrão manobrar no terreno, que conhece tanto a disposição de uma batalha quanto uma fiandeira, a não ser a teoria livresca que qualquer cônsul togado pode explicar tão magistralmente quanto ele. Mero linguajar infantil sem prática, é tudo o que possui de militarismo! Mas, ele, rapaz, foi o escolhido (SHAKESPEARE, 1993, p. 331-332).

Em outra cena, a personagem Cássio descreve com esmero a mulher de Otelo, Desdêmona, com as seguintes palavras: “[...] uma donzela que supera qualquer descrição e alta fama; uma jovem que excede os conceitos das penas brilhantes e que, pelas galas essenciais de sua natureza, cansa a imaginação do artista” (SHAKESPEARE, 1993, p. 355).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Adiante, em conversa com Iago, que o induz a concordar com ele sobre as qualidades de Desdêmona, Cássio lança mão de adjetivos e aumentativos para traçar o perfil da mulher de Otelo, expressando sua opinião e admiração pelos atrativos físicos da moça:

Cássio – É uma das damas mais deliciosas que já vi.

Iago – E, posso garantir, cheia de prendas para a coisa.

Cássio – É verdade: uma criatura deliciosa e delicadíssima.

Iago – Que olhar tem! Parece-me soar uma chamada para a provocação.

Cássio – Um olhar convidativo e, ao mesmo tempo, parecendo-me modesto.

Iago – E quando fala, não é um alarma para o amor?

Cássio – Para dizer a verdade, é a perfeição em pessoa (SHAKESPEARE, 1993, p. 365).

Cássio se revela também um homem comprometido com sua função, reputação e imagem pública. Ele tem consciência de suas responsabilidades, por isso quando Iago o convida a beber responde: “Hoje de noite, não, bom Iago; estou com um cérebro muito pobre e infeliz para bebidas. Bem gostaria que a cortesia inventasse algum outro modo de diversão” (SHAKESPEARE, 1993, p. 365). Porém, como Iago continua insistindo, ele cede à tentação e age conforme deseja o alferes. Cássio se deixa levar por palavras, embora tenha bons princípios e conheça as regras de comportamento.

Nesse ponto, percebem-se semelhanças entre Otelo e Cássio: ambos são preocupados com sua imagem e honra, mas também são influenciáveis e ingênuos. Cássio tenta a todo custo se redimir da culpa de ter se embebedado e brigado com Rodrigo, bem como por ter caído nas armadilhas de Iago. Do mesmo modo, Otelo destitui Cássio do cargo, não volta atrás de sua decisão e acredita nas palavras proferidas e nas evidências apontadas por Iago.

Apesar das semelhanças, as diferenças físicas e sociais entre Otelo e Cássio se destacam mais na peça. Cássio é descrito por Iago como um

[...] patife intrigante e subtil, um oportunista! Um falsário que pode exteriormente imitar todas as qualidades, sem jamais apresentar uma qualidade que seja! Um canalha diabólico! Além disto, o patife é simpático, jovem e possui todos aqueles requisitos que pode desejar a loucura de uma verde imaginação! (SHAKESPEARE, 1993, p. 362).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em Otelo, faltam amorosidade na fisionomia, simpatia e gestos educados. Por isso, segundo Iago, Desdêmona poderia se enojar do mouro e partir para uma segunda opção, como é o caso de Cássio.

Observando o retrato das duas personagens pela perspectiva de Iago, compreende-se que Otelo não tem as qualidades que as mulheres normalmente procurariam em um homem, portanto, Cássio estaria em vantagem nesse ponto.

Ao se comparar com suposto adversário, Otelo pode ter se sentido inferior a Cássio diante da possibilidade de ter sido substituído por alguém mais jovem, encantador e eloquente. O reconhecimento desse *status* de inferioridade se justifica pelo fato de Otelo ter sentido ciúmes de sua esposa quando acredita no suposto adultério cometido por Desdêmona e Cássio. Como consequência desse fato, tem-se a morte de Desdêmona, a vingança de Otelo para com sua esposa.

Segundo Alir Sanagiotto (2006), há uma ligação entre inferioridade e ciúme:

O marido é ciumento porque, olhando para os homens, considera-os mais bonitos, capacitados e atraentes que ele, então sente ciúme pela possibilidade de perder a mulher para eles. Inconscientemente, devido a seu complexo de inferioridade, conclui que, se a mulher tiver de escolher entre ele e os outros, ele sobrará. [...] O ciúme não é consequência do amor, mas de um sentimento de inferioridade, de não se amar e de não gostar de si mesmo (SANAGIOTTO, 2006, p. 66).

Polidorio (2013) compartilha dessa visão ao destacar que o ciúme excessivo só acontece quando o indivíduo se sente inferior àquele que lhe provoca tal sentimento. O autor aponta que Otelo não se torna bem-sucedido no final da peça devido ao fato de que suas qualidades são relativas apenas a um bom lutador, e não a um cavalheiro.

Segundo Polidorio (2013),

[...] o ciúme excessivo somente é possível se o unirmos ao complexo de inferioridade sentido por *Otelo* e alimentado por *Brabância* já no início da peça. Afinal, como sentir tanto ciúme de alguém que parece ser inferior a ele? A necessidade de termos um *Otelo* que trazia somente atributos de um guerreiro, e não de um cavalheiro, foi essencial para a sua derrocada (POLIDORIO, 2013, p. 229).

Denota-se que Otelo, ao perceber suas diferenças, tenha se desvalorizado e subestimado. Tal pode ser o



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

resultado da consideração de alguns fatores como cor de pele e origem: sua cor negra destoava da cor branca, dominante naquela sociedade; e sua origem moura era diferente da origem das pessoas ao seu redor.

No ambiente em que se encontra, Otelo sofre preconceito por sua cor e origem, o que se confirma em várias passagens da peça em que são associados aspectos ruins à sua figura. Em conversa com Brabâncio, Iago se refere a Otelo como “[...] velho bode negro” (SHAKESPEARE, 1993, p. 334) e Rodrigo informa que Desdêmona foi transportada para os “[...] abraços de um Mouro lascivo [e] tornou-se culpada de grave falta, sacrificando seu dever, sua beleza, seu engenho e sua fortuna a um estrangeiro vagabundo e nômade, sem pátria e sem lar” (SHAKESPEARE, 1993, p. 335).

Brabâncio, inconformado com a perda da filha para Otelo, pronuncia palavras de ódio contra o mouro, revelando sua opinião sobre pessoas de cor negra:

Infernal como és, sem dúvida a encantaste com efeito, apelo para toda criatura de senso; se não estivesse ela encadeada em correntes de magia, será que uma donzela tão terna, tão bela, tão feliz, tão contrária ao casamento que rejeitava os apaixonados mais suntuosos e mais bem frisados do país, teria, algum dia, com risco de ser objeto do desprezo geral, fugido da tutela paterna para ir refugiar-se no seio denegrado de um ser como tu, feito para inspirar medo e não deleite? Que o mundo seja minha testemunha, se não é de toda a evidência que agiste sobre ela com feitiços odiosos, que abusaste de sua delicada juventude por meio de drogas ou de minerais que debilitam a sensibilidade (SHAKESPEARE, 1993, p. 340).

A partir dessas falas, interpreta-se que as imagens construídas sobre o mouro são de um animal velho, com grande apetite sexual, um ser que causa medo, um nômade vagabundo e um feiticeiro oportunista. Na visão de Brabâncio, está contra as leis da natureza uma moça nova como Desdêmona, de reputação e beleza, se apaixonar por um ser como Otelo. Evidencia-se aí a discriminação contra o negro, pelo fato de ser inadmissível uma pessoa com essa cor de pele pertencer a uma família de pele branca.

Até saber dessa relação amorosa, a convivência com o negro foi pacífica, pois Brabâncio demonstrou grande apreço pelo mouro enquanto eram amigos. Mas a integração de um negro à família não seria possível, já que, na perspectiva de Brabâncio, não era lógico uma moça veneziana sentir-se atraída por alguém com traços e cultura tão distintos dos seus.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Logo no início da peça, o mouro Otelo dá pistas de que se sente seguro de si e do amor de Desdêmona por ele. Após comentar as virtudes de sua amada, embora reconheça que seus méritos sejam fracos, ele assegura que não permitirá que se derivem destes qualquer medo ou dúvida a partir das revoltas de sua mulher.

Iago se aproveita da situação para plantar a semente do ciúme e manifesta seu receio quanto a Desdêmona, pois ela poderia comparar as formas de Otelo com as formas de sua pátria e, assim, chegar ao arrependimento por ter se casado com o mouro.

Após ouvir as palavras de seu conselheiro, Otelo se torna inquieto e inseguro: “Talvez porque seja negro e não tenha na conversação as formas flexíveis dos intrigantes, ou, então, porque esteja descendo o vale dos anos (embora nem tanto assim) [...]” (SHAKESPEARE, 1993, p. 388). Nessa fala, Otelo pode estar se comparando com outros homens, mas de forma especial com Cássio, personagem que apresenta atributos distintos dos seus. Nesse ponto, é possível que Otelo esteja experimentando um sentimento ou até um complexo de inferioridade.

Sobre esse tema, entende-se complexo como um aglomerado de elementos psicológicos (MOHANA, 2002). Quando esse conjunto provoca uma sensação evidente de inferioridade, contra a qual a pessoa é impelida a reagir de diversas formas, esse fenômeno se chama complexo de inferioridade.

De acordo com Glauber Novaes (2010), o termo complexo de inferioridade foi criado por Alfred Adler, psicólogo, psicanalista e psiquiatra, para designar o estado neurótico que tem, por fundamento, o sentimento de insuficiência, ou seja, a incapacidade para enfrentar seus problemas. Segundo esse autor, o complexo de inferioridade convence o ser humano de que ele é menos importante, não tem valor, nem capacidade, e não é amado. Conforme explica Adler (1967), “[...] os seres humanos são meios muito apropriados para o desenvolvimento de todas as espécies de complexos de inferioridade” (ADLER, 1967, p. 153).

Mohana (2002) ressalta que esse complexo é formado por três elementos. O primeiro se refere à sensação de inferioridade, que pode ser tanto real e verificável como irreal. Contudo, nesses casos, ela se torna real para a pessoa que se sente inferior, afetando-a, influenciando em sua conduta e repercutindo em seu psiquismo. Assim, mesmo que a pessoa não seja, ela se considera como tal e essa sensação interfere em muitas de suas atitudes. O segundo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seria a recusa, que ocorre quando a pessoa não se resigna a admitir sua inferioridade. Apesar de sentir que sua constituição é grosseira, a pessoa procura não aceitar essa evidência, mas, sim, lutar para ocultá-la, até de si mesma. Nesse ponto surge o que se denomina por máscara, o terceiro elemento do complexo de inferioridade.

Mohana (2002) assevera que tais elementos surgem no inconsciente do ser humano, mais especificamente, na área de impulso de autoafirmação, devido ao qual a recusa pode se manifestar. Tal fato acontece quando a inferioridade o atinge e o leva a ativar a rejeição. De modo semelhante, esse impulso tenta esconder o que lhe aflige, o que resulta no surgimento da máscara. Por essas razões, Mohana (2002) assevera que o complexo de inferioridade é uma doença do impulso de autoafirmação e complementa que o tipo racial visado por preconceitos, a feiura flagrante e o baixo quociente intelectual são alguns dos fatores que podem desencadear esse complexo.

Na visão de Mohana (2002), complexo é diferente de sentimento de inferioridade porque tal sentimento não é um processo profundo, mas superficial e reconhecível, que atua no sistema psíquico consciente. A pessoa conhece esse sentimento e coordena as reações que ele provoca, o que se configura como um processo sem consequências sérias. Contudo, é possível ao complexado sentir sua área de inferioridade.

Esse mesmo autor diferencia ainda o recalque de complexo de inferioridade. Apesar de surgir da inferioridade ou conduzir a ela, o recalque não é o mesmo que complexo de inferioridade, pois no recalque há somente recusa, enquanto no complexo há também máscara, responsável por encobrir a inferioridade da pessoa. Por isso, o recalcado não é complexado, mas todo complexado é recalcado, já que existe recusa nesse caso.

A inferioridade do complexado pode ser evidenciada em atitudes superiores e distanciadas, situação esta que consiste em refugiar-se no complexo de superioridade como máscara para o complexo de inferioridade, assevera Mohana (2002).

Nuttin (1967), em estudo sobre as teorias de Adler, também aponta esse refúgio na superioridade quando aborda a tendência de se fazer valer, indicando a possibilidade de desenvolvimento, já na infância, do sentimento de inferioridade. Quando sente sua dependência em relação aos pais, a criança atrela sua incapacidade à sua inferioridade diante do adulto superior. A partir dessa situação, pode surgir um impulso para a superioridade no qual a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

criança se vê diante de duas alternativas: manter sua individualidade ou se sufocar entre os indivíduos superiores. Conforme Nuttin (1967), “[...] sob a influência do sentimento de inferioridade, a necessidade fundamental, que é a *conservação de si mesmo*, converte-se e se transforma num impulso a *fazer-se valer*; uma ‘vontade de poder’” (NUTTIN, 1967, p. 382-283, grifos do autor). Assim, de acordo com as palavras do autor, a criança deseja ser superior por ser inferior e procura uma compensação para tal sentimento de inferioridade.

Nuttin (1967) explica que a impulsão para a compensação é reforçada gradualmente à medida que

[...] o sentimento originário de inferioridade, sob a influência de algum acontecimento desse gênero, se desenvolve em formas inconscientes de um complexo de inferioridade. Pois, por todos os modos, a pessoa que se sente “inferior” procura compensar esse sentimento. Tal é a lei fundamental da conservação de si mesmo no plano psíquico (NUTTIN, 1967, p. 388).

Após cada fracasso, o sentimento de inferioridade na pessoa aumenta, bem como sua necessidade de compensações, relata Nuttin (1967). À medida que cresce o sentimento de inferioridade, se eleva a necessidade de realizar feitos extraordinários com o intuito de se fazer valer para si mesmo.

Baseando-se nas teorias já elencadas para análise do personagem Otelo, reconhecem-se no mouro características próximas às encontradas no complexo de inferioridade. Ele expõe suas grandes realizações ocorridas na guerra, das quais sente orgulho. Nessa cena, possivelmente Otelo esteja mascarando sua inferioridade por meio de seus feitos extraordinários, pois, dessa maneira, ele recusa sua inferioridade, escondendo-a de todos e de si, e compensa-se para fazer valer a sua pessoa. Portanto, o mouro não revela aos outros que se sente inferior devido à sua falta de cultura e inabilidade retórica, mas deixa transparecer uma imagem de homem superior, valente e forte.

A posição assumida por Otelo na sociedade é de um empregado de Veneza, cujo valor só existe em consequência do que ele pode oferecer de vantagem aos governadores. Além disso, o mouro faz parte de uma casta desprestigiada, não externa beleza física e apresenta baixo quociente intelectual, fatores passíveis de desencadear um complexo de inferioridade.

À medida que a inferioridade parece se tornar evidente, Otelo procura esconder sua aflição inclusive da esposa Desdêmona. Quando ela lhe pergunta por que fala com voz tão débil, o mouro mente ser apenas uma dor de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cabeça, embora esteja sofrendo com o ciúme.

Pela observação dos comportamentos de Otelo, pressupõe-se que os efeitos do sentimento ou complexo de inferioridade transparecem nas ações do mouro, que se torna mais agressivo e não teme maltratar a mulher em público por causa de seu ciúme. Esse estado emocional, conforme explica Fromm (1981), é uma frustração que leva a pessoa à agressão e à hostilidade. Assim, essa situação se apresenta como mais um indício da existência de um sentimento de inferioridade em Otelo, cujo amor excessivo pela esposa pode ter se transformado em doença.

O sofrimento de Otelo é acentuado pelas palavras de Iago sobre o possível colóquio amoroso entre Desdêmona e Cássio. Quando Iago sugere ao amigo Otelo que seja cauteloso com o ciúme, ele não acredita que tal sentimento possa ocorrer. No entanto, a personagem afirma que gostaria de ter uma prova e declara: “Preciso ver antes de duvidar. Quando eu duvidar, precisarei de provas. E, uma vez fornecida a prova, não há nada além disto: o fim do amor e do ciúme” (SHAKESPEARE, 2012, p. 87).

Há na tragédia outro momento de ciúme quando Iago relata que, certa noite, Cássio não dormia bem por causa de uma dor de dente e repete as palavras de Cássio para o mouro: “Suave Desdêmona, sejamos prudentes! Disfarçemos nosso amor!” (SHAKESPEARE, 1993, p. 392). Otelo acredita cegamente em tudo que Iago lhe diz e afirma: “Embora seja um sonho, é um indício nefasto” (SHAKESPEARE, 1993, p. 393). Dessa forma, Iago deixa Otelo em dúvida, especialmente depois de alertá-lo de que Desdêmona, tendo traído seu próprio pai, também poderia trair seu esposo.

Otelo, sentindo-se traído, mesmo sendo um general de grande honra, se sente rebaixado e inferior. O mouro considera Desdêmona um caso perdido e, num momento de raiva, afirma: “Fui enganado e meu único consolo deve ser desprezá-la. Oh! maldição do casamento...” (SHAKESPEARE, 1993, p. 388). Em razão desse ciúme doentio, alimentado falsamente, Otelo comete o assassinato da esposa.

Em relação ao casamento, Simone de Beauvoir (1990) expõe que “[...] não se trata para o marido de ser amado e sim de não ser enganado. Ele não hesitará em infligir à mulher um regime debilitante, vedando-lhe o acesso a qualquer cultura, embrutecendo-a com o único fim de salvaguardar a honra” (BEAUVOIR, 1990, p. 180). Depreende-se

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que a Otelo, um marido traído e ferido pela mulher que mais ama, só resta “lavar a honra” com sangue.

Atenta-se para o sofrimento de Otelo com seu ciúme e com o sentimento de inferioridade desenvolvido em seu inconsciente. Mesmo procurando esconder-se atrás de uma máscara de superioridade, de bom e valente guerreiro, Otelo reconhece ser inferior por não possuir traços chamativos às moças daquela sociedade. Sua imagem e educação destoam dos tipos encontrados em Veneza. Embora Cássio ocupe um cargo de menor valor que Otelo, ele se sobressai em outros pontos, que seriam mais atrativos para Desdêmona do que as características rústicas do general.

Considerações finais

Na tragédia *Otelo* (1993), verificam-se indícios de que o mouro desenvolveu um sentimento ou complexo de inferioridade. O fato que melhor sustenta essa hipótese é o ciúme que o personagem principal experimenta, pois envolve a existência de um sentimento de inferioridade com relação a outra pessoa. Cássio aparenta ser uma ameaça à sua tranquilidade, um ultraje para sua pessoa e um ser que lhe causa ódio e humilhação, já que supostamente seduziu e conquistou Desdêmona com seus encantos.

Com base nas descrições apresentadas na peça, compreende-se que Otelo demonstra ser um homem fraco e inseguro de si. Embora aparente o contrário em público, quando se engrandece com suas realizações bélicas, o mouro reconhece ser diferente, de classe distinta da de sua mulher, com traços pouco atraentes. Consequentemente, seu sentimento de ciúme e sua condição de inferioridade contribuem para levá-lo à tragédia final.

Referências

- ADLER, A. **A ciência da natureza humana**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CANDIDO, A. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FROMM, E. **O coração do homem: seu gênio para o bem e para o mal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.
- MOHANA, J. De quem é o complexo?. In: _____. **Ajustamento conjugal**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 99-122.
- NOVAES, G. **Vencendo o complexo da inferioridade**. São Paulo: Naós, 2010.
- NUTTIN, J. **Psicanálise e personalidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1967.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

POLIDORIO, V. "Análise de algumas características da peça Otelo". *In* Travessias, v. 7, n. 1, p. 225-231, 2013. Disponível em e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/6533/6241. Acesso em 16.10.2016.

SANAGIOTTO, A. O ciúme. *In*: _____. **A cura pelo amor**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2006. p. 65-66.

SHAKESPEARE, W. **Otelo**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

_____. **Otelo**. São Paulo: Nova Cultural, 1993.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Gênero e sexualidade na formação continuada de docentes da Educação de Jovens e Adultos: possibilidades de atuação do(a) Supervisor(a) de Ensino

Por: Luiz Fábio Santos⁶⁵

fabio.sedu@gmail.com

Resumo

O texto que se apresenta foi concebido na perspectiva de problematizar uma experiência de formação continuada de docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de pressupostos teóricos apropriados no universo da pós graduação *strictu sensu* em Educação, na linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas, tendo o propósito de contribuir para ampliar a discussão sobre os diferentes cenários, tensões e perspectivas que compõem a formação de professores/as. Trata especificamente das questões sobre gênero e sexualidade e foi estruturado de modo a apresentar o *lócus* em que experiência foi concebida, contextualizar gênero e sexualidade na escola, as possibilidades de atuação do/a supervisor/a de ensino no tocante a formação docente.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; EJA; Supervisão de Ensino.

Resumo

La teksto kiu estis desegnita de la vidpunkto de diskutantaj daŭra trejnado sperto de instruistoj kiuj laboras en la Junulara kaj Adult Education (EJA) el teoriaj supozoj taŭga en la post diplomiĝo universo strictu sensu en Edukado, en la serĉo linio Trejnado instruistoj kaj Educational Practices, kun la objektivo de kontribui al plivastigi la diskuton sur la malsamaj scenejoj, streĉiĝoj kaj perspektivoj, kiuj konsistigas la trejnado de instruistoj / as. Interkonsentoj specife kun la temoj de sekso kaj sekseco kaj estis strukturita por prezenti la locus kie sperto estas desegnita, contextualizar sekson kaj seksecon en la lernejo, la ebloj de agado de / la kontrolisto / instruanta pri trejnado de instruistoj.

Ŝlosilvortoj: Genro; seksecon; EJA; Superrigardo de Edukado.

Abstract

The present text was conceived with the perspective of problematizing an experience of continuous training of teachers who work in the Education of Young and Adults (EJA) from appropriate theoretical assumptions in the universe of Strictu Sensu postgraduate in Education, in the research line Formation Of Teachers and Educational Practices, with the purpose of contributing to broaden the discussion about the different scenarios, tensions and perspectives that make up teacher

⁶⁵ É Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, é Especialista em Gestão Escolar pelas Faculdades Integradas Pitágoras – FIP, Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Especialista em Direito Educacional pela Faculdade São Luís – ANEAS e Graduado em Pedagogia pela Universidade de Sorocaba – UNISO. É servidor público municipal, lotado na cidade de Sorocaba/ SP como Supervisor de Ensino.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

education. It deals specifically with questions on gender and sexuality and was structured in order to present the locus in which experience was conceived, to contextualize gender and sexuality in the school, and the possibilities of the teaching supervisor in relation to teacher education.

Keywords: Gender; Sexuality; EJA; Supervision of Teaching.

O texto que se apresenta foi concebido na perspectiva de problematizar uma experiência de formação continuada de docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir de pressupostos teóricos apropriados no universo da pós graduação *strictu sensu* em Educação, na linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas, tendo o propósito de contribuir para ampliar a discussão sobre os diferentes cenários, tensões e perspectivas que compõem a formação de professores/as. Trata especificamente das questões sobre gênero e sexualidade e foi estruturado de modo a apresentar o *lôcus* em que experiência foi concebida, contextualizar gênero e sexualidade na escola, as possibilidades de atuação do/a supervisor/a de ensino no tocante a formação docente.

Enquanto supervisor de ensino atuando na EJA visitando as escolas, mensalmente participando de reuniões de formação com vinte professoras e estabelecendo diálogo com os/as estudantes, visibilizamos as questões ocultas relacionadas a gênero e sexualidade.

Entendendo, que muitas das dificuldades de acesso, permanência e sucesso na escola, apresentadas pelos/as estudantes provém dessas questões, considerando que muitas mulheres não frequentaram ou são impedidas de frequentar a escola pela sua condição de filha, esposa e mãe ou pelas condições enfrentadas na vida profissional, há estudantes lésbicas, *gays*, bissexuais e transgêneros (LGBTs) que não conseguiram permanecer nos bancos escolares em função de discriminações e maus tratos de colegas e das instituições escolares. Decidimos coletivamente, junto aos docentes, que essas questões precisavam ser abordadas nas formações mensais, compreendendo que um dos exercícios do diálogo previsto nas Diretrizes Curriculares da EJA poderia se dar por meio das categorias de gênero e sexualidade.

O ano de 2013, para a formação continuada da EJA, foi marcado por uma perspectiva que abordava as questões de gênero e diversidade sexual na proposta pedagógica das unidades escolares. Acordamos que os textos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

debatidos nas reuniões mensais seriam levados às salas de aula com a metodologia que o/a docente sentisse segurança para trabalhar, a partir das temáticas planejadas para a semana. Socializariam posteriormente o trabalho realizado em sala de aula nas reuniões apresentando sugestões de atividades para outros colegas de trabalho.

O grupo decidiu no planejamento inicial do ano letivo de 2014, que as tratativas das questões ligadas a gênero e sexualidade acontecessem pelo viés das diversas manifestações das artes (plásticas, dança, teatro, literatura, vídeos, música e outros). A maioria das professoras conseguiu fazer a abordagem por essa linha de ação e como fechamento do ano letivo organizamos o Sarau da Diversidade no mês de novembro, com a participação de mais de 500 alunos de diferentes escolas da cidade, que subiram ao palco do Teatro Municipal de Sorocaba para cantar, dublar, encenar, declamar e dançar mostrando diversas nuances das diferenças humanas (gênero, etnia, classe social, deficiências físicas) de forma lúdica e respeitosa, numa demonstração das múltiplas possibilidades de superação de todas as formas de preconceitos.

Os profissionais da educação e toda a sociedade brasileira estão num momento de intensas mudanças sociais – entre elas a crise do paradigma patriarcal, a aparição de novas acomodações familiares, a invenção de novas maneiras de relacionamento sócio-afetivo, a crescente aquisição pelas mulheres de novos espaços sociais, a superação de tabus, as decisões judiciais, como as que garantem o casamento igualitário e o direito de adoção por casais do mesmo sexo, e a aprovação de leis que criminalizam as discriminações por sexo, gênero e orientação sexual etc. (BRASIL, 2007)

Não obstante, é crescente entre os profissionais da educação a identificação da necessidade de se adotarem ações que transformem a escola em uma instituição à altura dos desafios colocados por essas transformações e, lógico, num espaço seguro e efetivamente educativo para todos os cidadãos e cidadãs que nele circulam, convivem e interagem, independentemente de gênero, orientação sexual, cor, raça, etnia, religião, origem, idade, condição física ou mental etc, para promover a desnaturalização da exclusão. Segundo Gentili e Alencar,(p.33, 2003) “os excluídos eram acostumados à exclusão”.

Nesse cenário de incertezas e incoerências nas ações do mundo e da escola, a forma de atuação e as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contribuições do supervisor de ensino são importantes para possibilitar a construção de um novo modelo de educação, que garanta a inclusão de todas as pessoas. Ele tem a possibilidade de ajudar a reescrever a história das nossas escolas com outras palavras, de semear novas sementes: [...] é para agir no mundo por meio das palavras e deixar o mundo (marginalizado) agir nas palavras. De outro lado, para semear nestas paragens sementes de coisas que não encontrei quando me alimentei de seus produtos. (ALMEIDA, 2009, p. 39)

Esse profissional que geralmente atua em grupo e se relaciona direta e indiretamente com vários sujeitos: a secretaria de educação, as universidades, a diretoria da escola, os professores, os alunos e os seus responsáveis. Para Madalena Freire (1992): [...] Um grupo se constrói enfrentando o medo que o diferente , o novo provoca, educando o risco de ousar. Um grupo se constrói, na cumplicidade do riso, da raiva, do choro, do medo, do ódio, da felicidade e do prazer. Á vida de um grupo tem vários sabores.... (p.23)

Também participa no desenvolvimento das políticas pedagógicas e administrativas e estabelece uma ponte de informação entre os órgãos gestores e as escolas. Nesse sentido, poderá atuar como escritor de palavras ainda não ditas, marginalizadas e semeador de sementes ainda não plantadas para que no futuro todos possam experimentar os sabores de novos textos e novos frutos por elas germinados.

Finalmente esperamos que este relato colabore para a compreensão de que as questões de gênero e sexualidade e seus impactos na educação escolar coloca-se como necessidade para quem busca caminhar na direção de superação de impasses educacionais no campo do trabalho docente.

Referências

- ALMEIDA, D. M. **Memórias provisórias: 10 anos de encontro entre filosofia e educação**. Revista Educação & Linguagem - jul. dez Vol. 12, Nº 20 (2009). Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/issue/view/81> > acesso em 30 de jun.2015
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**, Caderno SECAD 4, Brasília, DF, 2007
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB n. 11/ 2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN dos Cursos de**



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Graduação. Brasília, DF, 11 mar. 2003. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FREIRE, M, CAMARGO, F. *et al.* **Indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento.** São Paulo: Espaço Pedagógico, Série Seminários, 1992, p.23-24. Disponível em:<http://armandodesalles.blogspot.com.br/2012/02/construcao-do-grupomadalena-freire.html> acesso em: 18 de jul de 2015.

GENTILI, P. e ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto: com um epílogo do subcomandante Marcos sobre as crianças Zapatistas.** Petropólis: Vozes, 2003.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Interdisciplinaridade no ensino de ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental: o que dizem os professores

Elocir Aparecida Corrêa Pires⁶⁶lupetrie10@hotmail.com

&

Sara Giordani⁶⁷s-sarag@hotmail.com

Resumo

Partindo da percepção de Krasilchik (2012) ao fazer um mapeamento da história do Ensino de Ciências no Brasil nos diz que esta passa de uma fase neutra, linear, previsível e começa a preocupar-se com o processo de construção histórico-social, que abre espaço para uma fase interdisciplinar. Para tanto, os professores deveriam oferecer uma metodologia diversificada, a fim de evitar um ensino unicamente no livro didático. Devido a tais exigências, existe a necessidade de discutir sobre a interdisciplinaridade no Ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como forma de romper com a fragmentação e linearidade na produção e socialização do conhecimento. Acredita-se que esta fase da educação formal seja oportuna para que os conhecimentos das diferentes áreas se relacionem, assim como os professores dessa etapa, em sua maioria graduados em Pedagogia, não atuando somente no ensino de Ciências, mas em outras disciplinas, poderiam desenvolver aulas significativas visando potencializar a curiosidade própria destas crianças.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Ciências; Ensino de Ciências; Ensino Fundamental.

Resumo

Komencante de la percepto Krasilchik (2012) por fari mapado de la historio de la scienco instruado en Brazilo diras al ni, ke tio estas nur neŭtrala fazo, lineara, antaŭvideblaj kaj komencas maltrankvili pri la procezo de historia kaj socia konstruo, kiu malfermas interfaka spaco por scenejo. Tiucele professore devus proponi diversan metodaron por eviti

^{66.} É doutoranda em Educação para a Ciência e Matemática pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Especialista em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública municipal da cidade de Cascavel/ PR, como docente. Atua na Linha de Pesquisa de Ensino de Ciência e de Matemática. É integrante do Projeto de Pesquisa sobre “A formação inicial do pedagogo para o ensino de Ciência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Bolsista Fundação Araucária.

^{67.} É mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é especializanda em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE e Graduada em Pedagogia pela mesma instituição. Atua na Linha de Pesquisa sobre Ensino de Ciências e Matemática. E é integrante do Projeto de Pesquisa sobre O perfil da experimentação nos livros didáticos de Ciências dos anos iniciais do Ensino Fundamental.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

instruanta sole sur la lernolibro. Pro Ĉi tiuj postuloj, Estas bezono por diskuti la interdisciplinarity en la fruaj jaroj de Sciencoj de elementa lernejo kiel maniero rompi la fragmentación kaj lineareco en la produktado kaj socialigo de scio. Oni kredas, ke Ĉi tiu fazo de formala edukado estas Ĝusta por ke la kono de la malsamaj areoj estas rilatigita, same kiel la instruistoj de Ĉi tiu etapo, plejparte diplomistoj en Pedagogio, ne nur agi en la instruado de Sciencoj, sed en aliaj disciplinoj signifa lecionoj celis plivastigi la propra scivolemo de la infanoj.

Ŝlosilvortoj: *Interdisciplinoj; Scienco; Scienca Instruado; Elementa Lernejo.*

Abstract

Starting from the perception of Krasilchik (2012), in mapping the history of Science Education in Brazil, he tells us that it goes from a neutral, linear, predictable phase and begins to worry about the process of social-historical construction, which opens Space for an interdisciplinary phase. To do so, teachers should offer a diversified methodology in order to avoid teaching in the textbook only. Due to these demands, there is a need to discuss the interdisciplinarity in Science Teaching in the initial years of Elementary Education as a way to break with fragmentation and linearity in the production and socialization of knowledge. It is believed that this phase of formal education is timely so that the knowledge of the different areas are related, as well as the teachers of this stage, mostly graduates in Pedagogy, not only acting in the teaching of Sciences, but in other disciplines, could develop Important lessons in order to increase the curiosity of these children.

Keywords: *Interdisciplinarity; Sciences; Science teaching; Elementary School.*

Partindo da percepção de Krasilchik (2012) ao fazer um mapeamento da história do Ensino de Ciências no Brasil nos diz que esta passa de uma fase neutra, linear, previsível e começa a preocupar-se com o processo de construção histórico-social, que abre espaço para uma fase interdisciplinar. Para tanto, os professores deveriam oferecer uma metodologia diversificada, a fim de evitar um ensino unicamente no livro didático. Devido a tais exigências, existe a necessidade de discutir sobre a interdisciplinaridade no Ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como forma de romper com a fragmentação e linearidade na produção e socialização do conhecimento. Acredita-se que esta fase da educação formal seja oportuna para que os conhecimentos das diferentes áreas se relacionem, assim como os professores dessa etapa, em sua maioria graduados em Pedagogia, não atuando somente no ensino de Ciências, mas em outras disciplinas, poderiam desenvolver aulas significativas visando potencializar a curiosidade própria destas crianças.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Diante disto, esta pesquisa tem por objetivo investigar obstáculos encontrados por professores do Ensino Fundamental, formados em Pedagogia, na implementação de trabalhos interdisciplinares em sala de aula, em uma Escola Municipal, localizada em Cascavel/PR. Busca-se, também, apresentar neste artigo algumas reflexões teóricas pautadas em autores que discutem a interdisciplinaridade no campo educativo.

Entre os resultados da pesquisa está o fato de que as professoras, apesar de, compreenderem a relevância de realizar, trabalhos interdisciplinares, mantém-se uma orientação pedagógica pautada em práticas de fragmentação e compartimentalização dos conteúdos.

Ensino de Ciência e a dificuldade de construção de um trabalho interdisciplinar

Apesar de estarmos vivendo a era da informação e da contextualização, em que a educação esta passando por transformações que transcende a sala de aula, nossa realidade educacional ainda se pauta em uma prática pedagógica bastante tradicional, descontextualizada, favorecendo a fragmentação dos conhecimentos. Acreditamos que nenhum aprendizado tem valor de forma isolado, por conta disso é pertinente que todo conhecimento dialogue e seja relacionado e atravessado por outros saberes.

Entre os documentos oficiais normativos que regulamentam a Educação brasileira tais como: Lei de Diretrizes e Bases (LDBEN) nº 5.692/71, a Lei de Diretrizes e Base para a Educação (LDB) nº 9.394/96 e, em específico os Parâmetros Curriculares para o ensino de Ciências- PCNs (1997), em consonância com autores como: Japiassu (1976), Fazenda (2003, 2009), entre outros sugere a interdisciplinaridade como forma mais adequada para resolver de acordo Japiassu (p. 30) “[...] o sintoma da situação patológica” que se depara o saber presentemente.

Para Japiassu (1976), a interdisciplinaridade constitui pela crítica a compartimentalização, ou seja, pela existência de fronteiras das disciplinas, proporcionando uma grande esperança de renovação e de mudança no domínio da metodologia das ciências humanas. Segundo o autor, a característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que esta incorpora os resultados de várias disciplinas. Distingue-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa ou de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ensino, com o propósito de desenvolver um conhecimento integrado de onde cada disciplina saia enriquecida.

Apesar das discussões constantes entre teóricos e pesquisadores da área do ensino de Ciências em defesa de uma perspectiva interdisciplinar por fatores diversos, dentre eles a formação inicial do professor, e pela tradição curricular linear e essencialmente organizada de modo disciplinar, fizeram com que os trabalhos interdisciplinares ainda não se constituíssem como uma prática comum nas escolas nem mesmo nos anos iniciais. Como observado por Nogueira e Megid Neto, (2013), “[...] cada vez mais são especificados os vários campos de conhecimento, decorrendo um grande número de especializações com metodologias específicas, teorias e sistemas para cada disciplina, o que trouxe certo distanciamento das demais áreas de conhecimento” (p.24).

situação essa denunciada, durante as observações realizadas em um Colégio Estadual de Cascavel/Pr. Durante as observações, notou-se que o encaminhamento metodológico utilizado pelas professoras remete a postura tradicional de compartimentalização do saber. Caracteriza-se, predominantemente, por introduzir os conteúdos no quadro, utilizando como base na maioria das vezes somente o livro didático e com poucos exemplos que envolvem o cotidiano, o lúdico, o trabalho em grupo e a contextualização com outras áreas do conhecimento para além daquela de sua formação. Em diálogo com os alunos os mesmos confidenciaram que, por exemplo, nunca tinham utilizado o computador ou multimídia na sala de aula, apesar de haver a disponibilidade de dois aparelhos de multimídia e um laboratório de informática bastante espaçoso, nesta escola, além de muitos materiais pedagógicos, guardados em caixas lacradas, um sinal que nunca ou raramente foram usados.

Ao questionar-se sobre a questão da interdisciplinaridade e das dificuldades encontradas para se fazer um trabalho dessa natureza na escola, muitos foram os empecilhos destacados pelas professoras. Entre os mencionados repetidas vezes estão: a falta de tempo que resulta na dificuldade a busca por pesquisas, o reduzido número de livros no acervo da biblioteca, assim como o escasso conhecimento sobre o assunto que não lhes dá segurança para realização de um trabalho nessa linha. Em relação a esse fato, entendem-se as precárias condições de trabalho que muitos professores enfrentam hoje como, por exemplo: a baixa carga horária para pesquisa em relação a uma extenuante jornada de trabalho em sala de aula, a baixa remuneração que não lhes dá condições de comprar materiais de

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pesquisa como livros, por exemplo, entre outros instrumentos que possibilite a sua melhor capacitação.

Uma das professoras destacou que “[...] os professores têm muitas aulas de manhã e a tarde não temos tempo para pensar e discutir um projeto interdisciplinar, então cada um faz seu trabalho e o colega muitas vezes nem fica sabendo o que você está trabalhando”. Algumas se referiram ao livro didático como obstáculo uma vez que este apresentaria os conteúdos de forma linear e fragmentada. Outras reclamaram que necessitariam de uma pessoa com qualificação para coordenar um projeto dessa natureza e que este deveria passar a integrar a concepção de educação da própria escola. Nesse caso, entende-se, que tal trabalho deveria ser orientado pelo coordenador pedagógico, porém segundo as professoras este na maioria das vezes tem seu tempo incumbido de outras funções burocráticas/administrativas.

Essa problemática é discutida por Fazenda (2009) que considera o fato de que as professoras sozinhas na sua prática nem sempre conseguem visualizar suas limitações e possibilidades, portanto necessitando do apoio de toda a comunidade escolar e muito mais da coordenação pedagógica. De acordo com a autora “[...] é fundamental o papel de um interlocutor que vá ajudando a pessoa a se perceber, que vá ampliando as possibilidades de leitura de sua prática docente e da prática docente de outros colegas” (FAZENDA, 2009, p. 72).

As professoras consideram ainda que a formação inicial não contribuiu para que elas tivessem a iniciativa de fazer um trabalho interdisciplinar. As docentes reconhecem a importância de se trabalhar interdisciplinarmente, mas admitem não sentirem-se seguras, com uma tarefa bastante ampla e complexa como está e que exige dos envolvidos uma grande responsabilidade e muita pesquisa. De acordo com Ferreira (2000) para que a interdisciplinaridade se efetive no processo educacional a parceria é um ato indispensável além da imprescindível ideia de construção da aprendizagem e aspiração pela pesquisa. Não podemos deixar de mensurar que o trabalho interdisciplinar exige de todo e qualquer professor pesquisa constante como expõe os estudos de Fazenda (2003) “Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação interdisciplinar, que, segundo nossos dados, deveria se iniciar desde a pré-escola” (p. 8).

Complementando Fazenda (2003, p. 29), que “[...] o diálogo, a ousadia da busca e da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir” uma educação de qualidade e colaborativa. De

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

acordo com Demo (2001, p. 43-44) “[...] o que faz da aprendizagem algo criativo é a pesquisa, porque a submete ao teste, à dúvida, ao desafio, desfazendo tendências meramente reprodutivas. [...] ensinar e aprender se dignificam na pesquisa, que reduz e/ou elimina a marca imitativa”. O que leva a ousadia de criar e experimentar outras abordagens educativas, considerando que o conhecimento nunca será completo ou finalizado em nossa formação inicial.

Para Klein (2003) o ensino interdisciplinar não se efetiva com práticas intuitivas sem regras ou intenções bem definidas, pois necessita de uma “[...] pedagogia apropriada, processo integrador, mudança institucional e relação entre disciplinaridade e interdisciplinaridade” (p. 110). Um fator preponderante para que um projeto dessa natureza tenha sucesso, é o bom relacionamento entre os professores, apontado também como uma das dificuldades encontradas na escola, que vai desde a falta de comprometimento de alguns colegas a desmotivação e descontentamento com a atual situação profissional.

Considerações finais

Pode se inferir dessa pesquisa, que os professores participantes, na maioria das vezes não fazem uma ligação entre outros conteúdos de Ciências e outras disciplinas, ainda que em sua maioria sejam ministradas pelo regente de turma, dando a ideia de que os conteúdos são independentes, postos em compartimentos. Os resultados da pesquisa sinalizam que as práticas pedagógicas das professoras em geral têm relação com sua formação inicial em que os conteúdos são trabalhados de maneira compartimentalizada e em fragmentos da realidade. A ruptura da fragmentação disciplinar proposta pela prática interdisciplinar na maioria das vezes não se faz presente nas escolas.

Essa observação da sala nos permite destacar que em relação à perspectiva interdisciplinar devida à ausência na formação inicial e continuada tal questão se mantém mais no campo da intencionalidade do que na efetividade na prática escolar. Mesmo sendo recorrente no discurso, entre profissionais da educação e nas escolas brasileiras, pouco tem afetado a formação inicial dos professores.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências 1º e 2º ciclo**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em: 15 maio. 2015.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, I. C. A. **Didática e interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 2003.
- _____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2009
- FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 2000.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e Patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: E.P.U., 2012.
- KLEIN, J. T. “Ensino interdisciplinar: didática e teoria” *In*: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. São Paulo: Papirus, 2003, p. 109-132.
- NOGUEIRA, M. L. S. L. S.; MEGID NETO, J. **Práticas interdisciplinares nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo de teses e dissertações**. **Amazônia | Revista de Educação em Ciências e Matemática**, Campinas SP, v.9, n.18, p.23-37, jan/jun, 2013.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Acordo ortográfico: uma política para a construção de limites para uma língua des-limite

Por: Ana Maria de Fátima Leme Tarini⁶⁸

ana.tarini@ifpr.edu.br

&

Igor Vitorino da Silva⁶⁹

igor.silva@ifpr.edu.br

Resumo

As idas e vindas do Acordo Ortográfico Brasileiro precisam ser discutidas amplamente não somente entre linguistas e estudiosos da área, mas também com representantes docentes da língua. Muitas vezes, os docentes se perguntam se é possível escrever bem e falar bem, e o que seria exatamente isso. Bem como, se questionam se é possível que um novo Acordo Ortográfico venha facilitar a aprendizagem de uma língua tão repleta de regras e exceções como a língua portuguesa. Diante das indagações, este trabalho objetiva abordar, de forma descritiva, a história dos acordos ortográficos na tentativa de compreender os embates que se travam quando se propõe acordar uma língua com mais seis países, observando, por meio da análise de discurso, quais os discursos que permeiam este processo de constituição e formulação do Acordo, até a solicitação de adiamento e implantação, e os interesses de diferentes setores nesta mudança. Para tanto, serão apresentadas as novas regras, destacando o que mais tem gerado dificuldade para os brasileiros.

Palavras-chave: Língua, Política, Linguística, Ortografia.

⁶⁸ É doutoranda em Letras: linguagem e sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Mestra em Letras: linguagem e sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Educação a Distância com habilitação em tecnologias educacionais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, é Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO e Graduada em Letras: Português-Inglês pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. É servidora pública federal, docente EBBT de Letras: Português-Inglês no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, lotada na cidade de Pinhais/ PR. É Coordenadora do Projeto de Pesquisa Núcleo de Ensino, pesquisa e extensão em Direitos Humanos do campus Pinhais, do Núcleo de pesquisa e estudos sociolinguísticos, dialetológicos e discursivos e do Projeto de Pesquisa Efeitos de sentido dos discursos de violência contra as mulheres. É Coordenadora do Projeto de Extensão Português instrumental: ensino de gramática aplicado à comunicação visual. É revisora dos periódicos "Línguas & Letras" – UNIOESTE e "Web-Revista Sociodialeto". É autora de capítulos dos seguintes livros "Cadernos de Linguística: pesquisa em movimento texto e discurso – caminhos para a análise em Linguística" (2016), "A inscrição do gênero, raça/ etnia em prática discursivas e formação docente" (2015), "História: traços de cultura e memórias" (2010) e "Formação de professores de línguas: investigações e intervenções" (2009).

⁶⁹ É Especialista em Segurança Pública pela Universidade Vila Velha – UVV e é Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. É servidor público federal, docente EBTT de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, lotado na cidade de Pinhais/ PR. Atua na Linha de Pesquisa de História urbana. É Coordenador do Projeto de Pesquisa Nova Rosa da Penha e as invasões urbanas na região da cidade de Vitória – ES nos anos 1980. É Coordenador do Projeto de Extensão Historiadores do futuro: a história mora ao lado. É membro do Corpo Editorial do periódico "Rumos da História: uma perspectiva interdisciplinar". É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Resumo

La alveno de Brazila Ortografia Interkonsento devas esti diskutata ne nur inter lingvistoj kaj fakuloj de la regiono, sed ankaŭ kun instruistoj de la lingvo. Ofte, instruistoj demandas, Ĉu eblas skribi bone kaj paroli bone, kaj kio precize tio estus. Krome, ili pridemandas Ĉu eble nova ortografia interkonsento faciligas la lernadon de lingvo, kiu estas plena de reguloj kaj esceptoj, kiel la portugala lingvo. Antaŭ la enketoj, Ĉi tiu artikolo celas priskribi la historion de ortografiaj interkonsentoj en provo kompreni la konfliktojn, kiuj okazas, kiam oni proponas konsenti lingvon kun ses aliaj landoj, observante tra diskursa analizo, kiu diskutas Kiu trapasas Ĉi tiun procezon de konstitucio kaj formulado de la Interkonsento, Ĝis la peto pri prokrasto kaj efektivigo, kaj la interesoj de malsamaj sektoroj en Ĉi tiu Ŝanĝo. Por tio, la novaj reguloj estos prezentitaj, elstarante kio generis la plej malfacilaĵon por brazilanoj.

Ŝlosilvortoj: Lingvo, Politiko, Lingvistiko, Ortografio.

Abstract

The comings and goings of the Brazilian Speller Agreement must be discussed widely not only among linguists and scholars in the field, but also with representatives of the language teachers. Often, teachers wonder if you can write well and speak well, and it would be just that. Also, they wonder whether it is possible that a new Orthographic Agreement will facilitate the learning of a language so full of rules and exceptions as the Portuguese language. Faced with questions, this study aims to address, in a descriptive way, the history of orthographic agreements in an attempt to understand the conflicts that embitter when it proposes to agree a language with six countries, observing, through discourse analysis, which discourses that permeate the process of constitution and formulation of the Agreement until the request for postponement and deployment, and the interests of different sectors in this change. Therefore, the new rules will be presented, highlighting what has generated more difficult for Brazilians.

Key-words: Language, Politics, Linguistic, Orthography.

Considerações iniciais

Esponetaneamente, aprendemos a falar nossa língua cotidiana, falando. Mas há uma coisa que parece segura: que desde que exista um sistema de escrita, para utilizá-lo preciso aprendê-lo de modo especial. (AUROUX, 1992, p. 28)

A Retórica clássica pressupunha uma teoria da disposição do discurso em sua estrutura compondo uma organização teórica que favorecesse a persuasão. Um bom discurso teria que convencer a plateia. Pensando nisso,

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

vem à mente as redações de vestibulares e, atualmente, as do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Como organizar discursos em espaços delimitados, ou melhor, limitados, com regras gramaticais e ortográficas que não se aprecia, não se entende, não se explica e muito menos, não se apropria, visto que há mais exceções que regras (regulares), fixas. “Escrever bem”, “falar bem”, são atividades possíveis? Eu me questiono. Algumas vezes, o que vemos é uma verborragia insana, discursos inflamados em uma língua cheia de pedantismos.

Às vezes cabe ao estudante driblar as regras ortográficas (até porque não as compreende), escrever sobre receitas, enfim “encher linguiça”, ou seria lingüiça? Estou fazendo uso de sarcasmo, certo humor ácido, o que me parece ser apropriado para a situação em que nos encontramos. O Acordo Ortográfico entraria em rigor em dezembro de 2012, mas houve uma solicitação de adiamento, isso nos conduz a anedotas, parecem não ser ações muito sérias. Basta lembrar que as discussões a respeito deste acordo iniciaram, precisamente nos anos 80 do século XX, e ainda não se chegou ao último capítulo. Faz-se necessário lembrar também que na década de 80 não usávamos computadores com acesso à internet nas escolas brasileiras, no entanto de lá para cá muitas informações foram atualizadas, e graças à expansão tecnológica e a própria dinâmica no uso linguístico, o vocabulário da língua portuguesa adquiriu mais verbetes, ampliando seu léxico. Como decorrência, a influência da língua inglesa continua em franca expansão.

Diante dessas considerações iniciais, destaca-se que o objetivo deste trabalho é justamente abordar de forma descritiva a história dos acordos ortográficos na tentativa de compreender os embates que se travam quando se propõe acordar uma língua com mais seis países⁷⁰, observando, por meio da análise de discurso, quais os discursos que permeiam este processo de constituição e formulação do Acordo até a solicitação de adiamento e os interesses de diferentes setores nesta mudança.

É interessante destacar que há vários setores envolvidos nesta discussão, mas apenas o educacional terá que lidar no dia a dia com a incompreensão do o que e por que mudou (ou vai mudar) na escrita da língua portuguesa brasileira. Mesmo entendendo que a escola não é o único lugar em que nós temos contato com a língua padrão,

70. Timor-Leste não participou dos debates como as demais nações, pois durante este período vivia sobre o domínio da Indonésia. Somente em 2002, com a nova constituição é que estabeleceram a língua portuguesa como língua oficial.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sabemos que é a única a ser responsabilizada pelo “fracasso” na escrita.

Historizando a língua nacional e os acordos ortográficos brasileiros

"Datada deste porto seguro davosa jlha da vera cruz oje sexta feira primeiro de mayo de 1500 [...]" (trecho da Carta de Descobrimento do Brasil). Escrita no século XVI, a Carta de Pero Vaz de Caminha demonstra o quão distante está o português brasileiro atual daquele praticado pelos nossos colonizadores. A professora Elis Cardoso⁷¹ acredita que se nos deparássemos com esta escrita hoje (e não oje) reprovaríamos o escrivão mor da esquadra portuguesa. Isto porque a língua é dinâmica, viva, reflete as transformações sociais, todavia, os acordos ortográficos feitos por meio de leis, decretos, e/ou instituições reguladoras, mexem com sua grafia de forma a estagná-la. Assim, nestes quinhentos anos a língua passou por diversas modificações, além da ampliação lexical, acentos, sinais, contamos ainda com a criação e supressão de letras mudas.

Para nós brasileiros esta história se inicia num período em que Portugal ficou conhecido pelas grandes navegações, no século XV e XVI, através dos movimentos colonialistas e de propagação do catolicismo, quando se espalhou pelo mundo tanto o domínio da coroa portuguesa quanto a língua portuguesa. O português era imposto às línguas autóctones como língua oficial ou modificava-se dando origem aos dialetos crioulos. Foi assim que a língua chegou à África, Ásia, Oceania e América (no Brasil com a “descoberta”, em 1500). O Português é língua oficial em oito países de quatro continentes: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste.

Neste processo de colonização a língua foi transportada para lugares em que habitavam diferentes culturas e línguas. No Brasil, um novo espaço, em um novo tempo, a língua portuguesa enquanto língua nacional, conforme Orlandi & Guimarães (2001, p. 22-23), precisou de quatro momentos para sua implantação: a) período de colonização (1532) até a expulsão dos Holandeses (1654); b) de 1654 a 1808, data da chegada da família real e mais 15 mil portugueses no Brasil, na Cidade do Rio de Janeiro; c) de 1808,

71. Artigo disponível em http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/04_005.php

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

momento em que Dom João VI fundou a Biblioteca Nacional e criou a imprensa no país até 1826 (quatro anos depois da Proclamação da República); e d) a partir de 1826, quando se propôs a primeira vez que se escrevesse diplomas de médicos em linguagem portuguesa, e como consequência, no ano seguinte, criou-se uma lei em que se obrigava os professores a ensinar a ler e a escrever conforme a gramática da *língua nacional*⁷².

Em decorrência desta atitude, a língua passa a ter um significado de nacionalidade e ao mesmo tempo de pertencimento a uma história, que não é negada. No entanto, ela precisava ser estabelecida de maneira que os falantes moradores seguissem as regras, que houvesse uma unificação da escrita. Além disso, a ideia de “língua nacional está ligada aqui ao processo de gramatização brasileira do português que é posto em curso a partir da segunda metade do século XIX. Desde então o Brasil tem seus próprios instrumentos linguísticos de gramatização, diferentes dos de Portugal” (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 24).

Posteriormente, no final do século XIX, estabelecida a língua portuguesa como língua nacional, percebe-se que a gramática da língua no Brasil está distante da gramática da língua portuguesa de Portugal. Muito se deve às influências do processo de colonização que trouxe a língua para o além mar, mas principalmente pela formação estrangeira da elite que pensava a língua em outras bases filosóficas e científicas, isto é, resulta do tempo e do espaço diferentes de sua origem. Isto, aliado ao sentimento de nacionalismo exacerbado, muito presente neste período histórico (como vemos nas produções literárias brasileiras), dão origem às gramáticas e aos primeiros dicionários produzidos no Brasil, estes somente no século XX.

Em consequência deste distanciamento - ao longo destes quinhentos e treze anos de língua portuguesa brasileira – desfrutamos algumas mudanças, formulações e reformulações ortográficas, visando atualizar a língua à realidade de uso, mas essencialmente, buscando fixar uma identidade nacional, porém em nenhum momento houve pretensão de apagamento da nossa origem, conforme podemos ver pelas tentativas de adequação da escrita em: Formulário Ortográfico de 1911; Formulário Ortográfico de 1943; Acordo Ortográfico de 1945 – Brasil; Nomenclatura Gramatical Brasileira em 1959; Nomenclatura Gramatical Portuguesa em 1967; Acordo Ortográfico de 1990 a 2009 (em

72. Conforme Orlandi & e Guimarães (2001, p. 23), foi assim denominado o primeiro momento em que se trata da gramática de uma língua considerada nacional, mas não uma língua brasileira ou língua portuguesa.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

discussão) – deveria estar em vigor a partir de 31 de dezembro de 2012.

A primeira mudança oficial da escrita em língua portuguesa no Brasil ocorreu em 1911. Este, denominado Formulário Ortográfico, era um plano de regularização e simplificação da escrita portuguesa para os brasileiros. Nele estabeleceram inúmeras regras de uso⁷³: letras *k, w, y* (permitido para derivados de outras línguas somente, do contrário deveriam usar *q, u, i*, para a substituição das respectivas letras); abecedário (23 letras); letra *h* em posição medial; letra *h* em posição inicial; letra *h* em posição final; letra *h* noutros grupos consonânticos; consoantes duplas; supressão de consoantes mudas; conservação de consoantes mudas; emprego de *c* e *s*; grupo inicial *SC*; emprego de *ch* ou *x*; escrita de ditongos orais; escrita de ditongos nasais; grafia das vogais nasais finais; *e* inicial átono com valor de *i*; *s* antes de consoante surda e final; *e* átono antes de consoante palatal; *e* fechado antes de consoante palatal; *o* átono com valor de *u*; diferença entre *ô* e *ou*; acentuação gráfica; emprego do sinal gráfico til (~); acentuação de palavras terminadas em *i, u*, vogal nasal ou ditongo, seguidos ou não de *s*; nomes terminados em *em, ens*, e formas verbais em *am, em*; acentuação das palavras esdrúxulas; acentuação esdrúxula para a diferenciação entre vocábulos com a mesma forma gráfica e com a mesma sílaba predominante; acentuação das palavras graves; acento gráfico para distinção de homógrafos; as formas verbais *dêem, lêem, vêem, crêem*; acentuação de sequências: vogal + *i*, vogal + *u*; os ditongos *éi, ói, eu*; hífen (usos); outros empregos do hífen; acentuação de vocábulos compostos; apóstrofo; pronomes complementos enclíticos; contracção de pronomes com as preposições *a, de, em, por*; divisão silábica; divisão nos prefixos *des-, dis-* consoantes iguais – divisão; divisão de palavras compostas; prefixo *ex -*; grupos consonânticos inseparáveis; vogais consecutivas inseparáveis; *u* depois de *q* ou *g*.

Se observar com atenção, quase todas as regras permanecem ainda no português atual. Exceto as que estão em processo de mudança com o novo acordo, como é o caso dos acentos das formas verbais *dêem, lêem, vêem, crêem*; acentuação dos ditongos *éi, ói, eu*; hífen (usos); supressão do trema e acréscimo das letras *k, w, y*. algumas das alterações que foram estabelecidas no começo do século estão sendo revistas no final (a partir de 1990).

73. Ver em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Este último acordo em vigor desde 01/01/2009 (período em que poderia coexistir a norma anterior e a atual), foi implantado por meio do Decreto 6.583, assinado em 29 de setembro de 2008 e estabelecia vinte uma bases de alterações à ortografia vigente⁷⁴: Base I: do alfabeto e dos nomes próprios estrangeiros e seus derivados; Base II: do *h* inicial e final; Base III: da homofonia de certos grafemas consonânticos; Base IV: das sequências consonânticas; Base V: das vogais átonas; Base VI: das vogais nasais; Base VII: dos ditongos; Base VIII: da acentuação gráfica das palavras oxítonas; Base IX: da acentuação gráfica das palavras paroxítonas; Base X: da acentuação das vogais tónicas/tônicas grafadas *i* e *u* das palavras oxítonas e paroxítonas; Base XI: da acentuação gráfica das palavras proparoxítonas; Base XII: do emprego do acento grave; Base XIII: da supressão dos acentos em palavras derivadas; Base XIV: do trema; Base XV: do hífen em compostos, locuções e encadeamentos vocabulares; Base XVI: do hífen nas formações por prefixação, recomposição e sufixação; Base XVII: do hífen na ênclise, na tmese e com o verbo haver; Base XVIII: do apóstrofo; Base XIX: das minúsculas e maiúsculas; Base XX: da divisão silábica; Base XXI: das assinaturas e firmas.

O Decreto é o resultado de um documento assinado em 1990 que teve o apoio da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e trazia como objetivo unificar as regras do português escrito em todos os países que têm a língua portuguesa como idioma oficial, atingindo tanto seu léxico particular quanto as aquisições de outras nações de língua portuguesa.

As regras de implantação mudaram, todavia, as regras ortográficas continuam as mesmas que foram estabelecidas nesta época. Em 1990, quando foi assinado, a previsão era de que o Acordo entraria em vigor em 1994, mas dependia da ratificação de todos os países. Como isso não aconteceu, a regra foi alterada em 2004 para que o documento entrasse em vigor com a ratificação de três dos oito países lusófonos. O Brasil foi o primeiro a ratificar o protocolo que alterou a regra.

O governo de cada país deveria ratificar o Acordo assinado e definir seus prazos para que ele entrasse em vigor internamente. Segundo a CPLP, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe já ratificaram o acordo. Timor Leste, que em 1990 ainda não era uma nação independente, também já aderiu. Angola é o

74. Língua Portuguesa: Reforma Ortográfica – texto integral. Acordo em vigor desde 01/01/2009- Decreto nº 6.583.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

único país-membro da CPLP que ainda não ratificou o Acordo, porém a implantação efetiva não aconteceu em nenhum destes países. O mais adiantado, neste sentido, era o Brasil, que ainda no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, criou cronograma para atualizações necessárias ao Acordo.

Não obstante, a política linguística se mostra como um reflexo da necessidade que o Brasil tem de se unir aos outros países devido aos objetivos comerciais, entretanto Portugal, por exemplo, não está preocupado com esta unificação. Talvez muito mais em manter suas bases etimológicas de aproximação com o latim, as quais entendem ser de uma origem erudita que favorece a beleza histórica do falar e escrever português.

Objetivos do adiamento da vigência do acordo ortográfico

Depois de quatro anos fazendo adaptações, atualizações, reimpressões de livros e documentos, descobrimos que os brasileiros terão mais três anos para adaptar-se às novas normas da língua portuguesa. O adiamento foi estabelecido por meio do Decreto 7875/2012, assinado pela presidente Dilma Rousseff e publicado no Diário Oficial da União no dia 28 de dezembro de 2012, três dias antes de expirar o prazo final para as adaptações. A implantação definitiva do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, firmado em 1990 por todos os países de expressão portuguesa, deveria ocorrer no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2013, segundo decreto presidencial nº 6.583, de 2008. "O novo decreto publicado nesta sexta-feira ampliou o período de transição até 31 de dezembro de 2015. Até lá, coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida por meio do acordo." 75 Foi o que aconteceu até janeiro desse ano.

Os meses que antecederam o adiamento foram marcados por ações dos Senadores da República objetivando ampliar o tempo de transição (para seis anos como a senadora Ana Amélia e o senador Cyro Miranda sugeriram em seu projeto), mas por fim em novembro, os senadores Cyro Miranda e Lídice da Mata levaram à ministra chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, sua preocupação com o curto período para a implantação definitiva das novas

75. Conforme o site: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/12/28/adiamento-da-vigencia-do-acordo-ortografico-teve-apoio-de-senadores>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

normas ortográficas.

Apesar desta questão do tempo, ressalta-se que a adequação dos livros didáticos havia iniciado ainda em 2009, quando o acordo entrou em vigor e começou o período de transição. Mas no entendimento destes senadores, o prazo de adaptação foi bastante curto, visto que além dos livros didáticos, literários, etc, os documentos e publicações oficiais deverão circular adaptados às novas regras. Além disso, a partir da adoção definitiva das normas estabelecidas pelo acordo, os concursos públicos e as provas escolares deverão exigir o uso correto da nova ortografia. Mesmo que haja inúmeras dúvidas tanto para educadores quanto para estudantes.

Observa-se que para a senadora Ana Amélia, conforme o mesmo site de notícias do Senado, “O assunto demanda maior tempo de maturação, bem como integração mais ampla com os demais países envolvidos”, haja vista a importância de um tema como este, um acordo internacional, traçado por sete países signatários. Ressalta-se ainda “que todos os signatários do acordo adotaram períodos de transição mais longos. Em Portugal, por exemplo, o período de convivência entre as duas normas iria até 2015. Em Cabo Verde, o prazo só acabará em 2019”⁷⁶. Assim, o Brasil mesmo tendo cumprido seu prazo (inclusive por meio do trabalho do Ministério da Educação (MEC) na atualização de todo material), esteve se alinhando aos cronogramas de outros países, visto que o objetivo era justamente se unir (unir a língua) aos demais.

É interessante ressaltar que tanto no momento de confecção do Acordo, como neste momento não se prima por uma ampla discussão no tange às alterações, envolvendo linguistas, docentes da área, ou simplesmente falantes da língua, apenas se decreta adiado conforme sugestão deste ou daquele senador. Mas por outro lado, não há como negar que haja uma inter-relação entre a língua, a Ciência e Política. Conforme Orlandi & Guimarães (2001, p. 35-36), “As políticas gerais de um país manifestam esta inter-relação cuja forma mais visível é a formulação específica das Políticas Linguísticas: invasões, as exclusões, as hierarquias.” Basta ver que todas essas ações definem que “língua falamos, com que estatuto ou quando se determina este ou aquele modo de acesso a esta língua – pelo ensino, pela produção dos instrumentos linguísticos, pela leitura das publicações, pelos rituais de linguagem, pela legitimidade dos

76. Notícias do site: <http://senado.jusbrasil.com.br/noticias/100266955/adiamento-da-vigencia-do-acordo-ortografico-teve-apoio-de-senadores>

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

acordos [...]” (op. cit), e integram o campo da política linguística.

A ortografia é nosso foco de estudo neste trabalho, mas para entendermos os acordos ortográficos se fez necessária a compreensão de que este importante instrumento linguístico nos conduz ao acesso e domínio da língua. A questão é se as modificações que o acordo traz não dificultam mais ainda este acesso, especialmente no que se referem às camadas mais pobres de nossa sociedade, que possuem baixa escolaridade e passam por processos de letramento precários, pois estamos sujeitos a língua e a história, produzidas sob determinadas condições.

Nesta perspectiva, a língua poderia não representar um entrave no acesso ao conhecimento erudito, ou a leitura e compreensão de documentos oficiais. Mas, da forma como as regras estão estabelecidas haverá ainda mais dificuldade em aprender as regras ortográficas do português do Brasil. Ernani Pimentel, um dos escritores mais prestigiados do país, professor de linguística, e um dos maiores críticos do acordo quer aproveitar o adiamento para melhorar o conteúdo da nova ortografia. Segundo ele “é preciso simplificar as novas regras e ‘ajustar problemas que não foram percebidos’ pelas pessoas responsáveis pela elaboração e assinatura do documento” 77. Ou seja, há problemas com a escrita de algumas palavras e o momento deveria ter sido aproveitado para solucioná-los.

Nesta mesma entrevista, Pimentel afirma que o maior problema do Acordo é o fato de ter sido pensado no final dos anos 70, do século passado, época em que a educação era baseada numa didática de memorização, em que o aluno decorava regras e exceções. Segundo ele, esta pedagogia é antiga, atualmente os alunos estão acostumados a racionar e descobrir o que faz sentido, qual é a lógica da estrutura das palavras.

Embora exista a pressão de linguistas, chamados de revisionistas, para se examinar novamente o Acordo, o objetivo do adiamento não é rever o documento, mas sim dar mais tempo para os falantes terem familiaridade com ele. Para Callegari, do MEC, “as propostas de simplificação não estão contempladas na discussão do grupo interministerial. ‘O que poderia ser considerado e sempre pode ser considerado são propostas que visam simplificar, mas não seria adiar, seria outro acordo”78.

Diante desta situação Pimentel afirma ainda que não se pode ter um acordo de ortografia sem considerar

77. Conforme: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/12/governo-deve-adiar-inicio-do-acordo-ortografico-para-dezembro-de-2015.html>

78. Mesmo site de notícia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o que os professores pensam a respeito porque são eles que não podem ensinar regras tão ilógicas. Ernani se tornou, em 2012, membro da Academia de Letras de Brasília, e declarou ao assumir a presidência do Centro de Estudos Linguísticos da Língua Portuguesa, que isto ecoava “como oportunidade e estímulo de arregaçar as mangas e trabalhar objetivamente para o resultado prático de simplificar, baratear e aprofundar a Educação, a começar pelo ensino da Língua Portuguesa, portal de entrada para todos os ramos de conhecimento”⁷⁹.

Ernani Pimentel e Cipro Neto, que são integrantes do movimento “Acordar melhor”, destacaram as ressalvas que complicam a compreensão da ortografia proposta pelo Acordo. São problemas, principalmente, com o uso de hífens, como nestes exemplos: água-de-coco com hífen e suco de uva sem; Nova Guiné sem hífen e Timor-Leste com; proto-herdeiro com h e hífen, mas coerdeiro sem; duas grafias para uma mesma palavra bi-hebdomadário e biebdomadário; paraquedas, paraquedista, paratudo sem hífen e para-raios, para-sol com; para-raios e para-sol com hífen, mas contrarregra e contrassenso com rr e SS sem hífen; há duas grafias corretas para pré-embrião e preembrião, mas uma só para pré-embriário; água-de-colônia com hífen e água de cheiro sem; pé de botina, pé de sapo, pé de chinelo sem hífen e pé-de-meia com; uma grafia com hífen para pré-esclerose, mas duas para seu adjetivo pré-esclerótico e preesclerótico; uma grafia para preeleger, mas duas em preeleito, pré-eleito, pré-eleição, preeleição.⁸⁰

Ainda conforme a Revista de Língua Portuguesa, outro fator pode ser preponderante na decisão de não rever o Acordo, o alto investimento, pois

“a Câmara Brasileira do Livro estima que as editoras se adaptaram a um custo de 40 milhões ao ano, entre 2009 e 2012, considerando só os gastos para revisão e reimpressão. O MEC [...] só com obras complementares para os alunos do ensino fundamental, o montante foi de R\$ 591 milhões (em 2008 para a compra de 103 milhões de livros adotados em 2010) e R\$ 893 milhões (em 2009, para 118 milhões de livros adotados em 2011). Para o ensino médio de 2012, mais de R\$ 720 milhões foram investido em 2010 na compra de 80 milhões de livros para as escolas⁸¹.

79. Notícias do site: <http://www.vestcon.com.br/noticia/ernani-pimentel-toma-posse-academia-letras-brasilia.aspx>

80. Conforme artigo da *Revista Língua Portuguesa*. Ano 8, nº 87, 2013, p. 15

81. Revista da Língua Portuguesa (op. Cit)

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Estes números reforçam o fato de que não serão revistas às dualidades ou as incoerências ortográficas. Como os gastos com alterações, revisões e reimpressões do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa foram vultosos, nenhum dos políticos toca no assunto revisão, apenas adiamento da implantação definitiva. Além destes investimentos públicos, não se deve esquecer os gastos das grandes editoras que visam tão somente um bom retorno financeiro.

Língua brasileira: acordo ortográfico para uma língua imaginária

Ao analisarmos a palavra Acordo, busca-se compreender porque não se pensou em reforma da língua, em resolver, ou eliminar problemas que dificultam o aprendizado e o amplo domínio lexical. Diferente de Fernão de Oliveira ao afirmar que a língua portuguesa “tem de seu a perfeição da arte que outras nações aquirem com muyto trabalho” (apud SPINA, 1987, p. 15) cremos que a língua portuguesa possui muitas exceções, e isso é o que produz as dificuldades de domínio já citadas.

Buscando analisar o termo *Acordo* por seu funcionamento semântico, nota-se que este vai se configurando a medida que os representantes dos países, ao longo dos vinte anos, vão dialogando, o que causa uma impressão de aproximação entre as nações para dar nova feição à língua. Mas Acordo não é Reforma. O objetivo não é a transformação da língua enquanto objeto, visando a melhoria da escrita ou da fala. Não se busca beneficiar os falantes da língua Portuguesa. Também não é uma política linguística internacional que visa divulgação e difusão maciça desta língua de forma global. A palavra Acordo designa aliança, pacto, negócio, entre outros. Enquanto Reforma lembra reestruturação, mas também conserto, arranjo, reparo.

O Acordo determina um negócio, enquanto Reforma determina um reparo. Não é a língua que precisa ser reparada, é um negócio que precisa ser pactuado. Desde o princípio este era o objetivo de Acordar a ortografia e, em nome deste negócio, não se revê as incoerências das regras, as quais preocupam os que clamam por revisão.

Nossa *língua brasileira* (definição de Orlandi) é fluida, mas pensamos que se limita por regras para uso e regras de construção ortográfica e fonética, no entanto Orlandi (2009, p. 18) afirma que a língua é “como um imenso rio, como um Xingu, que os olhos não abrangem, não seguram, não limitam. Fluida.” As regras também não limitam os

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

significados, determinados pela história, política e ideologia. A língua está em movimento contínuo, o que no livro *Língua Brasileira*, Orlandi denomina como des-limite. E o "sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam" (ORLANDI, 2005, p. 20). A língua brasileira é afetado pelas condições materiais de sua constituição e reformulações deslocada de sua origem.

Fixamos regras que nos dão a impressão, simbolicamente, de possibilidade de domínio amplo de uma língua, mas esta é uma língua imaginária, gramatizada, sistematizada, estável, modulada por regras específicas. Neste sentido, diferentemente da língua fluida que circula sem limites, "a língua imaginária é a língua sistema, a que os analistas fixam em suas regras e fórmulas, em suas sistematizações, são artefatos (simulacros) que os analistas de linguagem têm produzido ao longo de sua história e que impregnam o imaginário dos sujeitos [...]" (ORLANDI, 2009, p. 18)

Por um lado a busca deste domínio conduz o sujeito ao desejo de modificações, retificações e reformulações que, em seu imaginário, podem resolver problemas no que tangem ao saber e ao controle do que escreve e fala, além de ser a linha divisória que distingue os brasileiros que falam corretamente dos outros que não; destaca determinados brasileiros entre brasileiros.

Por outro lado, a língua é parte de uma nação, representa a nação, sua história. E a constituição da língua está vinculada às relações de poder que esta sobrepõe à outra, ou outras, seja por uso da força, da repressão, da expansão cultural de um grupo, ou até da própria repetição constante em documentos oficiais e textos de divulgação de ideias, a língua vai se sedimentando a tal ponto que os falantes são levados a aceitá-la e usá-la para uma "boa comunicação". Cita-se como exemplo o trabalho desenvolvido por Marquês de Pombal, no decorrer da história colonial do Brasil. Segundo Mariani (2001, p.102) "as referências a Pombal estão vinculadas a política da intervenção da metrópole na proteção das fronteiras, na expansão do comércio, na transformação dos aldeamentos de índios catequizados em pequenas vilas e na expulsão dos jesuítas". Embora os estudos não abordem as práticas de imposição da língua portuguesa designadas pelo Marquês.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, num processo de descolonização e constituição de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma identidade nacional, há um sentimento de reconhecimento do que aqui se falava e o que estas palavras diziam. Estas eram denominadas brasileirismos. "Os brasileirismos eram considerados como 'empréstimos' ou 'influências' das línguas com as quais o português teve contato no Brasil, a saber, sobretudo, as línguas indígenas e africanas. Formou-se assim um domínio lexicográfico particular." (NUNES, 2001, p. 71)

Considera-se que, embora haja um distanciamento geográfico, econômico, e até político, das nações falantes de língua portuguesa, estas ainda tentam manter suas origens etimológicas. Mesmo quando os interesses políticos estejam à frente dos interesses linguísticos.

Considerações finais

Nas considerações iniciais pretendia-se abordar a história dos acordos ortográficos, reverberando sobre que discursos permeiam este processo de constituição e formulação do Acordo, bem como a solicitação do adiamento ocorrida no final de 2012. Entretanto, no decorrer da produção escrita, buscando informações a respeito de acordos anteriores, percebi que havia muito que dizer, muito a pesquisar, diante de diferentes interesses que vão pelo menos em dois sentidos opostos. De um lado os falantes da língua portuguesa que poderiam ter regras ortográficas mais lógicas e práticas facilitando a aquisição e domínio da língua e de outro a Política linguística do país que pretende fazer uso da língua portuguesa, não para uma aproximação linguística com Portugal e os países africanos, mas para garantir uma proximidade comercial, principalmente, com os países em desenvolvimento (falantes de português).

Nesta perspectiva, ressalta-se que desde a criação da CPLP, em 2009, o idioma tem sido mais valorizado e prestigiado como se houvesse unificação de todos os países lusófonos (como se fossem um bloco). Tanto que os negócios feitos "em língua portuguesa cresceram 534% nos cinco anos anteriores. O fluxo de comércio entre o Brasil e os sete países lusófonos pulou de US\$ 1 bilhão em 1996 (quando a Comunidade de Países de Língua Portuguesa foi formada) para US\$ 6,5 bilhões em 2008"⁸². Desta forma, o aspecto econômico ocupa posição de destaque na hierarquia dos interesses sobre a delimitação de regras em uma língua, continua se sobrepondo aos demais nas idas e vindas dos acordos ortográficos brasileiros.

82. Informações <http://revistalingua.uol.com.br/textos/72/o-valor-do-idioma-249210-1.asp>.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

- AUROUX, S. (1992) **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp.
- CAMBRAIA, D. "Ernani Pimentel toma posse na Academia de Letras de Brasília" *In* Vestcon Editora Ltda. Disponível em: <http://www.vestcon.com.br/noticia/ernani-pimentel-toma-posse-academia-letras-brasilia.aspx>. Acesso em: 25 de jun de 2013.
- CARDOSO, E. A. "Um panorama da evolução do registro escrito da língua portuguesa" *In* **Revista Linguagem**. Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao04/04_005.php. Acesso em: 20 de mai de 2013.
- DECRETO nº 6.583. **Língua Portuguesa: Reforma Ortográfica** – texto integral, Acordo em vigor desde 01/01/2009. São Paulo, SP: Editora Escala, 2009.
- GLOBO. Governo vai adiar início do Acordo Ortográfico para 1º de janeiro de 2016. Disponível em:** <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/12/governo-deve-adiar-inicio-do-acordo-ortografico-para-dezembro-de-2015.html>. **Acesso em: 01 de jun. de 2013.**
- GUERREIRO, C.; PEREIRA JUNIOR, L. C. "O valor do idioma" *In* **Revista Língua**. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/72/o-valor-do-idioma-249210-1.asp>. Acesso em: 08 de jul de 2013.
- INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA TEÓRICA E COMPUTACIONAL. Portal da Língua Portuguesa. **Acordo Ortográfico**. Disponível em: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/acordo.php>. Acesso em: 01 de jul. de 2013.
- MAGALHÃES, M. BRANDÃO, G. **Adiamento da vigência do acordo ortográfico teve apoio de senadores**. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/12/28/adiamento-da-vigencia-do-acordo-ortografico-teve-apoio-de-senadores>. Acesso em: 20 de jun. de 2013.
- MARIANI, B. "A institucionalização da língua, história e cidadania no Brasil do século XVIII: o papel das Academias Literárias e da política do Marquês de Pombal" *In* Orlandi, E. P. (org.) **História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da língua Nacional**. Campinas: Pontes/Unemat Editora, 2001.
- NUNES, J. H. "Léxico e língua nacional: apontamentos sobre a história da Lexicografia no Brasil" *In*: Orlandi, E. P. (org.) **História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da língua Nacional**. Campinas: Pontes/Unemat Editora, 2001.
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. J. "Formação de um espaço de produção linguística: A gramática no Brasil" *In* Orlandi, E. P. (org.) **História das Idéias Lingüísticas: Construção do saber metalingüístico e constituição da língua Nacional**. Campinas: Pontes/Unemat Editora, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.
- _____. **Língua Brasileira e outras histórias: Discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas, SP: Editora RG, 2009.
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. **O adiamento do acordo**. Ano 8, nº 87, 2013, p. 15.
- SPINA, S. **História da Língua Portuguesa: III Segunda metade do século XVI e século XVII**. São Paulo, SP: Editora



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ática, Série Fundamentos, 1987.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Biotecnologia e as dimensões da vida humana

Por: Hilda Regina Pereira Menezes Olea⁸³

hilda.olea@cnp.ifmt.edu.br

Resumo

O intuito principal do texto é apresentar para apreciação e discussão os aspectos iniciais de uma investigação que pretende ter como resultado a retomada do binômio natureza e cultura à luz do advento das biotecnologias. Para tanto, adota o pressuposto de que o vivo e o vivido são duas dimensões da existência humana, cujas alterações podem ser observadas no curso temporal da emergência hominiana, sem que, todavia, possam ser reduzidas a eventos históricos. O artigo concentra-se especialmente nas transformações produzidas no âmbito das ciências da vida, que ocorreram na segunda metade do século XX e procura analisar suas consequências para vida humana. Tal análise tem por base a exposição da proposta do filósofo e matemático francês Michel Serres, para quem o próprio corpo humano tornou-se objeto técnico, o que equivale a afirmar que a humanidade vive, no tempo presente, um momento de transição, que se processa em três níveis de relações: do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo, a qual o filósofo designa através do neologismo hominescência.

Palavras-chave: Natureza. Cultura. Biotecnologia. Hominescência.

Resumo

La Ĉefa celo de la teksto estas prezenti por aprezi kaj diskuti la komencajn aspektojn de esploro, kiu intencas rezultigi la rekomendon de la duoma naturo kaj kulturo laŭ la alveno de bioteĥnologioj. Por tio, ĝi akceptas la supozon, ke la vivado kaj la vivado estas du dimensioj de homa ekzisto, kies ŝanĝiĝoj povas esti observitaj en la tempoj tempoj de la homaj krizoj, tamen, malpliigitaj al historiaj eventoj. La artikolo fokusas precipe pri la transformoj produktitaj en la vivaj sciencoj, kiuj okazis en la dua duono de la 20a jarcento kaj serĉas analizi siajn konsekvencojn por la homa vivo. Ĉi tiu analizo baziĝas sur la ekspozicio de la propono de la franca filozofo kaj matematikisto Michel Serres, por kiu la homa korpo mem fariĝis teknika celo, tio estas, ke la homaro vivas nuntempe en transiro, kio Procezoj en tri niveloj de rilatoj: de la homo kun si, kun la aliaj kaj kun la mondo, kiun la filozofo designas per la neologismo.

Ŝlosilvortoj: Naturo. Kulturo. Bioteĥnologio. Homaj homoj.

⁸³ É doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, é Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e sanduíche com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. É servidora pública federal, docente EBTT de Filosofia, lotada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso – IFMT, lotada na cidade de Cuiabá/ MT. É integrante do Projeto de Pesquisa Colonialidade do poder, do saber e da arte: Críticas transversais. É autora do livro “Especulações para uma epistemologia da interdisciplinaridade: fluxo e passagens” (2017), co-organizadora dos livros “Diversidade para um mundo ativo” (2012), “Ferramentas digitais para a construção de um mundo contemporâneo” (2012), “Práticas de construção e organização da informação” (2012) e “Atuação digital proposta de ações afirmativas para uma sociedade diversa” (2012).

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Abstract

The text of the main purpose is to present for consideration and discussion the initial aspects of an investigation that aims to result in the resumption of the binomial nature and culture in the light of the advent of biotechnologies. Therefore, adopts the assumption that the living and the living are two dimensions of human existence, which changes can be observed in the time course of hominial emergency, without, however, can be reduced to historical events. The article focuses particularly on changes produced within the life sciences, which occurred in the second half of the twentieth century and to analyze its consequences for human life. This analysis is based on proposed exposure of the French philosopher and mathematician Michel Serres, for whom the human body itself became technical object, which is to say that humanity lives in the present time, a time of transition, which processes at three levels of relationships: the man with himself, with others and with the world, which the philosopher designates through hominescência neologism.

Key words: Nature. Culture. Biotechnology. Hominescence.

Introdução

Suponhamos que a teoria científica sobre origem do mundo mais difundida na atualidade, conhecida como Big Bang, esteja correta e que a matéria, a energia, o espaço e o tempo sejam características fundamentais do nosso universo e que depois da grande explosão a matéria e a energia começaram a se aglutinar formando estruturas complexas, as quais nossa civilização veio a chamar de átomos. Admitamos ainda que as estruturas atômicas se combinaram e formaram moléculas, que por sua vez, em um planeta que chamamos Terra, algumas delas combinaram-se entre si e deram origem a grandes estruturas complexas chamadas organismos.

Admitindo tais hipóteses podemos formular a seguinte pergunta: qual o percurso da vida entre as primeiras “poças de gosma” do planeta e o *cogito* responsável pela construção da primeira habitação humana? Sem dúvidas essa pergunta deveria ser precedida por muitas outras e sua formulação imediata representa um grande salto (arbitrário talvez) sobre ou sob teorias científicas, etapas evolutivas, eras geológicas e áreas do conhecimento humano, todavia, a justaposição destes elementos díspares (o surgimento da vida e a capacidade projetiva humana) é proposital. Esta pergunta tem como objetivo colocar lado a lado duas condições elementares e irreduzíveis da existência humana, que denomino dimensão do *vivo* e dimensão do *vivido*.

Trata-se de um exercício de pensamento que procura considerar a vida humana a partir dessas duas dimensões e analisar como ambas vem se transformando, especialmente a partir da segunda metade do século XX. O



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

objetivo é pensar questões da vida em diferentes escalas. Explico: Pensada em escala geológica ou a partir da concepção evolucionista, por exemplo, a questão da Vida é maior que as questões da vida humana. Estamos nos referindo, neste caso, a problemas que nos dizem respeito enquanto espécie, concernentes às condições necessárias para que haja vida no planeta. Já ao nos referirmos, por exemplo, as implicações sociopolíticas de um determinado saber produzido por um grupo de humanos, o que está em jogo são questões relativas a indivíduos específicos de um determinado tempo e lugar, bem como, a particularidade de suas atividades epistêmicas, suas disposições normativas, suas estruturas econômicas, etc.

O problema, conforme tem nos demonstrado as ciências da natureza e as ciências humanas, tais como a história, a antropologia, a sociologia e a economia, é que em determinados pontos essas duas dimensões se “encostam” e produzem efeitos irreversíveis uma sobre a outra, criando, inclusive, novas possibilidades de realidade. Tais bifurcações são o foco principal da pesquisa, que procura saber, especialmente, o que muda a partir delas. É, em última instância, uma procura humanista, pois, para além de qualquer *centrismo* étnico, epistêmico ou de gênero, se ocupa com possibilidades e condições da Vida Humana em face de conjunturas produzidas pelo próprio homem, tais como a ciência, a tecnologia e a sociedade.

O risco de tal escolha reside na possibilidade do enclausuramento em uma categoria hipotética, uma vez que, a pretensão de falar sobre todos os homens pode significar não falar de nenhum. Tal propósito queda-se quando constatamos que não encontramos nenhum correspondente na realidade para aquilo que denominamos “a humanidade”, a menos que determinemos critérios capazes de objetivar nosso referente. A escolha desses critérios procura escapar do fantasma da clausura, que ronda a teoria, ao levar em conta que, enquanto as histórias dos avanços são narradas no plural: “nós” evoluímos, “nós” conhecemos, “nós” nos tornamos; a dor só é sentida em primeira pessoa, é singular. Apenas o eu sofre.

É tendo em mente, precisamente, a bifurcação entre o vivo e o vivido, que retomo a afirmação de Michel Serres (2003), de que nosso objetivo em filosofia é e sempre foi o homem, e me ocupo de indagações tais como: Por que nos colocamos para além da condição de organismos, como tantos outros milhões que vivem na Terra, e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

passamos a habitá-la como humanidade? Quais condições possibilitam que sejamos humanos? Há, para além das bases biológicas, uma partícula mínima (característica ou propriedade) capaz de incluir sob a designação “humanidade” uma diversidade de indivíduos? Se há, qual é? Por que, a despeito da profusão simbólica criada e cultivada pelos indivíduos e seus grupos, insistimos em uma categoria totalizante como esta? E, por que temos obsessão em saber o que permanece? Por que não nos ocupamos daquilo que muda?

Parece que algumas destas questões cabem à Filosofia, outras à Antropologia e outras ainda à Biologia. Certamente não detenho as respostas, mas me ocupo dessas perguntas e de outras que ajudam a pensar no ser humano enquanto um tipo específico de organismo que criou e cria as condições para sua separação/interação e controle do ambiente “natural” e produz para si mesmo ambientes “artificiais”. Seria a capacidade de criação do “artificial” uma especificidade do humano?

Bifurcações

De acordo com a história da evolução biológica humana há milhares de anos um ancestral nosso experimentou-se pela primeira vez sobre as patas traseiras. O quadrúpede precisou erguer-se para que um dia nós — os sapiens — nascêssemos bípedes eretos, com mãos habilidosas e cabeça pensante. Posterior a esse ato de liberação, de “falso equilíbrio entre movimento e liberdade” surgiu o primeiro cogito: o projeto de um refúgio. O humano ereto e pensante emerge e coloca um teto entre si e o mundo natural (SERRES, 2004, p. 11-12). Nasce juntamente com o homem o mundo da cultura.

Se o primeiro cogito e a primeira obra realizada pelas mãos recém liberadas foram de fato, respectivamente, o projeto e a construção da habitação não sabemos e nunca saberemos. Em conformidade com Serres (2003) e Stein (2010) entendo que sobre o que pensaram os primeiros humanos, o que fizeram e para quê usaram suas mãos quando se tornaram bípedes, a despeito dos achados arqueológicos, só podemos falar através de parábolas. Ignoramos quase que completamente a nascente da humanidade.

Seja como for, assim como a nascente acompanha o rio em seu percurso, a capacidade projetiva do homem



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

e as habilidades adquiridas com a liberação dos membros superiores concorreram para que, gradativamente, mais humanos trocassem a vida de caçadores-coletores pela vida de agricultores e pastores. A história nos mostra com um pouco mais de precisão que recentemente, cerca de 12.000 anos atrás, os sapiens começaram a fixar-se à terra. Nasce assim o mundo do trabalho.

Neste período, inequivocamente, o cogito da habitação se fez presente. Mas, este não foi um evento que teve apenas um alcance arquitetônico. O vínculo com “sua” casa, a separação dos outros e do ambiente representou um impacto psicológico que deu origem a “uma criatura muito mais aut centrada” (HARARI, 2015, p. 108). Não é difícil perceber que os humanos dessa época lançaram as bases para o nosso modelo de sociedade e abriram caminho para que milênios depois um Sujeito, refugiado em frente a sua lareira, observando um pedaço de cera, postulasse outro cogito: sou uma coisa que pensa, então tenho existência. Este outro cogito separa ainda mais o homem do mundo. Mas, desta vez a descontinuidade não é apenas entre o corpo e o mundo natural, além disso, o próprio homem achasse cindido em dois: em interioridades e exterioridade, em corpo e mente. A cultura segue adiante.

Este novo sujeito dotado de interioridade e exterioridade coloca-se para fora da natureza a fim de compreendê-la e domina-la. O homem torna-se sujeito epistêmico e a natureza seu objeto de conhecimento. Contrariamente ao que postulam algumas denúncias contra a modernidade, os humanos dessa época não estavam sentados em poltronas confortáveis elaborando planos cruéis de dominação e espoliação do mundo, — não que não houvesse aqueles que ocupavam poltronas confortáveis enquanto outros aravam a terra, as assimetrias sociais, econômicas e as classes políticas são tão antigas quanto o são as culturas — o que pretendo enfatizar é que o projeto daqueles que criaram a ciência moderna era compreender as leis que regem a natureza e manipular, na medida do possível, os fenômenos naturais para trazer condições mais favoráveis à vida humana; o problema é que hoje podemos pesar os prós e os contras e perceber que, em grande medida, o tiro saiu pela culatra.

A ciência e a revolução industrial transformaram a vida humana e a ordem social de tal forma que hoje uma pessoa comum tem acesso a medicamentos para curar enfermidades que há pouco matavam reis. Inegavelmente, em muitos aspectos a vida se



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tornou mais fácil, mas a que custo? Terá realmente nossa vida se tornado mais abundante e menos penosa? O fato é que as pesquisas científicas aplicadas ao desenvolvimento tecnológico deram ao ser humano uma escala de poder que ele nunca havia experimentado.

Esse fato faz com que alguns pensadores postulem que humanidade passa por um momento de transição. Segundo essa perspectiva, a profunda transformação em curso não é apenas uma mudança de paradigmas epistemológicos ou uma transformação nas cosmologias; são as próprias possibilidades da vida que se alteram, pois, nossa era presencia a modificação daquilo que até então considerávamos natural e inalterável pelo esforço humano: o nascimento e a morte do homem e dos demais seres vivos. Nesse sentido, uma formulação que merece destaque é a do filósofo e matemático Michel Serres. Nela o autor postula que a humanidade enquanto espécie vive hoje um momento de transição, uma situação intervalar, na qual tem início um novo tipo de hominização, cujo início data, aproximadamente, da segunda metade do século XX. Para designar tal transição, o filósofo criou o neologismo *Hominescência*, em analogia à adolescência ou luminescência, palavras que designam situações de passagem, respectivamente, da infância à vida adulta e da escuridão à luz.

A propósito da *Hominescência*

Tributária das biotecnologias e das tecnologias de informação essa emergência hominiana, a *Hominescência*, diz respeito à humanidade que habita o tempo biotecnológico, submetido, certamente, ao tempo natural, mas comandado e executado por instrumentos e projetos da nossa cultura. Processa-se, de acordo com Serres (2003), em três circuitos simultâneos e interdependentes, que são, respectivamente, nossa relação com o corpo, com o mundo e com os outros.

PRIMEIRO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

De acordo com a teoria evolucionista milhões de anos são necessários para que ocorra uma mudança significativa dos corpos, mas no mundo de nossas práticas, bastam alguns meses para a construção de objetos



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

técnicos. Isto é, levou milhões de anos para que os pássaros tivessem penas e voassem, mas em poucos meses construímos uma aeronave. Para Serres, a técnica substitui a evolução. Com ela fabricamos nossos primeiros objetos técnicos e assim saímos da evolução para entrar na cultura.

Uma lâmina, uma pedra polida, responderam mais rápido às nossas necessidades do que a lenta transformação das funções. Exodarwinismo é como o autor denomina essa relação entre nossos órgãos e os objetos. Os últimos são uma exteriorização de nossos meios de adaptação. O guindaste, por exemplo, desempenha a função do braço; o martelo, a do punho; a roda, a das articulações dos joelhos. Objetos técnicos são nossos órgãos espalhados pelo mundo, com suas funções otimizadas.

Já com os primeiros objetos entramos num tempo exodarwiniano e ingressamos em outra evolução, pois, em vez de esculpir nossos corpos, passamos a transformar os objetos. Nossas mãos se especializaram e talvez nosso grande cérebro represente essa adaptação. O humano começou por essa aparelhagem. Começamos com a construção do primeiro instrumento. Eles nos separam dos demais animais. Logo depois construímos nossa própria habitação para separar nosso corpo do mundo.

Desde o começo os objetos técnicos *protegeram* o corpo humano das mudanças naturais até que recentemente os próprios corpos entraram para a cultura. Dito de outro modo, contemporaneamente, as forças que modelam nossos corpos provém mais do meio ambiente que construímos do que do mundo dado; “mais da nossa cultura do que da nossa natureza” (SERRES, 2003, p. 54). Quando a ciência e as técnicas passam a regular a morte e a reprodução, ambas passam a ser culturais e uma nova evolução instala-se: artificial e cultural.

Mergulhada em um tempo biotecnológico essa nova evolução convoca-nos a repensar a questão da finalidade. A natureza nunca teve um projeto, a ideia de finalidade aplicava-se somente aos objetos e não se estendia ao reino dos vivos. Entretanto, ao gerar a reprodução e modificar geneticamente os organismos estamos construindo seres vivos. “A revolução atual consiste no fato de os novos seres vivos se terem parcialmente transformado em objetos técnicos” (SERRES, 2003, p. 55).

Na filosofia clássica ocidental encontramos explicitada a questão das causas finais relacionada aos artefatos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim, o machado é fabricado para cortar madeira; o avião para cruzar os céus, mas não sabemos dizer por que nascem as árvores ou os lobos. “Polimos pedra para caçar, mas porque clonamos os OGM⁸⁴? Será suficiente dizer que fazemos isso para nos preservar de doenças? Nossas práticas contradizem nossas filosofias” (SERRES, 2003, p. 56)

Em nossos dias a transformação do homem pelo homem deixa de ser metáfora. As ciências e as técnicas podem, literalmente, construir seres humanos. Se os humanistas querem executar seu projeto é chegada a hora, afirma Serres (2003), pois, do saber e da vontade, faremos nascer a “natureza” humana. Em sua concepção, no que concerne às relações que estabelecemos com o corpo, a questão que urge pensarmos é a substituição que fazemos da evolução que leva milhares de anos por esta processada em laboratórios e, sobretudo, precisamos considerar que nossas vidas começam a depender disso.

SEGUNDO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

Se a maior descoberta contemporânea, na concepção de Serres, é a descoberta do ADN, o maior acontecimento é o fim da agricultura enquanto modeladora de condutas, das culturas, da vida social, dos corpos e da religião. A agricultura desde o período neolítico ofereceu ao homem contextos de espaço e de tempo, no entanto, a terra como gleba irrigada cotidianamente pelo suor do trabalhador deu lugar, no final do século passado, ao planeta Terra fotografado em sua globalidade.

Uma fissura nos separa das antigas relações com a fauna e com a flora, com a duração das estações e com os lugares. Em virtude dessa fissura modificaram-se também os relacionamentos sociais e a ocupação dos territórios. A ruptura agrária, análoga a dos corpos, ocorreu pela via das biotecnologias e revolucionou o Século XX. A primeira planta transgênica data de 1983 e desde então inúmeras questões são levantadas, mas “a mais importante concerne, atualmente, muito menos ao próprio método e experimentação genética do que ao monopólio das sementes modificadas pelas companhias multinacionais” (SERRES, 2003, p. 85).

As duas rupturas científicas e laboratoriais dizem respeito a todas as espécies, ao mundo da prática e ao

⁸⁴ Sigla utilizado para abreviar, tanto no singular quanto no plural, o termo técnico Organismo Geneticamente Modificado.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mundo do saber. Encerram uma época ao transformarem as relações do homem para com a reprodução, com o espaço e com o tempo, consigo mesmos e com os outros. Não teriam, portanto, transformado o próprio homem?

Se pensarmos no curso da história perceberemos que é na economia e na política que se mostram mais evidentemente as rupturas ocasionadas pela ciência e pela técnica. Através desses componentes culturais é que se atinge a "natureza humana" e a do mundo. Por ocasionarem transformações profundas é que essas rupturas são denominadas *hominescentes*.

Porém, Serres, em suas elaborações teóricas, prescinde da linearidade temporal, escava sob o tempo histórico para depois retornar a ele, assim, a inovação e tradição encontram-se, de fato, muito próximos. Os OGM datam de 1983, contudo, os primeiros cruzamento e domesticações datam do período neolítico. Uma tendência arcaica que vem sendo reforçada por ações recentes.

A agricultura contemporânea realizando-se mais dentro dos laboratórios do que nas lavouras é uma amostra de como nos relacionamos com o mundo. Neste segundo circuito da *Hominescência* deixamos de lado os *objetos técnicos* do primeiro circuito e nos detemos nos *objetos-mundo*. Os OGM são objetos que assumiram dimensão mundial. Os primeiros dividem o mundo em localidades, uma vez que artefatos tradicionais e instrumentos definem o ambiente sobre o qual trabalhamos; possibilitam sua administração por parte de um sujeito e até mesmo uma filosofia do controle. Já o aumento quantitativo dos segundos formou um novo universo.

Tais "objetos-mundo nos conduzem em direção a um mundo que não é um objeto como os objetos do mundo" (SERRES, 2003, p.160). O segundo circuito da *Hominescência* refere-se às relações que estabelecemos com o mundo que modelamos a partir de *objetos-mundo*. Desse modo, tornamo-nos naturantes, pois, com os OGM esculpimos tecnicamente nosso ambiente e produzimos uma natureza que reage sobre nós.

TERCEIRO CIRCUITO DA HOMINESCÊNCIA

Diante das querelas sobre as novas tecnologias ou sobre as biotecnologias nossa tendência é a de considerar o natural bom e o artificial ruim, mas Serres adverte que não caímos nessa armadilha. Antes de julgar e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decidir é necessário observar e compreender.

As tecnologias, assim como a língua, obedecem a uma dupla lógica que se situa além do verdadeiro e do falso, do bem e do mal. Podem se tornar o melhor e o pior dos caminhos. São meios que permanecem independentes a seus conteúdos; neutros quanto à mensagem que transportam. Realizam transferência de energia na forma de instrumentos materiais ou virtuais.

Um artefato auxilia, uma arma mata. Essa antinomia acompanha tanto as trocas de energia das “ciências duras” quanto as trocas de informação das “ciências doces”⁸⁵. De fato tudo consiste em comunicação, entropia. Sem elas não haveria vida. Na teoria serreana da Hominescência a relação é a categoria elementar, pois, segundo ele, o mundo contemporâneo experimenta o espaço igualitário e homogêneo da comunicação. O espaço das mídias tende para a ideal democracia. Nele os objetos duros encontram os discursos doces. O risco: confundir a verdade com o imediatamente acessível.

Por esta via explora-se muito mais o medo de objetos míticos do que se produz um debate sobre a realidade das biotecnologias e dos reatores nucleares. Assim Serres induz a formularmos a seguinte pergunta: a quem interessa o crescimento dessa angustia? A verdade pode ser definida por si mesma ou por consenso e o poder da comunicação, hoje, reside em sua atuação sobre os procedimentos de decisão da verdade. Essa novidade tem consequências sociais, políticas e judiciárias.

As tecnologias aplicadas à comunicação possibilitam que os discursos atinjam não mais um grupo restrito, mas um coletivo global e assim modelam coletividades numerosas. São instrumentos sociais assim como foi o livro na sucessão da voz. Na antiguidade o aparecimento da escrita, no Renascimento o desenvolvimento da imprensa e na contemporaneidade a internet e demais meios de comunicação, são, sucessivamente, feitos que vêm produzindo transformações em escala cada vez maiores no direito, na política, na economia, nas religiões, nas ciências e no ensino.

⁸⁵ Michel Serres denomina doces as Humanidades em geral: Ciências Sociais, as Artes e as Letras.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em oposição às profecias Serres afirma que nenhum tipo de mídia “mata” seu antecessor. Contrariamente, as inovações podem ser vistas como possibilidades de liberação. Se não tivéssemos nos tornado bípedes nossas mãos ainda se achariam comprometidas com a função de locomoção e assim jamais teriam se achado livres para fabricar e manipular objetos ou para tocar piano.

Da mesma forma que a escrita e o livro, que não extinguiram a voz, as novas comunicações ampliam sua capacidade de alcance. E ainda mais, o homem liberado da gleba e dos ciclos da natureza pelo fim da agricultura tradicional, mediado pelas tecnologias, tem a possibilidade de uma habitação global.

Hoje perdemos o endereço e ganhamos o não-lugar. Com isso começamos a perguntar sobre o sentido das estacas que demarcam a circunscrição dos terrenos. Se estivermos presenciando o fim lugar se fará necessária a elaboração de um novo Direito; uma nova modalidade de contratos que levem em conta a deflagração das cidades no espaço mundial.

O terceiro circuito da *Hominescência* se dá no âmbito da relação do eu com os outros. O ego contemporâneo se constrói dentro e por meio de cruzamentos. “Hoje a relação precede, assegura, funda, desenvolve e enriquece a existência” (SERRES, 2003, p. 246). O eu morre por causa do “nós” e nisso reside a necessidade de se poder responder quem é, exatamente, esse “nós”.

Conforme já apontado, as tecnologias estão sujeitas à ambiguidade de sua utilização, por esse mesmo motivo o fim do lugar e a morte do eu podem significar tanto uma comunhão global quanto a construção de uma sociedade de insetos, na qual uma coletividade operária trabalha em prol da realeza, sem qualquer sentido de singularidade, independência de pensamento, direitos e valor da pessoa.

Considerações finais

Independentemente de acolhermos ou não a denominação oferecida por Michel Serres, ou ainda, de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

concordarmos ou não com algumas de sua concepção epistemológicas⁸⁶, tais como: (1) de que há uma neutralidade no conhecimento e na tecnologia enquanto considerados em si mesmos e que somente seu uso pode ser nocivo ou benéfico; (2) que as tecnologias da informação nos conduzem para a ocupação igualitária dos espaços; (3) ou ainda, de que a nova agricultura traz a liberação do homem; é patente o fato de que, enquanto espécie, experimentamos um novo modo de existência e que essa nova forma de existir tem produzido modificações na sociedade, na política e no direito.

Alguns acontecimentos nos demonstram isso: (1) Nas manhãs de 06 e 08 de agosto de 1945, a partir das cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão, a humanidade conheceu a possibilidade da extinção global pela vontade e pelo conhecimento produzido pelo próprio homem; (2) em 25 de julho de 1978, na cidade de Bristol, Inglaterra, nasce Louise Brown, o primeiro ser humano proveniente de fertilização *in vitro*. Pela primeira vez na história de nossa espécie o nascimento não provém de uma relação sexual entre um homem e uma mulher; (3) em 16 de junho de 1980 a suprema Corte dos Estados Unidos da América decidiu, em favor do engenheiro genético Ananda Chakrabarty Mohan, que um micro-organismo criado pelo homem é matéria patenteável e que o fato do produto da fabricação ser um ser vivo não é empecilho para a determinação da propriedade intelectual; (4) em 26 de junho de 2000 a comunidade científica anuncia o sequenciamento do genoma humano.

Até o final do século XX, início do XXI a espécie humana esteve sujeita às mesmas forças que regem o processo de seleção natural de todos os seres vivos, mas, a partir de então, torna-se possível ao nosso organismo transcender os limites da determinação biológica. Hoje a engenharia genética torna real a possibilidade do *design* da vida. Evidentemente, é necessário levar em conta que a modificação genética de organismos não é nenhuma novidade, uma vez que, há mais de 10 mil anos o homo sapiens vem domesticando e cruzando espécies animais e vegetais, porém, a capacidade técnica de realizar cruzamentos seletivos difere amplamente da capacidade e das

⁸⁶ Se faz necessário ter muita cautela ao aplicar o termo "epistemologia" à filosofia de Michel Serres, uma vez que o próprio filósofo adverte que produz um discurso sobre as ciências "em corte de epistemologia", pois, segundo ele as discussões epistemológicas tradicionais ocupam-se apenas das questões internas das ciências, como por exemplo, seus métodos e sua linguagem, deixando de fora o que para ele é o elemento principal do qual a filosofia deveria se ocupar: as relações que as ciências estabelecem com seu em torno.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

possibilidades científicas e tecnológicas de introduzir, deliberadamente, características completamente novas e ausentes em um determinado código genético.

O questionamento obvio que se coloca é: em que medida o poder de criação adquirido pelo homem é bom ou mau? Porém, precisamos ir além do imediatamente dado e dirigir nossa atenção para as questões de fundo. O ser humano é um organismo composto por um código genético, mas, ao mesmo tempo, não é apenas um organismo, isto é, é um ser vivo dotado de consciência, de capacidade de planejamento e de objetivos de vida, que habita e transforma o mundo material através de criações culturais intersubjetivas, tais como as religiões, a ciência, o direito, o Estado e o capital. Então, se no âmbito da ciência e da tecnologia a vida é, atualmente, propriedade intelectual e o próprio corpo humano, objeto técnico, alguns questionamentos relevantes a serem formulados são: para quê e para quem é importante uma natureza geneticamente criada a partir do saber e da vontade do próprio homem? Quem determina os critérios dessa criação? Em suma, hoje, as dimensões do *vivo* e do *vivido* se processam mediante avanços tecnológicos e nos convocam a pensar a intercessão entre o ontológico e político.

Referências

- CUPANI, A. "A tecnologia como problema filosófico: três enfoques". In **Scientie studia**. São Paulo. V2, nº 4, p. 493-518, 2004.
- HARARI, Y. N. **Sapiens – uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HEIDEGGER, M. "A questão da técnica". In **Scientiae Studia**. São Paulo .V. 5, nº3, p. 375-98, 2007.
- KESSELRING, T. "O conceito de natureza no pensamento ocidental". In **Episteme**, Porto Alegre, n. 11, p. 153-172, jul/dez 2000.
- LATOUR, B. "Um Prometeu cauteloso? Alguns passos rumo a uma filosofia do design". In *Revista brasileira de Design*. Disponível em: www.agitprop.com.br. Acesso em: 09 de novembro de 2015.
- MATURANA, H; VARELA, F. **A árvore do conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Moriotti e Lia Diskin. São Paulo: Editora Palas Athena, 2001.
- ROSA, L. P. **Tecnociências e humanidades novos paradigmas, velhas questões – o determinismo newtoniano na visão de mundo moderna**. Volume I. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- _____. **Tecnociências e humanidades novos paradigmas, velhas questões – a ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo**. Volume II. São Paulo: Paz e terra, 2005.
- SERRES, M. **Hermes: uma filosofia das ciências**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- _____. **Honimescência: o começo de uma outra humanidade?**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- _____. **Diálogos sobre a ciência, a cultura e o tempo – conversas com Latour**. Instituto Piaget, 1997.
- _____. **O nascimento da física no texto de Lucrecio - Correntes e turbulências**. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos: EdUFSCAR, 2003.
- _____. **O terceiro instruído**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.
- _____. **Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____; PICQ, P; VINCENT, J-D. *Qu'est-ce que l'humain?*. Paris: Le pommier, 2010.
- SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação liberdade, 2000.
- STEIN, E. **Antropologia filosófica questões epistemológicas**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Divulgação

As origens gregas do racionalismo popperiano

Iniciadores do modo discursivo racional inaugurado na Hélade Arcaica e que se mostraram a fonte da rica matriz do desenvolvimento racional e científico posterior. Popper levanta a questão da crítica ao método indutivo da ciência positivista, localizando-o historicamente no que denominou "mito baconiano" e em certa tendenciosidade de Aristóteles ao criar o método indutivo com base no procedimento socrático do *elencho*. Supõe-se compreender a relevância do convite de Popper quanto ao regresso aos gregos e sua motivação originária quanto à cosmologia e à teoria do conhecimento, através da possibilidade de melhor compreender a lógica da investigação científica popperiana, investigando as bases histórico-filosóficas de sua argumentação que, conforme se acredita, está diretamente estabelecida no veio do pensamento pré-socrático.



É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UNIOESTE e em Cognição e Linguagem pela UENF, é especialista em História, Arte e Cultura pela UEPG e em Saúde para professores e alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela UFPR, é graduado e licenciado em Filosofia pela UERJ. Servidor público federal, docente de Filosofia EBTN no IFPR.



978-613-0-16981-7



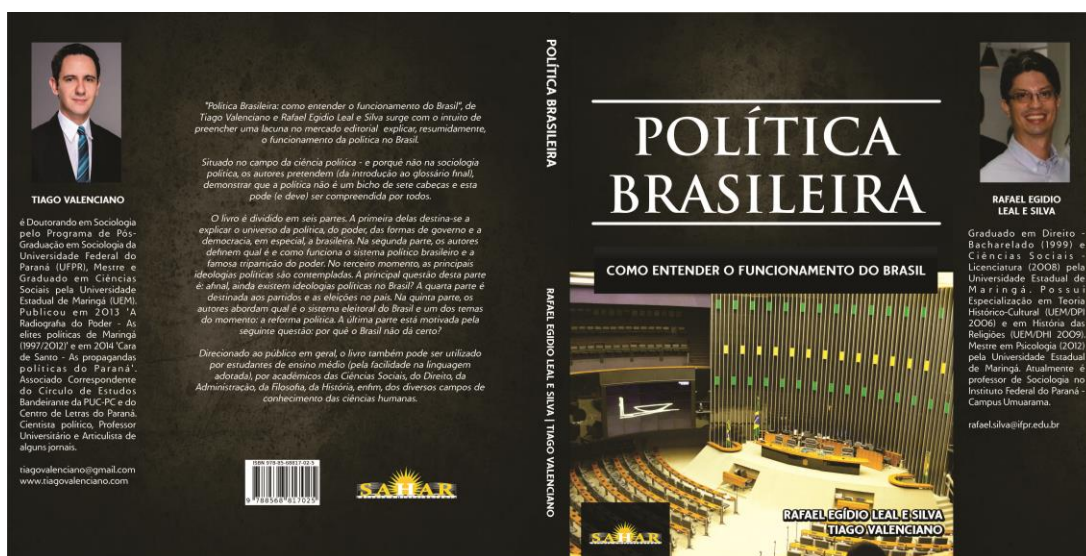
Por: José Provetti Junior. É disse que fala a obra: propõe-se a apresentar os resultados de uma pesquisa em torno das bases filosóficas da visão popperiana do conhecimento, pois se supõe, através da obra de Popper, **O Mundo de Parmênides: ensaios sobre a ilustração pré-socrática (TWP)**, a ideia de retorno aos gregos no que respeita à atitude originária destes quanto à filosofia. Iniciadores do modo discursivo racional, inaugurado na Hélade Arcaica e que se mostraram a fonte da rica matriz do desenvolvimento racional e científico posterior. Popper levanta a questão da crítica ao método indutivo da ciência positivista, localizando-o historicamente, tanto no que denominou "mito baconiano" quanto em certa tendenciosidade de Aristóteles ao criar o método indutivo, com base no procedimento socrático do *elencho*.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Supõe-se compreender a relevância do convite de Popper quanto ao regresso aos gregos e sua motivação originária quanto à cosmologia e à teoria do conhecimento, através da possibilidade de melhor compreender a lógica da pesquisa científica popperiana, investigando as bases histórico-filosóficas de sua argumentação que, conforme se acredita, está diretamente estabelecida no veio do pensamento pré-socrático. O que possibilita compreender o conjunto da obra popperiana como sendo uma tentativa do filósofo em construir um sistema cosmológico autenticamente fundante, alinhado com o filosofar helênico arcaico, com vista aos desafios da filosofia e da ciência contemporâneos, no que se refere à Epistemologia.



Por: Tigo Valenciano & Rafael Egídio Leal e Silva

Vivenciamos na atualidade uma forte turbulência política em todos os âmbitos. Nunca a política esteve tão desacreditada como agora. Assistimos uma crise forte da qual ainda sabemos como será seus rumos e desdobramentos. Apesar deste mar revolto e de incertezas, o pensamento brasileiro é brindado com uma obra importante, fruto de profunda reflexão de seus autores, Tiago Valenciano e Rafael Egídio Leal e Silva.

O livro “Política Brasileira: como entender o funcionamento do Brasil”, nasce como o preenchimento de uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lacuna no mercado editorial e principalmente na ciência política. A obra dos escritores tenta explicar, de maneira resumida, como funciona a política no Brasil, dentro do âmbito da ciência política.

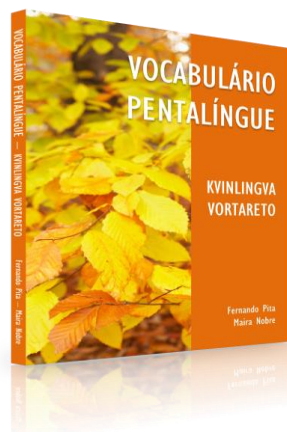
Tiago e Rafael pretendem, de maneira simples e objetiva, explicar desde a introdução ao glossário final, que a política não é um bicho de sete cabeças e que, apesar das incompreensões da atualidade, deve ser compreendida pelos brasileiros.

Esta obra é organizada em seis partes. A primeira destina-se a explicar o universo da política, do poder, das formas de governo e a democracia, em especial, a do Brasil. Na segunda parte, os autores Tiago e Rafael definem qual é e como funciona o sistema político brasileiro e a tripartição do poder. Na terceira parte, as principais ideologias políticas existentes são estudadas. E a principal questão discutida nesta parte é: afinal, ainda existem ideologias políticas no Brasil? Na sequência, na quarta parte, os autores demonstram os partidos e as eleições no país. Na quinta, os autores abordam qual é o sistema eleitoral do Brasil e um dos temas do momento: a reforma política. A parte final tende a demonstrar porque a política no Brasil é algo tão complexo de ser compreendido. O trabalho é encerrado como um glossário com os principais conceitos abordados no livro.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



VOCABULÁRIO PENTALÍNGUE: *KVINLINGVA VORTARETO*

Por: Luiz Fernando Pita⁸⁷

&

Maira Nobre⁸⁸

Nossa prática pedagógica como professores de língua estrangeira mostra-nos que, a par das regras gramaticais, ortográficas e de pronúncia pelas quais os estudantes têm necessariamente de passar, um dos maiores empecilhos para um desenvolvimento mais rápido no idioma desejado é a aquisição de um vocabulário. Embora o aluno diversas vezes domine os conteúdos mencionados, faltam-lhes as palavras exatas para se expressarem.

87 Doutor em Letras Português-Latim pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é mestre em Literaturas Hispânicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa de Idioma Internacional Neutro – Esperanto. É Diretor de Ensino da Associação Esperantista do Rio de Janeiro – AERJ.

88 É doutora em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestra em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e graduada e licenciada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. É Diretora do Departamento de Divulgação da Associação Esperantista do Estado do Rio de Janeiro – AERJ e Primeira-Secretária da Cooperativa Cultural dos Esperantistas – CCE.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por isso, resolvemos trazer a público a presente obra, que, longe de ser completa, oferece ao estudante o vocabulário de uso mais frequente nas situações que um falante de língua estrangeira vivencia.

JPJ Editor



Site do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>

O sítio do Grupo de pesquisas foi elaborado para a veiculação das produções de ensino, pesquisa e extensão dos pesquisadores-efetivos, pesquisadores-colaboradores e pesquisadores-júniors da equipe investigativa.

Corresponde à demanda do Projeto de pesquisa, que visa a socialização e democratização de todos os saberes e conhecimentos produzidos pela equipe investigativa, nos moldes de geração de Filosofia, Ciência e Tecnologias sugerido pelo referencial teórico do Grupo, o filósofo e epistemólogo Karl Raymund Popper.

O sítio é composto por páginas de “Atualidades”, “Coordenações”, “Quem somos e o que pensamos”, “Lista de pesquisadores”, “JPJ Editor”, se subdividindo este site em: “Títulos”, “Vídeos-aula”, “Orientações para pedidos físicos de livros ou vídeos” e “Centro de análise de obras para publicação”.

O sítio do Grupo também possui o site para a “IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológicas”, órgão de divulgação científica do Grupo.

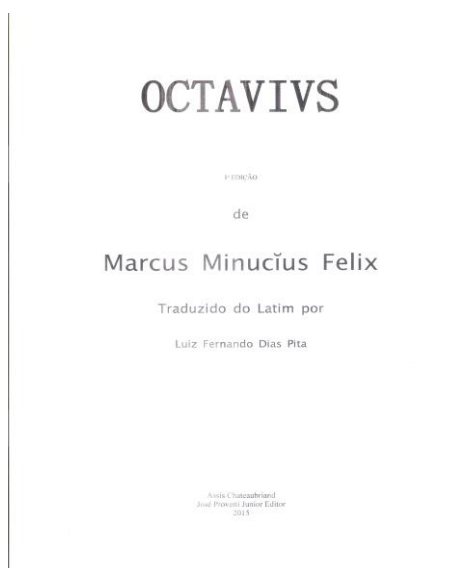


IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Há um link para Reportagens com professores e pesquisadores que já travaram conhecimento em alguma das atividades do Grupo de pesquisa. (Em construção). E um link para você se comunicar com a Coordenação Geral do Grupo de pesquisas e expor sua opinião e sugestões sobre o conteúdo do site.

Acesse e conheça os serviços públicos, estatais e gratuitos oferecidos pela equipe investigativa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR!



OCTAVIUS

De Marcus Minucius Felix

Tradução do Latim por Luiz Fernando Dias Pita

OCTAVIUS foi escrito por Marco Minúcio Félix entre os anos de 175 e 190 d. C., e é apenas graças a um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

feliz acaso que podemos, hoje, contar com essa peça-chave para preencher os bastante desfalcados quebra-cabeças da evolução da literatura em língua latina e o da aculturação do Cristianismo nas porções ocidentais do Império Romano, pois a obra chegou até nós unicamente por um grato engano de algum copista medieval que, confundindo seu título com a palavra "*octauus*", isto é, "o oitavo", incluiu-o como o oitavo livro do *Aduersus nationes*, de Arnóbio.

A historiografia cristã nos ensina que o processo de divulgação do Cristianismo começa, ainda no século I, pelo trabalho dos apóstolos juntos às sinagogas espalhadas pelas cidades de expressão grega do Oriente do Império, conseguindo aí formar os primeiros núcleos cristãos. Tais convertidos eram, como o próprio São Paulo, judeus que, por força da convivência, vinham, há já algumas gerações, construindo um diálogo entre sua tradição religiosa e a cultura helenística presente nessas cidades.

É DISSO QUE TRATA essa obra: é um empolgante e profundo diálogo entre o autor, patricio romano cristão e seus melhores amigos, romanos, a respeito das bases e fundamentos filosóficos da então nova religião. Tão perseguida pelo governo e incompreendida pelos cidadãos, vítima de preconceitos e de sincretismos com outras seitas do Império. Quem é mais próprio? As ideias do carpinteiro galileu ou a religião civil de Roma?

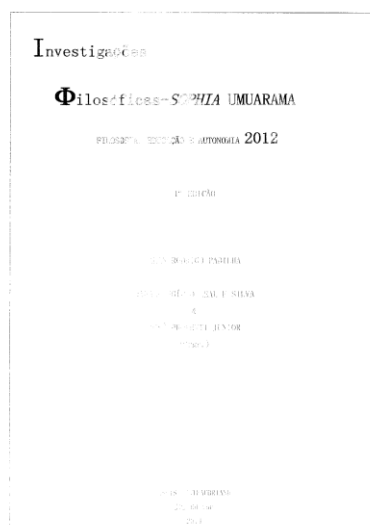
A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama – 2012 – Filosofia, Educação e Autonomia

Organizado por:

Alan Rodrigo Padilha

Rafael Egidio Leal e Silva e

José Provetti Junior

Investigações Filosóficas-Sophia: Umuarama – 2012 – Filosofia, Educação e Autonomia é a transcrição dos seminários realizados durante o primeiro ano de realização do Projeto de extensão IF-Sophia, na cidade de Umuarama, versando sobre questões relacionadas a Filosofia enquanto processo de promoção da educação e autonomia humana.

É DISSO QUE TRATA esta obra: da análise crítica, por vários filósofos brasileiros, do papel dos saberes



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosóficos na promoção da autonomia cidadã, através da educação, tendo como referência alguns dos importantes pensadores contemporâneos da atualidade.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>

Outros títulos da JPJ Editor



O dualismo em Platão

Por: José Provetti Junior

O DUALISMO EM PLATÃO tenta compreender as relações psyché-sôma (alma-corpo). Essa motivação se fundamenta nas dificuldades engendradas pela Filosofia da Mente para estudar, refutar ou justificar a mencionada relação. Para aproximação do assunto intentou-se analisar o que Platão compreende por alma (psyché) e corpo (sôma), nas seguintes obras: “Timeu”, “Fédon”, “Fedro”, a “República”, “Apologia de Sócrates”, “Mênnon”, “Banquete”, “Sofista” e “Político”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Embora seja uma pequena fração do conjunto das obras de Platão, acredita-se que essa amostragem seja suficiente para tentar alcançar o mencionado objetivo.

A hipótese que se defende é que não é possível a um grego da época de Platão conceber uma separação diametralmente oposta e radicalmente incomunicável entre o que a tradição filosófica convencionou chamar de Mundo Sensível e Mundo Inteligível, ou em outras palavras, aquilo que viria a fundamentar a distinção atual na Filosofia da Mente entre o mental e o físico.

É DISSO QUE TRATA esta obra: da análise crítica de uma amostragem das obras de Platão a respeito dos conceitos de alma e corpo, suas relações, imbricações e consequências, sob o enfoque a História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades envolta no problema contemporâneo do campo da Filosofia da Mente que tenta explicar o que é a mente humana e suas interações com o corpo.

A obra se encontra disponível, gratuitamente, no sítio

<http://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/#!ttulos/ch3p>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental

Por: José Provetti Junior

TRADICIONALMENTE no campo filosófico, as concepções de indivíduo, interioridade, subjetividade e demais correlatos ao conceito de indivíduo são creditados a Descartes, que viveu no século XVII, com sua reflexão metafísica que conclui com o famoso “penso, logo existo” (1996: 265-275).

No entanto, ao historiador da filosofia cabe a tarefa de investigar as raízes históricas da famosa asserção cartesiana e remontando à tradição filosófica anterior ao pensador francês, percebe-se que é possível investigar a rede de filiações conceituais que eclodirão em Descartes, advindas dos inícios do pensamento filosófico, na Grécia, em especial, no que se refere ao conceito de alma e pelo que se entendia sobre isso no pensamento pré-socrático.

Nessa medida, “A Alma na Hélade: a origem da subjetividade ocidental” é um trabalho no qual procurou-se estudar as bases do pensamento pré-socrático, as latências das noções de subjetividade e indivíduo ocidental sob a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

perspectiva do desenvolvimento dos conceitos de alma, imortalidade e sobrevivência da alma ao fenômeno da morte.

Dessa investida de compreensão a respeito do pensamento e vivência psicossociais dos helênicos pré-socráticos, buscou-se demonstrar como se deu o afastamento dos deuses do cotidiano existencial das representações helênicas que os homens da época tinham a nítida percepção da desvinculação divina de seu dia a dia, observada através das doutrinas dos filósofos do período posterior a Sócrates, bem como os deslocamentos de valor aplicado à noção de *areté*, pelo corpo cívico.

É DISSO QUE TRATA esta obra: da análise crítica e histórica das bases culturais do pensamento filosófico grego em torno do conceito de alma sob a perspectiva da História das Mentalidades, das Ideias e Psicológica, buscando tornar mais compreensível a Filosofia pré-socrática.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Chamadas públicas

1. Julho/ 2017 – Educação Técnica e Tecnológica: desafios do desenvolvimento brasileiro.

Próximas chamadas

2. Outubro/ 2017 – Cidadania, democracia e representatividade política e sindical.
3. Filosofia Política: cidadania e controle social.
4. História enquanto Ciência: problemas e encaminhamentos.

Informações através do sítio:

<http://www.grupodesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>

<http://www.grupodesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/>